

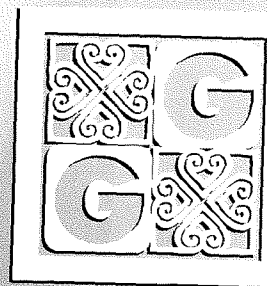

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Cadeira	Patrono	Acadêmico
nº01	João Gualberto de Oliveira	Gasparino José Romão
nº02	Plínio Salgado	Adolfo Vasconcelos Noronha
nº03	José Martins Fontes	João Ranali
nº04	João Guimarães Rosa	Néfi Tales
nº05	Antônio Frederico de Castro Alves	Norlandio Meirelles de Almeida
nº06	José Bento Monteiro Lobato	Milton Luiz Ziller
nº07	Luís Nicolau Fagundes Varela	Flávio Cleto Giovanni Trombetti
nº08	Vicente Augusto de Carvalho	Aristides Castelo Hanssen
nº09	Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	Alfredo Ibrahim Khouri
nº10	Ennio Chiesa	Clarimundo Oliveira Aguiar
nº11	Gustavo Corcão Braga	José Alaercio Zamuner
nº12	Otávio Rodrigo Langgaard Filho	José Alves do Carmo
nº13	Guilherme de Andrade e Almeida	Ari Baddini Tavares
nº14	Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	Laerte Romualdo de Souza
nº15	Mário Raul de Moraes Andrade	Oscar Gonçalves
nº16	Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	Mara Sueli de Lara M. Carletti Lauri
nº17	Cassiano Ricardo Leite	Wenceslau Nasari Campos
nº18	Cecília Meirelles	(VAGA)
nº19	Paulo de Oliveira Leite Setubal	Bismael Batista de Moraes
nº20	Menotti Del Picchia	César Magalhães Borges
nº21	Marcus Vinícius Cruz de Moraes	Antônio Filardi Luíz
nº22	Pedro da Silva Nava	Armando A. Colacioppo Sobrinho
nº23	Cornélio Pires	Espedito Pinheiro de Souza
nº24	Ibraim de Almeida Nobre	(VAGA)
nº25	João da Cruz e Souza	Isabel Borazanian M. de Oliveira


Obs.: As cadeiras de nºs 26 a 40 estão VAGAS.

Revista da Academia Guarulhense de Letras nº 3, ano III, 2001

Academia Guarulhense de Letras



Academia Guarulhense de Letras



Revista da Academia Guarulhense de Letras nº 3, ano III, 2001

ISBN 85-7372-594-X



9 788573 725940

SCOR
Editora
TECCI

Aceita-se permuta.
Exchange is solicited.
Aceptamos intercambio.
On demanche l'échange.
Man bit ttet um Austausch.
Si prega l'intercambio.

Comissão de Redação e Composição:
ACAD. LAERTE ROMUALDO DE SOUZA
ACAD. BISMAEL BATISTA DE MORAES
ACAD. ALFREDO IBRAHIM KHOURI
ACAD. MILTON LUIZ ZILLER

Capa:
WALTER SAIANI

Logomarca:
FABIO VICENTE

Revista da Academia Guarulhense de Letras nº 3, ano III, 2001

Academia Guarulhense de Letras

SCOR
Editora
TECCI

2001



© Dos Autores



3025/1-0500-208-2001

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista da Academia Guarulhense de Letras. --
São Paulo : Scortecci, 2001.

ISBN 85-7372-594-X

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Crônicas
brasileiras - Coletâneas 3. Ensaio brasileiro -
Coletâneas 4. Poesia brasileira - Coletâneas.

01-5986

CDD-869.9308004
-869.9108004

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Século 20 : Literatura
brasileira 869.9308004
2. Crônicas : Coletâneas : Século 20 : Literatura
brasileira 869.9308004
3. Poesia : Coletâneas : Século 20 : Literatura
brasileira 869.9108004

SCOR
Editora
TECCI

Scortecci Editora
caixa postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970
telefax: (11) 3032 1179 e 3032 6501
editora: www.scortecci.com.br - e-mail:
editora@scortecci.com.br
livraria e loja virtual: www.asabeca.com.br

BOAS E BELAS SURPRESAS

Toda manifestação intelectual provém do espírito. Mostra-nos a filosofia e prova-nos a ciência que o corpo, essa maravilhosa máquina estruturada por força de leis naturais para absorver e exteriorizar sensações, individualiza os seres. E, dentre as entidades criadas pela inteligência humana para a dialética do processo, destaca-se a Academia de Letras, reunindo personalidades díspares, para a convivência criativa e fraterna. Isso porque a descoberta verdadeira dissolve o preconceito, amplia a simpatia e possibilita os atos sinceros de amor.

Os trabalhos que compõem este novo volume da *Revista da Academia Guarulhense de Letras* representam um pouco desse nobre congoçamento. Das individualidades integrantes deste Sodalício, externadas em suas obras, alguram-se longa vida e luzes perenes aos seus autores. Muito ainda há que fazer, mas já se descobriu o mais importante: o caminho para a busca da verdade, que é feito, passo a passo, pelo conhecimento, tarefa inspiradora de todos os acadêmicos.

Sejam bem-vindos às páginas desta nossa Revista. Haverá, com certeza, boas e belas surpresas para todos os leitores.

A Diretoria

SYLVIO OURIQUE FRAGOSO
(Lembrança)

ESTRELAS DE FOGO

*"In memoriam" do poeta e acadêmico
Sylvio Ourique Fragoso*

No mês de junho o céu, antigamente,
Ficava de balões tão estrelado
Que da noite o negrume incendiado
Embevecia o olhar de toda gente.

E eu devassava o espaço transparente
Buscando em cada ponto iluminado
O olhar que me deixava apaixonado
Nalgum momento de um passado ausente.

Mas hoje, quando junho a terra abraça,
E eu vejo de um balão a luz que passa
Tingindo de vermelho o firmamento,

Sei que era a ti somente que eu buscava
Quando a fitar o céu me demorava
Naquelas noites frias, ao relento.

CONDÃO

Se um mágico poder me fosse dado
de transmutar as coisas a um desejo,
Transformaria tudo o que vejo
De forma a que te desse mais agrado.

E estando o mundo todo transformado
No sítio de venturas que te almejo,
O céu e a terra unidos por um beijo
Manteriam a paz que tens buscado.

Se eu dominasse os ritos da Magia,
Se eu possuísse as chaves da Alquimia,
Se da Cabala o arcano conhecesse,

Posso jurar, querida, que terias
A vida inteira plena de alegrias,
Sem nada que jamais te entristecesse.

SUMÁRIO

A Ibrahim Khouri	11
Adolfo Vasconcelos Noronha	25
Armando Colacioppo	29
Bismael B. Moraes	39
Castelo Hanssen	49
César Magalhães Borges.....	61
Clarimundo de Oliveira Aguiar	73
Espedito Pinheiro de Souza	85
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	97
Gasparino José Romão	109
Isabel Borazanian	125
João Ranali	143
Jonny Hermínio de Melo Doin	159
Laerte Romualdo de Souza	161
Milton Luiz Ziller	175
Vanda Fagundes Queiroz	191
Resenha das atividades da Academia Guarulhense de Letras Ano 2000	193
Diretoria 2001/2002 — Academia Guarulhense de Letras	205

A. IBRAHIM KHOURI

O DUPLO ÁURICO

*Inspirado nas Obras do Professor de Artes Plásticas
Wilson de Jesus Silva e da escultora Corina de Oliveira
da Associação Paulista de Medicina.*

Eis-me ilimitado e primitivo.
Eu deus e eu livre da floresta,
de onde fui bruscamente arrancado,
pra servir aos caprichos da festa.

Um, busca só admiração,
o orgulho devorou-lhe a consciência;
o outro, um lugar sem pressão,
no nostálgico horizonte da essência.

É nesta história que eu entro,
com refinamento, vaidade e abuso,
mas agora quero ver-me por dentro,
separado do que faço uso.

Do meu interior, olho pra longe,
distante do comum e individual.
Quero o pouco de mim que resta hoje,
nesta mescla de homem e animal.

II

Imergir, oh, chave da imaginação!
Mística relação do meu eu, comigo.
Sem antítese, sem contradição,
neste elevar-me na imensidão,
do meu interior, meu abrigo.

Um universo só de emoção,
sem chão, sem frente, sem fundo,
sem a palavra civilizada,
um país onde a convenção
é um doce olhar falando tudo
e não existem os senhores do mundo
que falam e não dizem nada.

Um refúgio de encanto e magia,
lugar onde não se chega a esmo,
cujas ondas, de pura energia,
quebram-se nas praias de mim mesmo.

III

Ah, interioridade, parte amiga,
tão livre de orgulho e vaidade!
Mística ponte que me liga,
ao estado que se ganha c'a idade.

Um sentir que se expande de verdade,
não o amor próprio, individualista,
como dominar e a conquista,
amor em si, a universalidade.

Sem palavras vãs, sonhos sagrados,
um não sei o quê, que o verso sela.
Pedaços do meu eu, tão mutilado,
unidos nesta imensa passarela.

Mas, lembro-me de você, de tempo em tempo,
na verdade, por você, sempre medito,
pois deu origem a todo o crescimento,
do canto desse amor tão infinito.

Ah, saudade! Algo superior a uma pessoa,
símile do pastor e do rebanho.
Ambos, ligados pelo campo, vão à toa,
como em mim, esta lembrança se agrilhoa,
eu sigo, sem saber, se perco ou ganho.

Ah, Senhor! Quanto engano!
Gravou-me a ferro, o amor certo,
que a parte animal do ser humano,
ficou amando, eternamente, o cativo.

PAZ

Cessem os dramas onde Otelo,
agindo com paixão se fez pequeno,
a falta de amor é o veneno,
capaz de pôr por terra um castelo.

Cessem todas as rivalidades!
Dos Montecchios aos Capuletos,
não ocultem sobre o riso uma faceta.
Lapidem seus instintos violentos,
pois o ódio matou Romeu e Julieta.

Cesse o poder "dos donos da verdade!"
Que fazem da mentira a triste arte,
C'a fala austera, a calúnia, a tirania,
pois no meu coração ainda arde
o vício de espalhar por toda parte
um lume de esperança com poesia.

UM VERSO BRANCO

Entrego-lhe esta página em branco. Parece não ter destino, parece não ter história, parece que foi engano. Olhe-a bem! Há nela a mais bela dedicatória; é a reencarnação de ontem, um desejo febril de reencontro. Tem cheiro, odor, aroma margeando a página vazia, em contraste com a frieza do mundo pronto, sem esperança, sem encanto, sem poesia. É um verso! Nele as vozes se revelam sem silêncio. Neste espaço, há imagens sedentas, ofegantes, que se amam, corpos que se enroscam ao som de um poema em branco, pétalas que se inflamam, se orvalham, se desabrocham, viram, novamente, um botão que se envolve na alvura da face do papel. É um verso com cadência, ritmo, plasticidade, movimento, conteúdo e harmonia, onde sem receio, censura ou medo, ficam despertos nossos sentidos sem temerem os caçadores de segredos. Ao vê-lo ninguém se sentirá enciumado ou traído. É um verso de amor, branco de paz, não se intimida e a ninguém desafia. Não corre o risco de ser lido, todos a esta página dão as costas, não conseguem enxergar a poesia, somente nós, neste intervalo, encontramos respostas. Nela falo o seu nome, audaciosa você responde, sem sequer despertar atenção. Não usamos frases evasivas sobre os nossos sonhos, a nossa louca paixão viva, que só você escuta e sente, que só eu anseio e ouço. Possui no frontispício beijos, abraços, gemidos, ousadia. É rosto e rosto de carne e osso. Não há enigmas! É um verso branco, escrito em branco num papel da mesma cor. Nesta fachada, além do nome da obra e do autor, há tudo que você imagina, tudo que você não ouviu e deseja desde os tempos de menina. Nela, sem censura, você está livre para desafiar o mundo com suas convenções, tabus e preconceitos. Esta página é sua, está gravada em seu coração. Ninguém poderá arrancá-la, faz parte da sua intimidade, está no seu quarto, rolando branca, num travesseiro de qualquer cor, acariciando o seu corpo e se esparramando, eternamente, em sua cama.

NA PAUTA DA IMAGINAÇÃO

Mais uma vez, passou a sombra
e o coração, que bateu com tanto custo,
se compassa, na esperança, sem o susto.
É música com o encanto do intervalo.

E como astros, na amplidão, os meus sentidos,
vivem outro instante, há milênios,
mas em razão dos declínios já vividos,
já não sabem mais diferenciá-los.

Não sei o que é presente ou passado,
ambos vivem juntos ao meu lado,
olhando um beco, ainda escuro,
à espera que a aurora do futuro
ilumine a ampla sala, tão vazia.

Outra vez, o coração mostra o que sente,
sua vontade de trazer para o presente
o passado que ele nunca renuncia.

AH, IMAGINAÇÃO!

Sempre projetando na memória,
em preto e branco, em flashes coloridos,
o bom presságio, o canto perdido,
o sonho sem platéia, à espera de glória.

Não pára, é um rio intermitente,
onde a imagem principal
segue a corredeira,
juntando-se às outras, por acidente.
Tenta resgatar sua metade.

Às margens o passado e o futuro
vão embarcando no presente vazio,
ligam-se por uma frágil ponte de madeira,
que já não suporta o peso da realidade.

Fora do rio, há o ritmo alucinante,
onde os olhares, frios e duros,
não se perdem em devaneios. Os caminhantes
não crêem na parte mística, são céticos,
não se integram, não se entregam.
Não possuem sonhos, nem segredos,
estão fora da imensidão, só o contraste
coloca-os dentro do discurso poético.

Ah, imaginação!

Fonte do desejo e da vontade,
onde fora do tempo a gente pensa,
que pode diminuir a diferença,
entre o real e o imaginário.
E sem renunciar o sonho, e a crença
Seguimos nossa vida fria e vã.
Pois se a realidade já foi só fantasia,
o nosso sonho ainda pode ser, um dia,
o retrato precoce do amanhã.
Luz distante, um veio de energia,
que pode, sem querer, virar matéria
e alimentar nossa vida imediata,
cercada entre o esplendor e a miséria.

Ah, imaginação!

Que me faz viver sempre à cata,
dos pedaços que perdi, mundo afora,
dos seres que marcaram minha história.
E numa cessão de cor e de imagens,
cede-me o ontem, aqui, agora,
numa transferência total e sem vantagem
— uma cessão convencional, mas ilusória,
que me faz senti-la, afinal.
Não importa que me vista a saudade,
imaginando esta tal felicidade,
na lembrança impalpável, mas real.

RESCALDANDO A TRAGÉDIA

É o fim da certeza provisória,
sem receio de todo o julgamento,
condição essencial deste meu feito,
o meu ressentimento tem história.

É difícil descrever a amplitude,
onde o abuso não era uma exceção,
mas regra, que viveu bem amiúde,
à sombra “do interesse da nação”.

E aos arrepios do direito ordenado,
vestiram-se os covardes de heróis,
que se gabam por terem executado...
O tiro, uma lembrança que me dói.

Hoje, desprende-se, dos limites tão estreitos,
a palavra, fruto do pensamento.
Aflora o encanto da verdade,
sem o reparo da pena do tempo.

13 de fevereiro de 1972

ESTELINHA

Está presa à luz de outrora,
uma parte de minha história.
O tempo e o espaço na mente.
Mas alheio aos rumores lá fora,
este pedaço de mim se renova.
Basta surgir de repente,
no corredor da memória,
o amor imaginário e puro.
Aí, compartilho da tua alcova
no silêncio da madrugada,
quando o sono faz intervalo
e não se ouve mais nada.
Meus lábios buscam teu corpo,
teu corpo tenta encontrá-los.
E na claridade do escuro
não sei se vivo o agora,
se perco o passado e o presente,
e por certo também o futuro...
Mas será que houve só perda?...
se a espero sem receio?
— Se o tempo e o espaço inexistem —
e não consigo sequer ficar triste,
sinto perto o arfar dos teus seios.
Que importa o mundo vazio,
secando os meus verdores!
Que restou dos meus amores,
queimando-se no imenso frio?
Se fica de ti a harmonia,
num sonho tu te resumes,
além de verso e poesia,
um pouco do teu perfume.

DEVANEIO

Lembrança, oh, doce companhia!
Sempre atenuando minha vida só,
que esmaecida oscila como a vela
e não fosse pela insônia,
— esta atenta sentinela —
estaria, há muito, reduzida a pó.
Talvez adivinhando o meu desejo,
o vento a traz num sopro rijo,
entra pela fresta da janela,
desperta os meus sonhos proibidos,
que fazem do meu coração esconderijo,
com a mágica energia que vem dela.

QUEM É VOCÊ?

Existir, quanto tempo se perdeu,
sem imaginar um momento de presente prá nós dois.

Ah, amor! Como imaginar que, no
meio de esperanças mortas,
eu venceria o seu temor,
entrasse em sua vida,
fechasse a porta prá dizer:
Voa! Voa amor!

Mas que pena que o tempo
vai se gastando
e que sem nos encontrar,
seguimos voando;
você habitando os meus pensamentos,
invadindo o meu aposento,
incendiando a escuridão do
meu quarto.

Ah, vagalume! Que ninguém
vê,
eu a conhecendo tanto
e tão pouco, sigo a perguntar
como louco: — Quem é você?

RETIRADA

Ah, triste ilusão a felicidade!
Neste mundo de armadilha e esquivaça,
mesmo de braços com a liberdade,
a cada dia, vejo morrer a esperança..

Não estabeleça contato comigo,
quero vagar pelo meu deserto,
e na profundidade do meu ser,
hoje, não cabe ninguém por perto.

Estou do outro lado da fronteira,
em busca da terra, da água, do fogo,
só assim vai diminuir a distância
e eu consigo começar tudo de novo.

ADOLFO VASCONCELOS NORONHA

TRIBUNAIS ASSALTANTES

A. Vasconcelos Noronha

Presidente da Sociedade Guarulhense de Educação, Diretor Geral das Faculdades Integradas de Guarulhos e Membro efetivo da Academia Guarulhense de Letras.

Certos magistrados (a minoria) alardeiam sua vocação para cuidar do “social”... com isto, pretendem tirar dos ricos para dar aos pobres!... Para eles, bem e mal são convenções da sociedade humana. Importa-lhe a sua ideologia e nada mais, nem a própria Lei! Assim, jamais entenderão que, ao se tirar de alguém o que ele não deve, estarão praticando a extorsão, um roubo! Afora o imoral propósito de praticar generosidades com o chapéu alheio...

Entrementes, aconteceram dois casos em que o absurdo ganhou relevo mercê do exagero da tal “generosidade” e do entusiasmo pelo “social”... Num centro de pesquisa, na zona rural do Interior do Estado, ligado a dois núcleos universitários, houve um grupo de oito empregados que, instruídos por algum aventureiro de fora, pediram para ser mandados embora... Foram francos: não pediriam demissão, mas queriam ser demitidos para, assim, receberem “seus direitos”...

“Como esses assalariados rurais já vinham “amolecendo” o corpo no serviço, quase nada produzindo em evidente má vontade, o empregador, “a mantenedora SOCIEDADE GUARULHENSE DE EDUCAÇÃO”, atendeu a seus pedidos. Despediu-os e pagou todos os seus direitos, tudo calculado pelo

Departamento do Pessoal da instituição.

Logo em seguida, recorrem à Justiça do Trabalho reclamando indenizações altas, as mais estapafúrdias. Dois deles com pouco mais de um ano de serviço e ganhando pouco mais que o salário mínimo; um deles, o faxineiro e uma auxiliar de cozinha. Esta, com o marido, filha e genro, todos (demitidos a pedido), compondo o grupo de oito — que formava uma espécie de “gang” para o golpe na Justiça do Trabalho, a compor o que a própria jurisprudência qualifica de “demonismo doloso”, golpe desonesto que anula a reclamatória.

Em primeira instância, o faxineiro foi agraciado, na sentença, com uma indenização de R\$ 20.000,00, o equivalente a um automóvel popular zero quilômetro; e a auxiliar de cozinha foi premiada com uma possível indenização, pelo julgado, no valor de R\$ 30.000,00, — o equivalente a um automóvel zero quilômetro, dos grandes!...

Basta fazer o balanço do turco para se concluir que aí estão dois assaltos! Mesmo somados tudo quanto os assalariados receberam durante todo o tempo em que ali trabalharam, mesmo MULTIPLICADO POR DEZ, não se chegaria àqueles valores!

Após as apelações e recursos, em que o carimbo dos acórdãos confirmava as dádivas imoralíssimas (e com surpreendente rapidez, a evidenciar toda quadrilha da corrupção pró-“social”...), houve a Revisória, ainda pendente, nos dois casos, com um dos processos no TRT e outro, no TST.

Parece-nos evidente que, nos dois casos, apenas se mudaram as armas. Nos assaltos comuns, usam-se os revólveres e as metralhadoras, agora, neste caso, a arma da sentença e dos acórdãos!...

Acontece que, nos tribunais assaltantes, fica assegurada a impunidade!... Nem já existe crime, ali, porque o assalto fica oficializado, legalizado, já que o julgado tem força de lei entre as partes, “ex vi” do Poder Judicante. Impunemente à falta de um órgão interno de controle, e nem controle externo!!!

E a sociedade brasileira poderá indagar: ATÉ QUANDO?

OLHOS VERDES

Daqueles olhos verdes, que saudade!
Ó doce olhar sereno e soberano,
que foi buscar no verde do oceano
o manto de esperança que me invade!

Inspiração da minha mocidade!
A astúcia de meus olhos de cigano
Campeia desvairado, há mais de ano,
Esse divino olhar, pela cidade.

Mas, estas esperanças me são baldas,
porquanto a dona dessas esmeraldas
passa por mim fitando a não sei quê;

tenho a impressão que apenas ela passa...
passa sorrindo apenas, só por graça...
apenas diz “bom dia”... e não me vê!

O TEU TRICÔ

Sempre à tardinha, neste mesmo horário,
gosto de ver-te na varanda, tendo
nas mãos sublimes, como teu fadário,
esse tricô sem fim que estás fazendo.

Assim como quem fia o seu rosário,
só vendo o céu, do mundo se esquecendo,
prendes o pensamento atribulário
entre os fios de lã que vais tecendo...

E uma estranha ambição que bate na alma,
quando te vejo a trabalhar em calma,
sentada à porta do teu bangalô:

quem me dera apanhar, nesse momento,
a corrente sutil do pensamento
que vais prendendo às malhas do tricô!...

ARMANDO COLACIOPPO

Maestro Armando Attilio Colacioppo, nascido em São Paulo, filho de Dr. Fernando Tullio Colacioppo e D. Gianella Colacioppo, casado com a Profa. Wilma de Mello Colacioppo, tem 6 filhos, Vivian Christina, Armando Marcello, Christiane, Wilson, Anna Maria Magdalena e Pietro Raffaele.

Iniciou seus estudos na área da música desde muito cedo e aos 14 anos já recebia seu primeiro diploma de Professor pelo Conservatório Musical Brasileiro, tendo sido considerado o mais jovem diplomando do país.

Nesta época era assistente de seu irmão mais velho, o maestro Tullio Colacioppo, regente da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo.

Estudou o curso regular no Externato São Vicente de Paula e Liceu Coração de Jesus.

Completo seu currículo profissional na área da música, com cursos de especialização como os de Piano, Instrumentos de Sopro, Contraponto, Fuga, Composição e Regência, nos seguintes Conservatórios: Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, Conservatório Musical Carlos Gomes, Conservatório Estadual de Canto Orfeônico e Conservatório Musical Brasileiro. Curso de Extensão Universitária na Escola de Música do Rio de Janeiro, além de outros cursos que teve a oportunidade de frequentar quando de sua estada nos Estados Unidos e na Europa.

Armando Colacioppo foi professor de Educação Musical no Conservatório do Liceu Coração de Jesus e de Educação Artística na E.E.P.S.G. Conselheiro Crispiniano.

Fundou, juntamente com Tullio Colacioppo, o Conservatório Musical de Santana.

Fundador e diretor do Conservatório Musical de Guar-

lhós há 38 anos, tendo sido por mais de 10 anos consecutivos, este estabelecimento de ensino, contemplado com o Prêmio Governador do Estado.

É formado também pela Faculdade de Direito de Guarulhos, diplomando-se em Ciências Jurídicas e Sociais.

Em 1976, recebeu a comenda “Euclides da Cunha” do “Clube dos Estados” e, no mesmo ano, foi laureado como “Personalidade do Ano”, sendo agraciado com o “Troféu Guarú”, láurea conferida anualmente aos que mais se destacam nas Artes em Guarulhos, como reconhecimento dos esforços desmedidos em benefício da juventude guarulhense que passou pelo Conservatório.

Na Academia Guarulhense de Letras, ocupa a cadeira “Pedro da Silva Nava”.

Recebeu ainda, em 1985, do “Ministério do Exército”, o título de “Colaborador do Exército Nacional”, como reconhecimento e admiração pela colaboração prestada ao Tiro de Guerra de Guarulhos.

Foi Secretário de Gabinete do Governo Dr. Oswaldo de Carlos. Foi Diretor do Centro Cultural da Prefeitura Municipal de Guarulhos. Ocupou, também, o cargo de Diretor do Conservatório Municipal de Artes de Guarulhos.

Nesta caminhada de realizações, é titular da cadeira de Percepção Musical, das Faculdades Integradas de Guarulhos, exercendo ainda, dentro desta Unidade, o cargo de assessor da Diretoria, tendo sido também nomeado “membro de honra” da Academia de Letras das FIG. Hoje é maestro regente do Coral “Integração” das FIG.

Autor da música “Evocação à Guarulhos”, com letra do Dr. Adolfo Vasconcelos Noronha. Compôs, também, a música do “Hino do Lions Clube de Guarulhos”. Escreveu alguns poemas e sonetos, destacando-se: “Ressurreição”, “Contraste I”, “Contraste II”, “Esse Piano”, “Eterno Amor”, “Horas de Silêncio” e “Tu”.

Guarulhos, 01 de setembro de 2000

RESSURREIÇÃO

Ao te ver, meu filhinho, nos meus braços
Entre dores e febre, o olhar disperso
Tombou, como de escombros o Universo
Sobre minha alma o peso dos espaços

Como o campo metafísico já devasso
Mudando o meu ser em mágoa imerso
De repente o coração, que submerso,
Estacou na solidão de negros traços

Eras tu, meu filho, entregue às dores
No início de uma vida em multiflores
Esperanças que morriam no éter profundo

Mas o Senhor Onipotente em sua messe
Escutou no Santo Reino a minha prece
E de novo despertou-te para o mundo

ESSE PIANO

No teu piano que toca
na tarde que cai,
toda a tristeza expressa
na própria tristeza da hora,
derruba, na alma que escuta,
o véu de crepe das coisas
incompreendidas e de segredo
que a alma somente
é que pode ver.
Esse piano acorda, do passado,
as minhas lembranças,
que ficaram na distância,
perdidas e desconhecidas,
e que permanecem
no sigilo do meu eu.

ETERNO AMOR

Na flor dos anos, em descrença infinita
Vivo clamando pelo teu amor.
Passando o tempo, mais ardente ainda.
Vai-se tornando esta infinita dor.

Se nunca em vida a tua figura linda
Deixei de amar, alma genuína em flor,
Agora então que esta existência finda
Eu te devoto mais sincero amor.

Eu te amarei mesmo depois de morto:
No Campo Santo não hei de olvidar-te,
O teu amor há de me dar conforto.

Quem deu-te em vida amor por toda a parte
Terá no céu em um seguro porto
Lindo santuário em que há de adorar-te.

HORAS DE SILÊNCIO

Às vezes eu me preocupo
com a minha solidão...
Nestas horas de silêncio
eu escuto músicas e vozes:
Os "prelúdios" de Chopin...
A "serenata" de Schubert...
O "baião" de Luiz Gonzaga...
O canto na voz de Roberto...
a tristeza da saudade
na voz de Nelson...
Mas, sobretudo, na noite
de silêncio, eu escuto,
o canto da minha angústia
na voz do meu coração!

TU

Minha vida, sempre fora antigamente,
Recoberta de esperança e de alegria;
Descuidado, a sorrir, sempre eu vivia,
Não estando um só momento descontente.

E aos tormentos eu fitava, indiferente,
No desfile de um a um, até um dia,
A paixão veio ao meu peito negra e fria
Devorar meu coração que era contente.

Foste tu, foste tu, mulher formosa,
Que puseste o sofrimento em meu caminho,
Que fizeste a minha vida dolorosa.

E minha alma na orfandade dos caminhos
Sempre chora desde quando a luz radiosa
Dos teus olhos fulminou meu ser mesquinho.

CONTRASTE I

Os meninos pulavam na calçada
sem se preocuparem
com o dia do amanhã,
mas, com o agora que estão vivendo.
Do outro lado, na calçada
estendido no chão,
o homem, sem nome,
não se preocupa com o hoje,
nem com o amanhã.
As esperanças morreram
no correr dos dias,
e nos contratempos,
nas decepções.
Já perdeu até a crença e a fé.
Será que ele, também, já não morreu?

CONTRASTES II

Na solidão da noite no silêncio
eu ouço o grito da fome,
dos que não têm o que comer,
e choram por um pedaço de pão.
No barulho da noite buliçosa,
escuto os risos, de zombaria,
e o tilintar de copos na festa dos ricos
que vivem fartos, no desperdício,
e não sentem a fome do irmão.

HINO DO LIONS CLUBE DE GUARULHOS

*Música de Armando Colacioppo
Letra de Adolfo V. Noronha*

Liberdade, por nós defendida;
Inteligência, por nós cultivada;
Ordem, por nós estabelecida
Nacionalidade, por nós herdada;
Serviço, nosso lema de vida!

Companheiros de Boa-Vontade
Leões de força e de trabalho,
Unidos na fé, no agasalho,
Bondoso, de nossa amizade.

Grandeza — Lions — Tradição
Universal fraternidade,
Aliança de amor à Nação;
Renovação de uma cidade,
União de lares felizes,
Lançando na terra as raízes
Humanas de um mundo melhor,
O bem semeando ao redor,
Sem credo, sem cor, sem paixão!

BISMAEL B. MORAES

PALAVRAS DO ACADÊMICO BISMAEL B. MORAES, EM NOME DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS, DANDO AS BOAS-VINDAS AO NOVO MEMBRO SODALÍCIO, POETA CÉSAR MAGALHÃES BORGES, NA SOLENIDADE DO DIA 12 DE DEZEMBRO DE 2000, ÀS 20 HORAS, NO AUDITÓRIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUARULHOS, PRAÇA GETÚLIO VARGAS, NO CENTRO.

(depois de cumprimentar os componentes da mesa e os demais presentes)

“É sempre uma tarefa honrosa e, ao mesmo tempo, de grande responsabilidade saudar, em nome deste Sodalício, a chegada de um novo colega Acadêmico, que passará a integrar a nossa família. Esta Academia, pela sua própria razão de ser, é um ambiente de luzes. Aqui, exercita-se a liberdade de pensamento na sua acepção mais ampla. Ser membro da Academia Guarulhense de Letras, a par de ser um grande motivo de orgulho, é também aceitar espontaneamente a tarefa de manter acesa a chama luminosa do belo, contribuindo para uma vida mais feliz.

Deve-se observar que, para alguns maledicentes ou afeitos a zombaria, participar de uma entidade como esta, que congrega o intelecto e a sensibilidade, até mesmo pelo sedimentado costume da denominação de “imortal”, seria pura vaidade. De fato, há uma ponta de satisfação em pertencer a uma agremiação cultural — como, de fato, é o caso de fazer parte desta Academia de Letras; porém, mais do que isso, o

que existe é uma junção de afinidades entre os seus membros, pelo amor à literatura, à música, à pintura, à escultura e a tantas outras manifestações nascidas da inspiração dos que a compõem. É que seus integrantes participam ativamente do processo criativo, cada qual a seu modo, procurando materializar no papel, na tela ou na pauta tudo o que lhes propicia a vida acadêmica.

Assim como, por uma lei natural de Física, os similares se atraem, também os amantes das letras e das artes são atraídos pela afinidade que os une. É isso que, neste momento, mais uma vez, se comprova. Mesmo por que, lembrando agora o que disse, com acerto, o filósofo Jiddu Krishnamurti, — explicando que se uma pessoa lesse todos os livros já escritos no mundo e os decorasse, nem assim poderia ser chamada de inteligente, pois esta qualidade pertence àquele que está sempre investigando, pesquisando, em busca da verdade —, os integrantes desta entidade literária e artística, na parte que lhes toca, se esmeram nesse caminho.

Congratulamo-nos com o ilustre confrade que hoje se incorpora na Academia Guarulhense de Letras, para que, junto aos demais pares, possamos todos viver na chamada Lei de Sociedade, em confraternização recíproca, na eterna busca da verdade, em todas as formas de conhecimento. **CÉSAR MAGALHÃES BORGES**, seja bem-vindo a esta Academia.

Estamos de braços abertos e corações exultantes!”

CONSTATAÇÃO INFELIZ

Eu preciso...

Você manda...

Eu obedeco.

Deus fez o homem.

O homem criou o dinheiro.

O dinheiro compra o mundo.

ÀS VEZES

Às vezes, em nossa vida,
meias-verdades, segredos,
deixam que a sorte, ferida,
escape por entre os dedos.

DE UM CEGO NORDESTINO

Lembro o toque da viola
de um cego nordestino,
que rogava, por esmola,
pelas mãos de um menino...
Lembro dos anos quarenta,
das metralhas e dos canhões...
E, na feira, o sol esquenta...
Passo a cuia por tostões.
Lembro de haver aprendido,
do sábio cego iletrado,
valer um tostão pedido
mais que um milhão roubado!
Lembro de feiras e praças,
ao som daquela viola...
Um cego me deu, de graça,
lição de vida, escola...

FOI MEU CARRO ENGUIÇADO

Do alpendre desta casa de fazenda,
vi o céu — como uma colcha de renda —
com imensas nuvens claras, no azul...
E, naquele cenário, o vento ameno
e a montanha verde... Eu tão pequeno,
qual grão de areia no hemisfério sul!

Impotente senti-me, nesse instante,
e invejei um urubu que, lá distante,
desenvolto, deslizava pelo ar...
Transmudei-me da figura de marmanjo
e decolei, com duas asas de anjo...
E, agora, eu me vejo a voitar.

Se é loucura o que enxergo do alto,
mil perdões... Sou um homem do asfalto,
que esquece, a cada passo, a natureza.
Foi meu carro, enguiçado no caminho,
que me fez chegar aqui, por entre espinhos,
e descobrir que, neste mundo, há mais beleza!

MINHA POESIA

Minha poesia
não é obra-prima:
é falha na métrica,
é pobre de rima...

Minha poesia
não tem conteúdo:
digo quase nada,
e quero dizer tudo...

Minha poesia
não segue escola:
a crítica procede;
isso não me amola...

Minha poesia
não cria estilo:
mistura girafa,
lagarto e grilo...

Minha poesia
não quer seguidor:
poupa-lhe o gracejo,
evita-lhe a dor...

Minha poesia
não visa à lisonja:
fraqueja o beato,
diante da monja...

Minha poesia
não brota da verve:
afinal de contas,
nem sei pra que serve!...

Minha poesia
não traz prejuízo;
pode, ao contrário,
até causar riso...

Minha poesia
não "vira cabeças":
ao lê-la, outra vez,
de mim não te esqueças!

Minha poesia
não esconde o broco:
pouco de poeta
e muito louco!

"SUEÑO LEJANO"

Um habitante da América,
um latino-americano,
tenta mostrar que o brilho
pode levar ao engano...

Um desdentado da América,
centro-e-sul-americano,
vê, por trás de cada riso,
a dor de um "pueblo hermano"...

Um viajante da América,
um descendente africano,
ao querer a liberdade,
é fichado como insano...

Um visionário da América
almeja um "sueño lejano":
justiça a toda essa gente
e respeito ao ser humano!

A DONA DO DEFUNTO

Pela primeira vez ela se sentia realmente importante. No amplo e luxuoso salão nobre da Associação Comercial, recebia afagos, beijos e pêsames das pessoas mais importantes da cidade. Até o Prefeito e a Primeira Dama compareceram, muito sisudos, ao contrário do jeitão debochado que lhes era peculiar. Ele beijou-a nas mãos, ela no rosto. Sentiu lágrimas a escorrer pelas faces, e eram lágrimas sinceras. Bem diferentes das lágrimas de crocodilo, tão normais em viúvas ricas.

— Console-se, querida Esther! Lá no céu, ao lado do Senhor, o velho Epa olha por nós todos.

Muito sério, deitado placidamente em seu caixão, o velho Epa — comendador Epaminondas Vilaboim de Castro Poletti — parecia acompanhar os acontecimentos. Entre lágrimas, meio comovidas e meio formais, ela sentiu vontade de rir da situação e da cara do falecido.

Em voz baixa, as pessoas teciam elogios ao ilustre extinto. Por parte da granfinada tudo era formalidade. Sinceros eram os pobres, que lá compareceram vestindo seus trajes de missa. Eles se comoviam ao lembrar as migalhas de carinho e caridade que o ricoço, em vida, lhes atirava.

— Ah, se eu pudesse ligar para a Eulália! — pensou Esther. Durante toda a sua vida o telefone fora o instrumento de suas emoções, e na maior parte das vezes, Eulália, a sua melhor amiga, e confidente, estava do outro lado da linha. Era ela quem a ouvia, consolava e ajudava nas horas mais difíceis. Agora, mais do que nunca, a recente viúva tinha motivos para

adorá-la. Mas não ficava bem telefonar naquela hora tão so-
le e formal.

O momento de maior glória para a viúva foi quando en-
trou no salão, toda emperuada, a senhorita. Edimentina Ferrei-
ra, a Eddy Ferr. A atriz entrou distribuindo sorrisos, beijocas e
tapinhas no ombro de todos, e chegou, timidamente, à frente
da compenetrada Esther. Em pensamento, ela chamou-a de
cadelã. Mas sorrindo tristemente tomou as mãos que a outra
estendia, e agradeceu ao voto de pesar.

• • •

O dia anterior fora muito aborrecido, como a maioria
dos seus dias. Sentindo-se indisposta, não foi trabalhar, e não
teve como preencher as longas horas tediosas. Tinha muito o
que fazer, é verdade. O apartamento estava desarrumado, ha-
via provas de alunos para corrigir, mas faltava-lhe disposição.
Ah, também a tela, comprada — e ainda não paga — para
receber um quadro, estava quase branca. A idéia era pintar um
deus grego qualquer, mas ela nem sabia bem que deus era
aquele, que cara podia lhe dar.

Tirou as dezenas de vestidos do guarda-roupa, exami-
nou todos, vestiu alguns, mas nenhum ficava bem com seu
estado de espírito. Precisava comprar roupa, se lhe desse co-
ragem sairia para procurar alguma coisa. Pagaria com cartão
ou cheque pré-datado. De repente alguém poderia convidá-la
para uma recepção. Voltou a pensar no tão acalentado sonho
de uma *vernissage*, com magnífico coquetel e convite a pes-
soas importantes. Mas para isso precisava realizar uma expo-
sição, e faltavam obras. Nem ela dava valor aos poucos qua-
dros que conseguira produzir até então. Sua obra-prima —
tinha certeza — seria o tal deus grego, mas no momento falta-
va-lhe inspiração.

Nem o catálogo de telefone tornava o dia menos aborre-
cido. As amigas a quem ligou, ou não atendiam, ou se mos-
travam indiferentes, alegando que precisavam desligar logo,

tinham muito o que fazer. Só a Eulália se mostrou simpática
como sempre, mas pediu desculpas por não poder ficar mais
tempo conversando. Da relação de nomes masculinos ela des-
cartou um por um. Dos homens que a interessavam, uns eram
indiferentes, outros cafajestes. Ah, que tédio!

Altas horas da noite, sem sono, corria o *dial* do radinho
de cabeceira, na desesperada procura de músicas sentimenta-
lóides que lhe embalassem a alma, quando, de repente, ouviu
a voz grave do locutor, interrompendo a programação normal
para uma edição extraordinária do seu jornal falado; “Acaba
de falecer, em lamentável acidente de trânsito, o senhor co-
mendador, professor doutor Epaminondas Vilaboim de Castro
Poletti, empresário e político dos mais queridos e respeitados
na região...”

— Toma, seu filho da puta! — gritou, histericamente,
mal conseguiu entender a notícia. Enquanto isso, o locutor
continuava a dar os detalhes da tragédia, o local e as causas do
acidente, as virtudes e ações meritórias do ilustre personagem.

Depois do primeiro ataque mais forte de histeria, a pri-
meira idéia foi ligar para Eulália. Vacilou, sabendo que a a-
miga era muito ocupada, e naquela hora devia estar dormindo.
Mas não resistiu, e depois de algumas ligações frustradas,
ouviu do outro lado um “alô” entre sonolento e irritado.

— Oi, Eulália, sou eu. Desculpe te ligar a estas horas,
mas eu preciso muito falar com alguém.

— O que foi desta vez? — perguntou a outra, tentando
ser simpática mas não conseguindo disfarçar a irritação.

— Adivinhe quem morreu!

— Não sou adivinha, Esther. Quem foi?

— O Epa, aquele cachorro.

— O comendador? Você está falando sério?

— Seríssimo! A estas horas o sacana deve estar conver-
sando com o compadre dele, o Satanás.

— Nossa! E o que você vai fazer?

— Isso que já estou fazendo. Morrer de dar risada. O fi-

lho da puta já foi tarde. Há há há há...

— Calma, minha amiga. Você tem que tomar algumas providências. O velório, o testamento...

— Que providência nada. Isso fica praquela atrizinha pornô.

— Mas, Esther...!

— Mas o cacete! Há há há há há... — O acesso de riso histérico foi tomando conta, e ela nem percebeu que a outra desligou o telefone.

• • •

Epinha não era o tipo do genro desejado por dona Clotilde e seu Marcelo Grappa. O casal, pobre mas decente, criou a filha única com todo esmero, até um certo exagero de requinte. A mocinha, segundo o comentário das tias e amigas da família, “parecia uma lady”. Os pais sonhavam com um casamento burguês, queriam se unir a alguma das famílias tradicionais da cidade. O Epinha era rico, sim, família poderosa, mas um tremendo cafajeste, namorador, aventureiro, detestado por todas as pessoas de bem. Mas a menina já estava ficando pra titia, não arrumava namorado de jeito nenhum, e o negócio foi aceitar e abençoar o casamento. Para a família Poletti, a menina Esther, embora meio boboca, veio a calhar. A família Grappa, embora pobre, era considerada na cidade, e o rapaz era o único herdeiro macho. Quem sabe o casamento o tiraria da vida irregular que levava?

Esther casou-se virgem. Menos por moralismo do que por medo. No fundo de sua alma, gostaria de manter-se intacta pelo resto dos seus dias. Sentia-se uma boneca de porcelana, frágil, que não poderia ser tocada porque quebraria. Não quis ter filhos.

No começo tudo foi uma maravilha. O rapaz passou a se interessar pelos negócios da família. Casou-se e o casal foi morar em um bom apartamento dado pelo pai. Claro, o velho italiano ameaçou que se o filho não tomasse jeito venderia

todo seu patrimônio e reverteria o dinheiro em entidades filantrópicas, deixando-o sem nada. E o velho não era de ameaçar a toa.

Com o tempo, Epa foi assumindo os negócios e o velho pôde voltar à Itália. Expandiu as empresas, investiu em atividades sociais, religiosas, culturais e esportivas, tornou-se um cidadão respeitável e badalado, e chegou a comprar uma comenda da ordem de não sei o quê. Não perdeu seu jeito boêmio e aventureiro, e suas conquistas amorosas eram assunto para divertidos comentários nas rodas sociais. Afinal, um homem do seu perfil tem certos direitos.

Esther sabia de tudo, mas não ligava. O marido a deixava livre para suas fantasias sociais, reuniões, chás e cursos. Fez faculdade e formou-se em Educação Artística. Sempre sonhara em ser artista plástica, e a amiga Eulália, filósofa e brincalhona, dizia que o primeiro passo seria arrumar um marido rico. As coisas estavam dando certo.

Mas se Deus preparou tudo isso, o Diabo inventou Edimentina. A moça sonhava ser atriz, e escolheu o comendador como seu protetor. Estrelou algumas produções de baixa categoria e conseguiu aparecer em colunas sociais e pseudo-artísticas. Sempre ao lado do protetor. No começo era apenas mais um casinho, mas acabou se tornando uma paixão irresistível.

Intelectualmente, a já então Eddy Ferr em nada era superior à madame Esther. Mas em atributos físicos e jeitinho, superava-a com vantagens. Esther não soube defender seu território, e foi ficando neurastênica, alheia e descuidada de tudo, perdendo terreno. Acabou expulsa do seu reino encantado, exilou-se na pequena quitinete onde amarga sua solidão. Orgulhosa, não aceitou nenhuma ajuda do marido. Sobrevive, cheia de sonhos e dívidas, com algumas aulas que conseguiu, e com a mesada que seu pai, embora com sacrifício, nunca negou.

• • •

Logo cedo Eulália tocou a campainha em seu apartamento, e só a presença da amiga já melhorou seu estado de espírito. Trouxe pão, manteiga e queijo e ofereceu-se para fazer o café, sabendo que Esther, por mais que se esforce, não se dá bem na cozinha.

— Pensando bem, você tem muita sorte — comentou enquanto despejava água fervente no coador, fazendo exalar pela casa delicioso aroma de café fresco. — Ainda é jovem, independente, e tem toda a vida pela frente.

— Ah, isso é verdade — concordou, com um sorriso tímido.

— Analise comigo e veja a sua sorte. O comendador estava preparando o divórcio e pretendia se casar com Eddy. Se vivesse mais um tempo você perderia todos os direitos, não seria a feliz herdeira que é.

— Em primeiro lugar, não fale mais a palavra “comendador”, por favor! Quando for se referir àquele sacripanta, chame-o simplesmente de filho da puta. Em segundo lugar, eu não sou feliz herdeira coisa nenhuma. Não quero merda nenhuma desse defunto!

— Ah, é? Vai deixar tudo para aquela grande atriz do cinema brasileiro, a Edimentina?

— Deixo merda pra ela. A grana do defunto pode ir para os padres, para os crentes, para qualquer instituição. Pode ir para os trombadinhas que me assaltaram na semana passada; pras putas pobres, pro Satanás. Só não quero um centavo pra mim nem praquela putinha da Edimentina!

— Pense bem, minha amiga. Eu sei que você está passando por grandes dificuldades. Está com dívidas enormes, pedindo empréstimos a agiotas para pagar outros empréstimos a outros agiotas. Teu pai, coitado, faz milagres pra te ajudar. Dinheiro nunca fez mal a ninguém...

— É, estou devendo até pra você.

— Mas eu não estou cobrando. Só quero que você pense nas vantagens que poderá tirar com o dinheiro da herança.

Vai ficar livre das dívidas, ajudar seus pais, e poderá se dedicar melhor à arte. Já pensou na *vernissage* que poderá fazer?

— Está bem. Você conhece muita gente, me consiga um bom advogado para tratar disso. Eu não vou esquentar a cabeça. Vou acreditar que nem sou viúva, sou solteira. E que nunca conheci nenhum Epaminondas na vida.

— Aí é que você se engana. Você vai ter que posar como viúva inconsolável, como a dona do defunto. Você vai ser muito badalada, o velório vai ser manchete nos jornais. Aqui entre nós, não é isso que você sempre quis?

Enquanto bebericava o café em pequenos goles e mordiscava o pão, Esther pensava. Por fim, anunciou sua decisão histórica:

— Está bom. Agora você vai sair comigo e nós vamos comprar o vestido de luto mais bonito que houver. Você me empresta o dinheiro?

• • •

— Não é todos os dias que a gente se reúne para um momento tão histórico como este — disse Bonifácio Bonifrates, o presidente da Câmara, à beira do túmulo. — O céu chora conosco na despedida do grande benfeitor da nossa cidade e da Humanidade. Que o diga a excelentíssima senhora dona Esther Grappa Poletti. Pranteada viúva, dama amada por todos nós. Ela sabe que jamais encontrará outro cônjuge como o ilustre desaparecido, assim como a nossa cidade jamais terá outro cidadão portador de iguais predicados.

Algumas pessoas riram discretamente das besteiras ditas pelo orador, mas Esther comoveu-se e chegou a chorar de verdade. Durante todo o velório, e agora no sepultamento, várias vezes ela foi citada como inconsolável viúva, e agradeceu com a cabeça inclinada. Só lamentou que ninguém citasse suas qualidades de artista plástica.

O velório, o féretro e o sepultamento foram um sucesso. Esther se portou como uma estrela, com todo garbo e dignida-

de. Foi fotografada, filmada, entrevistada. No começo sorriu para os fotógrafos, mas logo a convenceram que o certo seria fazer cara triste, e ela não errou mais. No velório e no cemitério, quando fecharam o caixão e todos choraram, ela chegou a descabelar-se, contra a vontade, pois tinha grande zelo por seus penteados. Mas era isso que convinha a uma boa viúva inconsolável.

• • •

Agora tudo acabou. Sozinha no apartamento, prepara-se para um sono reparador. Antes de deitar-se, porém, abre a última gaveta da cômoda e de lá, entre calcinhas e peças de lingerie de todas as cores, tira uma grande foto emoldurada, em posição solene, do comendador Epaminondas Vilaboim de Castro Poletti. Fita-o demoradamente, e pespega um grande beijo no retrato. Um beijo quente, comovido, apaixonado, como jamais dera em sua vida.

CAVALEIROS ANDANTES

Quando o mundo era simples
e as cidades pequenas,
e os dias morriam
em tardes amenas,
cavaleiros andantes percorriam estradas
em longas jornadas de sol e poeira.

Não traziam armas e nem armaduras,
não tinham bandeiras,
só coisas bonitas.
Traziam tecidos de seda mais pura,
traziam baratos vestidos de chita,
relógio, anéis, braçaletes, pulseiras,
jóias, bijouterias,
utilidades e quinquilharias.
E a gente comprava,
quem não tinha, fiava.
O dinheiro valia, e mais que o dinheiro
valia a palavra.

Traziam as modas do mundo lá fora,
histórias, notícias, lendas, lorotas,
diversões, alegrias, muitas anedotas.

Os caixeiros viajantes, cavaleiros andantes
da Civilização, como bandeirantes, desbravaram as terras,
trouxeram progresso, comércio, cultura,
fizeram cidades, fizeram Nação!!!

FAGULHAS DA SAUDADE

Não é fumaça nos olhos
nem brasinha do trem.
São fagulhas de saudade que me fazem chorar
e me fazem tanto bem,

Saudade, pirraça, da Maria Fumaça,
de um tempo sem pressa,
sem contas, sem crise,
de uma gente mais simples,
pessoas felizes.

Das histórias contadas, namoros fugazes,
para passar o tempo da curta viagem,
enquanto o trem sacolejava,
o "chefe" passava com seu quepe azul
"picando" as passagens.

Lá fora corria um presépio animado:
barrancos, riachos, árvores, casinhas,
crianças, vacas, cavalos, galinhas.

Ah, tempo malvado, que afogou no progresso
um tempo tão lindo!
Por que ele não fez como a Maria Fumaça
que apitava nas curvas e tocava o sininho
pra avisar que vinha vindo?

INTERIOR

Na estação do trem o trem não veio
e eu fiquei no meio da linha imaginária
à espera sedentária
do tempo que passou,
do meu interior.

Meu mundo pequenino, limitado
que ao alcance da vista não se acaba...
Tempo de goiaba, medo de lobisomem,
roubar jabuticaba,
pular amarelinha,
cobiçar a filha da vizinha
fazer versos de amor, falar besteiras,
pescar no ribeirão, brincar na cachoeira,
mentir e acreditar na brincadeira.
Saber que a vida passa, calma, lenta,
por uma estrada velha e poeirenta.

O tempo corre mais, o trem estacionou,
o meu interior se exteriorou,
o mundo está mais triste,
o horizonte acabou, chegou ao fim,
eu já não posso mais voltar pra mim,
O meu interior já não existe.

REPENTE

De repente, não mais que de repente,
como disse Vinicius de Moraes,
fez-se poesia como nunca mais
desde os tempos azuis de antigamente.

Na transcendência efêmera do mote
o eterno congelou-se num repente,
e fustigando o limbo do presente,
a voz do cantador se fez chicote.

De repente o sertão virou cidade,
a fantasia virou realidade,
o improvisado inseriu-se nos anais,
o Nordeste brotou em chão paulista
unindo a retilínea futurista
à poesia dos nossos ancestrais.

CÉSAR MAGALHÃES BORGES

SOB MEDIDA

Entrei para a Academia Guarulhense de Letras em dezembro do ano 2000. Tenho, assim, este ano, a oportunidade de participar, pela primeira vez, da Revista da Academia e, para aproveitar este espaço que é oferecido a todo acadêmico, resolvi selecionar alguns poemas que têm uma origem em comum: todos eles, de alguma forma, nasceram pelas mãos de outras pessoas, foram-me pedidos ou encomendados de acordo com alguma situação ou circunstância especial.

Julgo este trabalho sob encomenda, sob medida, um exercício bastante rico e desafiador para todo escritor. O resultado de algumas destas experiências é o que descrevo e apresento aqui:

Auto-Retrato — Renato Cavalini, amigo e parceiro musical, veio à minha casa com uma bela melodia composta. Conversamos a respeito dos sentimentos que cercavam a composição, da dificuldade que existe em repartirmos sensações e fizemos alguns comentários sobre algumas obras de arte: quadros de Munch, Van Gogh, filmes de Scorsese, entre outras coisas. No dia seguinte, fiz a letra e, por acreditar que a poesia é a irmã mais próxima da canção, eu a coloco ao lado de outros poemas como um poema-canção.

Saturday Blue — uma amiga pediu-me um poema que expressasse suas horas de espera e solidão. Por ser algo tão universal, vivido e compartilhado, resolvi escrevê-lo em primeira pessoa.

Azul e Rosa — em 1997, um grupo de alunos universitários preparou uma exposição de fotos em que a dura realidade de crianças que vivem nas ruas, pedem ou trabalham em faróis, dormem em praças, era retratada. Os alunos queriam algum texto ou poema que acompanhasse a exposição e

solicitaram que eu o fizesse. Depois de ver uma reprodução do quadro *Rosa e Azul*, de Renoir, na casa de meus tios, pude perceber bem o contraste e o desejo que caberia expressar no poema.

Publiquei *Azul e Rosa* no meu livro *Ciclo da Lua*, em 1999 e, no ano seguinte, tive o prazer de ouvir e ver o poema musicado pelo maestro Dery Nascimento e interpretado pelo coral "Um Só Tom", um coral formado só por crianças.

Azul e Rosa fez, assim, o caminho inverso de *Auto-Retrato*...

Corpo e Alma — o trabalho realizado pelo maestro Dery e pelas crianças do "Um Só Tom" gerou uma aproximação, uma grande amizade e, naturalmente, uma colaboração em um próximo trabalho: o espetáculo "Alma Brasileira na Rua dos Cata-ventos", que contava com a voz das crianças, o teclado do maestro, instrumentos de percussão e a presença da poesia no palco. *Corpo e Alma* é a tentativa de captar o espírito desta fusão.

Ábaco — ensinar Matemática de um modo lúdico, construtivo e prazeroso é uma das muitas tarefas em que minha esposa, Simone, está empenhada no Ensino Fundamental. No processo de elaboração de um material didático visando a atingir estes objetivos, ela me pediu para escrever algo que abordasse as muitas formas pelas quais podemos relacionar a Matemática com a vida que nos circunda. Lembrei-me, então, que o velho ábaco, com suas formas coloridas, foi o primeiro encantamento que tive na infância para me aproximar do universo da Matemática e querer aprendê-la e, a partir desta lembrança, passei a desenvolver o tema, preocupando-me, também, em colocar a ciência ao lado de algumas idealizações humanistas, sem qualquer antagonismo entre o que possa ser exato ou humano.

Diamante — este eu pedi a mim mesmo para fazer e é dedicado ao meu tio, Venilton Hilário Borges, a quem nascimento e destino transformaram em eterna criança. A presença de uma pessoa especial em uma família parece aí se pôr para polir, para ensinar e melhorar sentimentos, algo que, espera-se, a arte também possa fazer.

AUTO-RETRATO

Ah, há uma coisa
que você nunca saberá

vias e vias se miragem
num cenário
que você não verá

Você já sentiu o silêncio
depois do grito na ponte de Munch
é o que nos restará

Ah, há uma coisa
que se fecha junto à porta

e muitas outras coisas ficam
a sós comigo
assim que você vai

Veja como o céu clareia
logo depois que os corvos
revoam Van Gogh
outro céu se abrirá

Trago minhas próprias tintas
e pincelo o meu destino
retrato

i-na-ca-ba...

SATURDAY BLUE

Pela janela

 vidro colméia
 do banheiro
a noite insinua sua forma
tingindo o céu
 azul intermediário
 monocromático
com pouca luz.

O sábado faz
a mais só das noites
enquanto a água
se vai pelo ralo:

 melodia monocórdia,
 amor monocárdíaco

“Saturday night
Silent Moon”

O blue toca

 a noite azul
para dentro de mim
 e pára
para nunca mais ser dia.

AZUL E ROSA

O verdadeiro amor é dádiva
 se dá
 se doa
sem dor.

Se tudo fosse
 Azul
 Rosa
 Renoir

Não haveria
canção triste

Mas, na primavera despida,
cada pétala arrancada
é um mal-me-quer constante

No grafite de muros
 e asfalto,
os corpos se mostram tristes,
teatro de máscaras côncavas:
No cimento armado para matar,
Há um ballet dançado para sobreviver...

Os ratos de bueiros,
os gatos no cio dos becos
e os cães vagabundos
 nas vielas das vilas
formam a fauna urbana
que nos empresta a alma
numa noite escura

Pode ser que,
de tanto que se use,
a roupa vire pele

Pode ser que,
pelo peso que se carregue,
a alma se torne leve

Como é de se esperar
que ao fim da noite
tudo se encontre dia,
tons claros de Rosa
 e Azul...

CORPO E ALMA

Antes deste corpo, a alma já existia
 entre as esferas
 e de lá trouxe as melodias
que hoje animam a nossa voz-criança

Antes de ser corpo, a alma já usava compasso
 para desenhar os ritmos
 que hoje batem no peito:
dança feita entre os pés e o chão

Antes de ser texto, neste corpo,
 a voz já era verso
criando e dando movimento à vida
 que hoje a nossa alma canta.

ÁBACO

A aritmética tem
seu próprio ritmo,
seu jeito próprio,
 métrico
de compor universos

Um e um
é mais que dois
depois que a soma
 se encadeia
de um em um

Uma vez sete
ou uma vez outro;
Repete-se sempre
a conta que se faz
vez só de um

Precisamos de dois
 para mais
 poder dobrar
os sinos de nossa alegria,
a sina de nosso infinito:
curvas em oito.

É dividir
 o que nos sobra
Subtrair
 o que está a mais

Em suma,
podemos extrair o sumo
de tudo o que se tira,
 o que se soma,
 o que se toma,
 o que se dá aqui
 e se retoma além
Mas não podemos resumir
o que nunca encontra um fim

A vida se faz de conta
por vias inúmeras

365 dias
 24 horas
De 4 em 4,
um ano é bissexto
horários de verão
de um meridiano a outro
quem poderá dizer ao certo
que horas são?

Será que é possível ter tempo
para contar o tempo
no tempo de uma vida?
Quem poderá dizer ao certo
quantos dias são?

Os acordes que nos despertam
estão de acordo nessa escala:
tudo sobe
desce,
se transporta
a outro tom
quando cada nota
acorda

Ao redor,
natureza e obra
se conformam
em geometria:
nada se põe,
nada se tira,
tudo se transforma

São muitos metros quadrados
em números redondos
Circunferência completa
no mundo que se redoma
Quem poderá contar ao certo
onde está o ponto
em que começamos;
Se tudo era
ou será
amor?

DIAMANTE

Para quem não crê
em juventude eterna,
eu digo:
ele nasceu
para ser menino,
correr, correr,
gostar de doce,
carro
e domingo,
gostar de amor
e mimo,
gostar de você
e de mim

Um diamante
polindo
nossa infância
e senso.
Flor
que sempre notei
sem olhar
e nunca colhi
porque sempre
o vento solto
o teve jardim

Para quem disser
que não crê
em juventude eterna,
Eu vou dizer
que o conheci criança,
sempre criança
o verei
no riso e olhos
de menino
que joga
a luta e a paz

O mocinho
sempre vence
no final

Buda sentado,
menino santificado
por viver
menino assim.

CLARIMUNDO DE OLIVEIRA AGUIAR

VÉSPERAS

Ao cair da tarde,
o rubor do Sol espalha no mar
acalantos de paz e de esperança,
e perde-se o horizonte, no olhar.

Ao cair da tarde,
o corpo cansado de lutar,
querendo volta a ser criança,
vontade de não ir, só de ficar.

Ao cair da tarde,
a noite não tarda a chegar,
promessas de paz, que não alcança,
são pedaços de vida, por findar.

A tarde vem suavemente,
um sonho de viver acalantar,
após o temporal vem a bonança,
depois do pesadelo, é o sonhar.

Agora, a tarde é tão só noite,
A cobrir de negras trevas o lugar
meu velho coração vira criança,
querendo o corpo dolorido descansar.

TRISTE FADO

Minha sina condiz com o meu fado,
ao qual fui fadado, logo ao nascer,
de perder o teu rosto imaculado,
de viver, tão só, para esquecer.

E o fado que canto, atormentado,
pedaço de uma vida de sofrer,
mesmo sem querer, sofro calado,
fadado a jamais te esquecer.

Meu fado vou seguindo nos meus versos,
cumprindo a minha sina de te amar
a esperar do teu amor, só reversos.

Ah! fado, de cantar este meu fado,
destino de chorar meus insucessos
Oh! Sina de viver amargurado.

O CHORO DA GUITARRA

Chora guitarra, chora, docemente,
no acorde sofrido do teu pranto,
chora poeta a dor inconstante,
que do coração brota, feito canto.

Cobre-se de saudade, como manto,
a proteger da alma, o sofrimento,
enganando a dor com o seu canto,
e ri, quando de choro é o momento.

Por isso, é doloroso seu arpejo
como pranto, no canto do fadista,
e a perda fragrância do teu beijo.

E quando é alegre o teu pulsar,
mesmo assim, é de saudade a alegria,
a recordar, quão doce foi teu amar.

FADO

Neste meu fado, eu canto nostalgia,
que o meu peito invade de tristeza,
pois, o sonho de te amar é fantasia,
a esperança de rever-te é incerteza.

O meu fado é viver cantando amor,
fazer fado do destino, cantar prece
cantar este meu fado com valor,
matar a saudade que não esquece.

É choro, o trinado do meu canto,
os versos do meu cantar são uma prece,
que aos céus elevo como um pranto.

É meu fado, cantar a nostalgia,
que a rima do meu fado estabelece,
mascarando a dor com alegria.

PROCURA

Procuro em alguém compreensão,
procuro em alguém, tão só amor,
procuro em alguém uma ilusão,
procuro com alguém a paz compor.

E nesse procurar, caminho atento
na busca de encontrar o que perdi
cantando a vida, sigo a contento,
buscando uma paixão, que não vivi

As rimas da toada desta vida,
descompassadas são, em seu compor,
a felicidade a uns é permitida,
a outros o restante é só a dor.

O sonho de encontrar felicidade,
em alguém, que busco intensamente.
são as rimas mescladas de verdade,
que no meu versejar é tão carente.

O LUGAR ONDE O TEMPO NÃO PASSA

Naquela tarde, triste e escura de inverno, há muito que o sol fora encoberto pela grossa camada de nuvens, que prometiam muita chuva, sem entretanto cair gota alguma. Estava um dia melancólico, bem de acordo com o meu estado de espírito e as recordações do passado vinham à minha mente, como partes de um filme, interrompido, ali e aqui, sem qualquer seqüência ou nexa.

Assim, absorto em meus pensamentos e lembranças, fui interrompido por um garoto.

— Senhor! Se me der uma moeda tenho um recado para lhe dar.

No primeiro momento tive ímpetos de xingá-lo, tal era a minha irritação, depois, olhando aquele rosto travesso de um olhar irrequieto e brejeiro achei graça e, entrando na sua brincadeira, fingi que estava bravo.

— Eu vou é dar-te umas palmadas, em vez de uma moeda.

— Sem moeda não tem recado!

— Por que não tem recado?

— A mulher que mandou o recado disse que o senhor tinha uma moeda para me dar.

Pus a mão no bolso e procurei algumas moedas, depois, com a mão fechada estendi-a para o menino.

— São todas tuas se me disseres quem foi a mulher que deu o recado.

— Isso eu não posso dizer, ela não disse o nome, eu mesmo lhe perguntei, ela só disse que o senhor saberia de quem era, no momento que eu falasse.

— Vamos, já ganhaste a tua moeda, agora fala-me qual era o recado.

— Sabe senhor, eu não entendi nada do recado, era até muito estranho.

— Por Deus, fala logo! Ou será que te esqueceste?

— Esqueci não, mas é tão estranho que eu só vim porque a mulher falou que a moeda seria grande.

— O que foi que disse essa mulher? — tantos rodeios estavam atijando a minha curiosidade.

— O som da voz é o sino da alma, quando a alma é pura e cristalina seu som é igual ao timbre do cristal.

— O recado é só isso? — foi uma total decepção, esperava algum recado marcando algum encontro amoroso, mesmo, até qualquer espécie de cobrança, mas tão somente uma frase, bonita, mas sem qualquer sentido para mim. Estendi-lhe o punhado de moedas, perguntando-lhe:

— Como era essa mulher que te deu o recado?

— Não a vi direito, mas pareceu-me ser muito bonita, estava toda vestida de branco.

— De branco? — perguntei, agora totalmente curioso.

— Sim, toda vestida de branco, sabe, eu ainda afirmei: “Ninguém vai entender este recado!” Ela não me deu resposta, somente apontou para o senhor, dizendo: “Ele irá entender e te dará uma moeda grande”. Quando me voltei, não estava mais atrás de mim.

— Moleque, tu estás mangando de mim?

— Não senhor, eu juro pelo que há de mais sagrado.

— Já ganhastes as tuas moedas, mas tens a certeza que não havia nada mais?

— Tem algo mais estranho ainda, que eu estava esquecendo.

— Estou começando a perder a minha paciência contigo! — gritei, sem mesmo saber por que, gritei.

O garoto ficou pasmado com a minha reação, deu um passo atrás e enfrentou-me com agressividade.

— Senhor, eu não sou obrigado a ficar para ouvir as suas ameaças!

Deu meia volta e preparava-se para ir embora, quando a minha curiosidade não permitiu que se afastasse, entretanto,

sabia muito bem que tudo aquilo não passava de balelas, mas, mesmo assim, impedi que o rapaz fosse embora sem me contar.

— A mulher falou que o senhor iria encontrar a verdade e a resposta na porta do lugar onde o tempo não passa. — em seguida, deu meia e volta e foi-se embora.

Acabei achando que tudo aquilo não passava de uma brincadeira de mau gosto, e que o garoto havia encontrado uma maneira inteligente de ganhar alguns trocados, todavia, uma coisa era certa, o que me estava a atormentar. Mesmo que tudo não passasse de uma brincadeira, alguém teria fornecido a frase para o rapaz, ele não iria ter tanta imaginação assim, era novo demais para isso. Depois de muito matutar, acabei não dando importância para o caso, e segui com o que estava fazendo antes, só que agora, os pensamentos do passado eram entremeados com o vulto da misteriosa mulher de branco. “O som da voz e o sino da alma, quando a alma é pura e cristalina seu som é igual ao cristal”. Porcaria de frase, não tinha nem pés nem cabeça, contudo, continuava a atormentar-me e, de balde, tentava vislumbrar no fundo do cérebro se já a ouvira alguma vez, tudo em vão, não conseguia lembrar-me.

Som de Cristal, isto cheirava a cantora brega, pensei; também, se conhecera alguma cantora não me lembrava, sequer sabia se entre as minhas conhecidas, de ontem ou de hoje, houvera alguma cantora, mas, estranha, muito mais estranha, era a proposta de se encontrar a solução para esse enigma, “Na porta do lugar onde o tempo não passa”. “Que raio de lugar é esse onde o tempo não passa?”, pensei de imediato, na porta do cemitério, sim, só poderia ser a porta do cemitério. Mas, o que teria a ver a porta do cemitério com o som da voz? Era totalmente incoerente. Entretanto, nos dias de hoje, o que é mesmo coerente? — Ou, se alguma vez a vida foi coerente?

Passara-se mais de uma semana deste estranho incidente. Com a constante passagem das horas e dos dias, fatos de

um passado recente são esquecidos e substituídos por outros mais atualizados, como também o nosso estado de espírito muda, de acordo com o tempo e os acontecimentos. Pois, acontece que hoje eu estava feliz, o dia estava bonito e eu correspondia totalmente às expectativas dele. Sempre achei que eu tinha muito a ver com o tempo, pois, sempre que o tempo escurecia e ficava triste eu também acabava ficando macambúzio e melancólico, por vezes até intratável; mas, se o dia estava claro e límpido, com o sol brilhando, lá bem no alto do firmamento, sentia a alma pura e cristalina, ficava alegre e minha vontade era de cantar. Porém, por vergonha, abstinha-me de extravasar o meu estado de espírito. Que poderiam dizer os outros se me vissem a cantar, ao Deus dará, sem qualquer motivo aparente?

Fui interrompido nos meus pensamentos por uma voz muito límpida e cristalina, que ao longe cantava uma velha melodia, cheia de trinados e solfejos. Fechei os olhos e deixei-me arrastar por esse som hipnotizador, para melhor sentir a beleza daquela música. Nesse momento, vi claro, como numa fotografia, a imagem de uma mulher vestida de branco, porém, sua túnica era diáfana, que mais parecia que uma nuvem que vestindo-lhe o corpo, que qualquer tecido conhecido. Abri os olhos assustado, aquela mulher que eu vira em meu pensamento, só poderia ser a mulher da estranha mensagem, aquela mulher era a morte, só podia ser a morte, completando a visão do meu pensamento, a frase, “na porta do lugar onde o tempo não passa”, aquele rapaz veio predir a minha morte, isto só poderia ser uma mensagem do meu próximo fim.

Apesar de todas as nossas forças e convicções, de acharmos que não temos medo e outras tantas besteiras mais, ninguém está preparado para enfrentar a mais natural de todas as coisas. Assim, foi um baque, a constatação, para breve, da minha possível morte. Mas que estupidez a minha, a morte sempre é possível, é a única coisa possível. Esta

reflexão fez sossegar o meu íntimo, e pensei comigo mesmo. Seja o que o Grande Arquiteto quiser, todos os desígnios são Dele.

Com o espírito mais sossegado, mas, ainda sofrendo do choque da minha descoberta, depois, olhando o sol que teimava em brilhar, conformei-me com as revelações. Contudo, não é tão fácil sentir que tudo aquilo que nos cerca, cedo ou tarde irá desaparecer de nossas vidas. Ou será que nós é que vamos desaparecer de tudo aquilo que nos cerca? Não importa. Tudo isso, não passa de um jogo de palavras, mais tarde ou mais cedo, quando tivermos concluído o nosso trabalho, teremos de dar lugar a outros e, de nós, restará somente as nossas ações, convertidas em história ou em lendas, ou, simplesmente desapareceremos para sempre, dentro da mediocridade de nossos feitos.

“A porta do lugar onde o tempo não passa”, faltava descobrir qual o significado desta frase, se bem que ainda não tinha certeza de ter descoberto o sentido da primeira.

Percebi que alguma coisa pesava na minha mão esquerda. Olhei, era um livro que havia tirado da estante, para mais tarde lê-lo. Todavia, havia o esquecido, e ele estava ali, pronto para ser desvendado. Era uma obra clássica, com cerca de quinhentos anos, porém, estava ali, pronta para ser lida e apreciada. Hoje, no século da informática e lógica matemática, a sua informação estava presente, tal e qual, como no dia em que fora escrita, o tempo não havia passado por ela, pois continuava dando a mesma informação, conhecimento e beleza. Fiquei perplexo, ali, na minha mão, estava “a porta do lugar onde o tempo não passa”, realmente: ao abrir aquele livro eu era transportado para o século XV, e podia deleitar-me com a beleza do pensamento do artista e aprofundar-me no âmago de sua alma. Abri ao acaso as folhas do livro e deparei-me com um belo soneto, assim, lenta e atenciosamente fui lendo e interpretando a beleza da poesia de Camões.

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo alcançar,
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semidéia,
Que, como acidente em seu sujeito,
Assim com a alminha se transforma

Está no pensamento como idéia;
o vivo e puro amor de que sou feito,
como a matéria simples busca a forma.

Está aí o significado da primeira frase, descobri: a mulher de branco era a poesia, que transforma a voz no sino na alma e se a alma do poeta for pura e cristalina o poema terá o timbre do cristal, assim “o som da voz é o sino da alma, quando a alma é pura e cristalina, seu som é igual ao timbre do cristal”, nada tinha de tenebroso ou lúgubre. Todos os temores são o produto da nossa imaginação, como os rancores e ódios são parte efetiva de nossos medos e receios. Assim, com o medo da morte esquecemos de viver a vida.

Guarulhos, junho de 2001

ESPEDITO PINHEIRO DE SOUZA

UNIVERSIDADE CIDADÃ

“Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e de consciência e devem agir em relação umas as outras com espírito de fraternidade”.

(Declaração Universal dos Direitos Humanos — Art. 1).

INTRODUÇÃO

Recentemente, na qualidade de Professor Universitário, representando a Faculdade de Direito de Guarulhos, FIG, participei no Palácio dos Bandeirantes — Plenário “Ulisses Guimarães”, do lançamento do Projeto “Universidade Cidadã”, uma idéia da Primeira Dama do Estado de São Paulo, Dra. Maria Lúcia Alckmin, Presidente do Fundo Social de Solidariedade, estando presentes à solenidade, além de outras autoridades, o Excelentíssimo Senhor Governador do Estado — Geraldo Alckmin — e o Ministro da Educação Paulo Renato de Souza.

Tendo em vista a importância do referido Projeto, julgo oportuno transcrever, no presente artigo, os principais tópicos abordados no “workshop”, especialmente no Painel A **UNIVERSIDADE E A CIDADANIA**, realizado no Salão dos Pratos daquele Palácio, Coordenado pelos Diretores das

Faculdades de Direito da PUC/SP, da UNIFIEO, Marília e São José do Rio Preto, vez que, após a transmissão dos objetivos gerais pretendidos, todos os participantes do evento assumiram a responsabilidade de serem agentes multiplicadores do Projeto Pioneiro, que se inicia pelas Faculdades de Direito, sendo que, posteriormente outros grupos serão convidados a participar.

O objetivo maior da transcrição dessa matéria na tradicional Revista da Academia Guarulhense de Letras — AGL — é a de que também os seus leitores conheçam e possam partilhar da feliz idéia e difundí-la nos meios adequados. É o que se espera. Mãos à obra.

1. FUNDAMENTO CONSTITUCIONAL E LEGAL (NOÇÕES)

O artigo 205 da Constituição Federal em vigor, ao cuidar da educação preconiza: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada **com a colaboração da sociedade**, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, **seu preparo para o exercício da cidadania** e sua qualificação para o trabalho.” (grifos nossos).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, por sua vez, no seu artigo 43, inciso VI, estabelece que:

“A educação superior tem por finalidade: estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, **prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade**”. (grifamos).

2. OBJETIVO ESPECÍFICO DO PROJETO EM QUESTÃO

Proporcionar uma aproximação maior da Universidade e das comunidades carentes do Estado de São Paulo, desenvolvendo uma relação de parceria, troca de experiência e conhecimento.

Compreensão: A idéia inicial é a de trabalhar com a cidadania — criando associações e cooperativas, discutindo direitos e deveres, formando e informando para a dimensão profunda de ser um cidadão responsável por sua comunidade, por intermédio das Faculdades de Direito.

3. NOÇÕES SOBRE UNIVERSIDADE E CIDADANIA

Nesta oportunidade julgamos importante uma breve noção de Universidade e de cidadania, para constatar nos as suas similitudes em termos conceituais.

3.1. **Universidade**, do latim “Universitas”, significando o complexo institucional de conhecimento que tem por objetivo formar profissionais de nível superior para o desempenho de atividades ligadas a atuação humana — noutras palavras — a **Cidadania**, além de preservar a cultura e transmitir o conhecimento.

3.2. **Cidadania**, por sua vez, em latim, quer dizer “Status Civitatis”. Na acepção política, é a capacidade política que tem o indivíduo para influir na formação do governo, seja na ativa, pelo exercício do sufrágio universal (eleições), seja na condição passiva, como exercente de funções eletivas ou a elas candidato.

Como se vê, pelos conceitos acima, nota-se que há muita semelhança entre as duas realidades, cabendo lembrar que cidadania seria o conjunto de direitos, mas igualmente de de-

veres de cada pessoa. Na feliz interpretação do jurista Belisário dos Santos Júnior, comentando a Constituição, criativamente, teríamos cidadania, “como coragem de participar dos esforços em criar a sociedade livre, junta e solidária de que trata a nossa Carta Magna no artigo 3º, inciso”¹

4. JUSTIFICATIVA DO PROJETO EM ESTUDO

A Senhora Presidente do Fundo Social de Solidariedade justifica o projeto em tela, tomando por base o nosso texto constitucional, quando no seu artigo 3º, ao tratar dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, entre outros, estabelecendo no inciso III, o de “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais”. Para tanto, segundo a ilustre Primeira Dama do Estado, é necessário utilizar-se de todos os mecanismos para proporcionar a aproximação dos chamados incluídos e principalmente dos “excluídos”. Sendo certo que o mencionado Fundo tem todas as condições de gerenciar esse processo de aproximação da Universidade com a comunidade carente, criando projetos concretos para melhoria da qualidade de vida da população mais necessitada. De outra forma, acrescenta a autora da idéia, “a experiência desse aluno só virá a garantir o desenvolvimento de sua brasilidade no que tange ao conhecimento do mundo que o cerca e a necessidade de uma ação solidária constante.”²

¹ I. *Dicionário Jurídico* — Academia Brasileira de Letras Jurídicas — 4ª Edição — Ed. Forense Universitário — 1996. Cultura dos Direitos Humanos — Ed. LTR. São Paulo. 2001.

² Cultura dos Direitos Humanos — Coleção Instituto Jacques Maritain — LTR 1998.

5. DETALHAMENTO DO PROJETO (COMO ESTÁ SENDO IDEALIZADO PARA FUNCIONAR)

O Projeto consiste em formar parcerias com as Universidades e outras entidades afins para prestação de serviços de cidadania às comunidades carentes. Todas as Faculdades (com seus diversos Cursos) poderão participar, devendo haver uma agenda positiva, que, gradativamente envolva os responsáveis pelos cursos e as ações que poderão ser executadas. Convém salientar que a primeira Faculdade a ser convidada a participar do Projeto “Universidade Cidadã” será a de Direito, posteriormente a de Odontologia, a de Medicina e assim sucessivamente, envolvendo alunos de várias áreas e habilidades diferentes.

As Faculdade de Direito, por meio dos Núcleos de Práticas Jurídicas — NPJ e Escritórios-modelo, e ainda, dos Centros Acadêmicos, poderão realizar um trabalho de plena cidadania em várias frentes, tais como: palestras para o incentivo à participação popular em associações e cooperativas; **elaboração de Estatutos; Cursos sobre Direito e Cidadania do Consumidor, meio ambiente**, entre outros.

PARCERIAS

Como parceiros serão ainda convidados a participar, a Ordem dos Advogados do Brasil — OAB SP e o Ministério Público Estadual-MP e todas as Prefeituras Municipais do Estado de São Paulo.

6. OUTROS PARCEIROS IMPORTANTES

Vejamos quem são e o que se espera de cada um dos parceiros envolvidos no Projeto:

1. **Do Fundo Social de Solidariedade** — Órgão Presi-

dido pela Primeira Dama do Estado, coordena o Projeto, centralizando informações e estimulando as parcerias e o desenvolvimento das ações. Indicará, também, outras entidades que poderão se beneficiar do citado plano.

2. Das Universidades — Alunos e Professores levam seus conhecimentos técnicos à comunidade, resolvendo problemas, orientando, compartilhando o saber, ao mesmo tempo que aprofundam contato com a realidade do nosso País, ganhando experiência, sensibilidade social e vivência cidadã.

3. Das Secretarias de Estado, da Procuradoria Geral do Estado, Das Prefeituras e Fundos de Solidariedade dos Municípios — Responsáveis pela execução das políticas públicas, oferecem suporte técnico para a realização do intento, colocando à disposição espaços e profissionais com participação em atividades e programas em desenvolvimento. Os Fundos de Solidariedade Municipais podem coordenar as atividades em suas respectivas cidades.

4. A Ordem dos Advogados do Brasil — OAB SP — participa através de suas Subseções, oferecendo suporte jurídico para o desempenho do Projeto;

5. Os Conselhos de Cidadania — Órgãos Colegiados compostos por representantes da sociedade e do Estado participam das atividades para reforçar o sentido de defesa dos direitos de segmentos sociais vulneráveis;

6. As Associações Comunitárias e demais organizações não-governamentais — responsáveis pela mobilização e participação da comunidade, são fundamentais partícipes do aludido Projeto;

7. As Empresas, em geral, oferecem condições de Infra-estrutura, tais como: transporte, alimentação, equipamentos, etc. para a realização do Plano; e

8. Por fim, os colaboradores individuais e voluntários — Integram-se aos estudantes universitários, para colaborar com o êxito do Projeto citado.

7. A UNIVERSIDADE

O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Enaltecer o papel da Universidade como uma unidade capaz de produzir transformações sociais no ambiente em que se encontra, concientizando não apenas os estudantes, como também os professores, diretores, reitores e donos de escolas de nível superior ou de universidades, sejam estas particulares ou públicas, para que a mesma cumpra uma função essencial, que se denomina **Extensão Universitária**.

Vamos entender um pouco o que é **Extensão Universitária**, e qual a sua verdadeira função dentro de uma Universidade. Consoante ensinamentos contidos na Cartilha distribuída na cerimônia do evento, “É papel fundamental da Universidade formar os indivíduos de maneira construtiva, de tal forma que os mesmos tenham condições plenas de sair da escola com o seu senso crítico aguçado, questionando os problemas a sua volta, sempre com o intuito de tentar aprimorá-lo.”

Convém enfatizar que é atribuição específica da Universidade formar cidadãos críticos e não simplesmente profissionais técnicos. É função da Universidade, ao formar um indivíduo, dar também um ofício, um conhecimento que guardará consigo e que aprimorará à medida que o colocar em prática. Entretanto, não é e nunca foi função da Universidade tornar-se um centro comercial, onde a negociação de um Diploma que se torna um passaporte de promoção social parece ser o único objetivo. Não é dessa forma que deve ser vista a Universidade, seja ela pública ou privada. Havemos de pensar na importância dos estudos, da aquisição de conhecimentos não apenas para guardá-los para si, mas sobretudo para levá-los às demais pessoas, à sociedade como um todo, notadamente aos carentes. É dentro dessa concepção que a Universidade foi

pensada e criada. É nesse sentido que a nossa Lei Maior fundamenta a Universidade, baseando-a num verdadeiro tripé³: o **ensino**, que é o método essencial da transmissão do conhecimento; a **pesquisa**, que é o caminho básico de produção de novos conhecimentos; e a **extensão**, assunto principal desse estudo que será abordado e exemplificado neste Artigo, logo a seguir. Conceituar a extensão universitária significa falar em democratização de conhecimento. Noutras palavras — Extensão Universitária é, por excelência, a interação entre a Universidade e a sociedade, tendo como produto final uma real transformação social. Mas é também um modo fundamental de formação do universitário.

Nesta oportunidade é importante demonstrar, sucintamente, como é possível realizar concretamente a extensão universitária e trabalhos sociais, e como tais atividades podem mudar uma triste realidade, através do relato de um Projeto de extensão universitária, levado a efeito pelo Centro Acadêmico “XI de Agosto”, entidade representativa dos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), circunstanciado na referida “Cartilha”. Vamos transcrever uma situação vivida:

O grupo de extensão das “Arcadas” (GEA), um trabalho realizado por alunos, sob a supervisão do “XI de Agosto”, uma vez por semana, se dirigem a uma comunidade carente no bairro do Capão Redondo, periferia de São Paulo, denominada comunidade “Chico Mendes”. Nessa comunidade habitam pessoas pobres, muitas das quais jamais tiveram qualquer contato com a justiça, ou seja, com o Poder Judiciário.

Por serem estudantes de direito, os alunos organizam um sistema de atendimento, ouvindo as queixas e os problemas jurídicos que aquelas pessoas excluídas têm. Dessa forma, realiza-se na referida comunidade um trabalho de orienta-

³ Art. 207. “As Universidades gozam de autonomia didático — científica, administrativa e gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (grifamos).

ção jurídica, que permite ao aluno conhecer de fato o problema da justiça brasileira, ajudando ao mesmo tempo o indivíduo carente a se desenvolver.

Como o projeto já possui mais de um ano, pode se verificar quais eram os principais problemas jurídicos que afetavam aquela comunidade. Dessa forma, puderam os estudantes “mapear” estes principais problemas, montando na Faculdade grupos de estudos sobre os mesmos e quais seriam as melhores soluções para eles. Essa é a primeira fase ainda assistencialista do projeto, mas que pretende deixar de sê-la, pois ao tomar conhecimento dos maiores problemas que afetam a Comunidade, e estudá-los mais a fundo, passa-se para a segunda etapa, denominada preventiva. Os estudantes se dirigem a essa comunidade, promovendo cursos e palestras sobre os problemas jurídicos, mostrando para a população seus direitos e deveres, amenizando desta forma as dificuldades com a justiça que aqueles indivíduos possam ter.

Outra experiência fora do âmbito da extensão universitária, mas ainda dentro de projetos sociais feito pelos alunos do “XI de Agosto”, é o Cursinho do XI, preparando pessoas de baixa renda para o vestibular, que, em virtude da acirrada competição, não conseguem entrar nas universidades públicas pela defasagem de seus conhecimentos. Tal iniciativa tem dado certo, já que no final do ano de 2000 foram aprovados mais de quarenta alunos concorrentes em universidades, diminuindo-se desta forma o grande abismo entre o excluído e o acesso ao ensino superior.

8. IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO PASSO A PASSO

Aspecto importante diz respeito às principais demandas constatadas pelos estudantes e voluntários que já realizaram esse tipo de trabalho, relacionado ao direito, nas comunidades.

É importante ressaltar que “mapear” as principais demandas jurídicas é conhecer as necessidades de cada comuni-

dade, tendo em vista que as mesmas são heterogêneas, no sentido da necessidade de atendimento jurídico.

Trata-se, portanto, de conhecer cada comunidade a ser atendida, fornecendo primeiramente um trabalho de orientação jurídica, que desembocará em um conhecimento mais abrangente dos problemas jurídicos pleiteados.

Esse procedimento permite aos estudantes e operadores tomar conhecimento das principais demandas jurídicas das comunidades, que posteriormente implicará em um aprofundamento de estudos sobre tais questões, o que certamente possibilitará um trabalho preventivo, principal objetivo a ser alcançado pelo trabalho social executado.

Tal trabalho é a principal meta, porque é a partir dele que a população será educada juridicamente (sendo que o tema dessa educação será retirado a partir do mapeamento supra-relatado), o que possibilitará a efetiva diminuição do número de conflitos na comunidade. Essa atividade modificadora é a essência da extensão universitária, aplicada mediante um trabalho social.

Assim, será possível, mediante a multiplicação deste modelo de atuação a todas as faculdades de Direito, gerar uma queda das questões jurídicas suscitadas, ampliando o trabalho para outras comunidades, com grande chance de êxito.

9. GESTÃO PARA UM POSSÍVEL ROTEIRO DE TRABALHO

1 — **CONHECER A REALIDADE** — Estabelecer contato com a comunidade onde será desenvolvida a ação, preferencialmente visitando-a.

2 — **OUVIR AS PESSOAS** — Realizar levantamento das necessidades da comunidade selecionada, ouvindo suas demandas e principais problemas.

3 — **ESTUDAR O PROBLEMA** — De volta à faculdade, estudar as principais questões. Por exemplo, criando

grupos de estudo com orientação de professores e preparar a resposta à comunidade (orientação, encaminhamento cartilhas com noções básicas sobre o tema, elaboração de estatutos etc.)

4 — **APONTAR CAMINHOS DE SOLUÇÃO** — Na comunidade, apresentar os resultados das etapas anteriores, compartilhando conhecimentos técnicos e absorvendo conhecimentos políticos, tendo em vista o equacionamento dos problemas apontados.

5 — **AVALIAR OS RESULTADOS** — De forma compartilhada com a comunidade, corpo discente e docente envolvidos na ação, analisar os aspectos positivos e as eventuais falhas do trabalho feito, discutindo seus desdobramentos e novas possibilidades.

6 — **PREPARAR NOVAS AÇÕES** — A partir do êxito inicial, desenvolver novas iniciativas, reproduzindo a sistemática já utilizada ou criando outras formas de ação.

NOTA IMPORTANTE: Dentre os tópicos aqui abordados, a nosso ver, este é fundamental, vez que demonstra uma síntese de atividades para tornar viável o Projeto apresentado.

CONCLUSÃO

Ao transcrevermos os principais tópicos abordados na Cartilha de lançamento do Projeto "Universidade Cidadã", além do que já relatamos na introdução do presente artigo, queremos enfatizar que o nosso intuito é apenas e tão-somente tentar sensibilizar os leitores da *Revista da Academia Guarulhense de Letras* — AGL, eventuais professores, diretores, coordenadores de cursos jurídicos e possíveis reitores de universidades de Guarulhos a discutir a grande realidade: a falta de extensão nos bancos superiores; entender que a extensão universitária é capaz de realizar um grande trabalho social de caráter transformador e suficiente para aproximar a Universidade da sociedade. Pois, só reconhecendo o trabalho feito por

seus estudantes, e criando projetos próprios de extensão, é que a Universidade poderá cumprir seu nobre papel destinado por nossa Constituição Federal, qual seja o de **educar para a cidadania**.

Por derradeiro, concluindo, queremos lembrar que a história da cidadania é uma narrativa constante de participação, de respeito e defesa dos direitos humanos, principalmente de solidariedade, de ética e de coragem.

Assim, conclamou a todos nós participantes do lançamento do Projeto em questão, Dona Maria Lúcia Alckmin, ilustre Primeira Dama do Estado: “Vamos nos encher de garra, força e entusiasmo para engrossar as fileiras daqueles que acreditam que atingir o sonho começa com o primeiro passo”. Portanto, vamos sonhar e caminhar a passos largos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Maria Luiza Marcilio e Lafaiete Pussoli — *Cultura dos Direitos Humanos* — Ed. LTR — São Paulo 1998.
2. Maria Lúcia Alckmin — Primeira Dama do Estado de São Paulo — *Cartilha do Projeto “Universidade Cidadã”* — Fundo Social de Solidariedade — PB — 2001.
3. Guilherme Braga Peña de Moraes — *Dos Direitos Fundamentais — Contribuição para uma Teoria* — Ed. LTR — São Paulo 1997.
4. *Constituição da República Federativa do Brasil* — Texto de 1988 atualizado.
5. Academia Brasileira de Letras Jurídicas — *Dicionário Jurídico* — FU — Forense Universitária — Rio 1998

FLÁVIO CLETO GIOVANNI TROMBETTI

*“Do Congresso do Panamá
à Conferência de Caracas”*

(continuação do texto
publicado na *Revista* nº 2)

A “CARTA DA JAMAICA”

Durante o inverno, em 1815, na Jamaica, Bolívar trabalhou para conseguir novos elementos para atingir o continente e reiniciar a luta pela libertação. Dessa sua atividade nos restou uma carta pública — a “Carta da Jamaica”, resposta de um sul-americano a um cavalheiro inglês dessa ilha, datada de 6 de setembro de 1815.

Nesse novo manifesto, Bolívar revela seu gênio político, seu entusiasmo pela causa a que dedicou toda a existência.

Disse Bolívar, no início de sua missiva:

— “O êxito coroará nossos esforços, porque o destino da América se firmou irrevogavelmente; os laços que a uniam à Espanha estão cortados; a opinião era toda a sua força; por ela se estreitavam mutuamente as partes daquela imensa monarquia; o que an-

tes as ligava, agora as divide, maior é o ódio que nos inspirou a Península do que o mar que dela nos separa; menos difícil é unir os dois Continentes do que reconciliar os espíritos de ambos os países”.

Depois de tecer diversas considerações sobre a política e a administração das colônias espanholas, habitantes e possibilidades de independência e regime a ser adotado pelos estados a serem organizados, escreveu:

— “Os americanos, com o sistema espanhol que está em vigor, e talvez com mais intensidade do que nunca, não ocupam outro lugar na sociedade senão o de servos próprios para o trabalho, quando muito o de simples consumidores. Nesta parte são ainda oprimidos com restrições irritantes, como sejam proibições da cultura de frutos europeus, privilégio de produções que o rei monopoliza, proibição de fábricas que a própria península possui, privilégio exclusivo de comércio, até de artigos de primeira necessidade, entraves entre as províncias e províncias americanas, para que não tratem, se entendam ou negociem entre si, enfim, quer V. S. saber qual era o nosso destino?”

Os campos para cultivar a anilina, a grama, o café, a cana, o cacau e o algodão, as planícies para criar gado, os desertos para caçar os animais ferozes, as entranhas da terra para cavar o ouro que não chega para faltar essa nação avarenta”.

E em seguida, indaga:

— “Pretender que meu país tão felizmente, extenso, rico e populoso, seja meramente passivo — não é um ultraje e uma violação dos direitos da humanidade?”

Mais adiante, descreve a posição dos filhos da colônia:

— “Estávamos como acabo de expor, retirados e, digamo-lo, ausentes do universo no que se refere à ciência de governar e administrar o Estado. Nunca fomos vice-reis, nem governadores senão por causas muito extraordinárias; arcebispos e bispos, poucas vezes; diplomatas, nunca; militares, unicamente como subalternos; nobres sem privilégios reais; não éramos, enfim, nem magistrados, nem financistas e quase mesmo nem comerciantes — tudo em direta contra-venção de nossas instituições”.

Continuando a examinar os problemas da administração da coisa pública, nas nações a serem libertadas, considerou:

— “Enquanto nossos compatriotas não adquirirem os talentos e as virtudes políticas que distinguem nossos irmãos do norte, temo muito que os sistemas inteiramente populares, longe de ser-nos favoráveis, venham a ser nossa ruína. Infelizmente, essas qualidades parecem estar muito longe de nós, no grau que se requer.

Contrariamente a isto, estamos dominados pelos vícios que se adquirem sob a direção de uma nação como a espanhola, que

se distinguiu somente em desumanidade, ambição, vingança e cobiça”.

Em seguida, critica a idéia de estabelecer um governo único para administrar as nações livres do Novo Mundo. Analisa detalhadamente a idéia, expõe as dificuldades, as razões pelas quais os esforços nesse sentido se tornariam infrutíferos e seriam fadados ao fracasso e indaga do leitor:

— “Para que um só governo de vida, ânimo, ponha em ação todos os meios de prosperidade pública, corrija, instrua e aperfeiçoe o Novo Mundo, seria necessário que tivesse as faculdades dum Deus, e pelo menos, as luzes e virtudes de todos os homens”.

Passa, depois, a examinar a hipótese de instalação de repúblicas nos países americanos e se opõe à idéia de instalação do sistema monárquico, expondo seus pontos de vista:

— “Não opino pelas monarquias americanas. Eis aqui minhas razões: o interesse bem interpretado de uma república circunscreve-se à esfera de que conservação, prosperidade e glória. Como a liberdade não exerce domínio, por ser exatamente o contrário, nenhum estímulo incita os republicanos a estender os confins de sua nação em detrimento de seus próprios recursos e com o único objetivo de fazer com que seus vizinhos participem duma constituição liberal.

“Nenhum direito adquirem, nenhuma vantagem conseguem vencendo-os, a não ser que os reduzam a colônias, conquistadas

ou alienadas, seguido o exemplo de Roma. Máximas e exemplos semelhantes estão em contradição com os princípios de justiça dos sistemas republicanos; direi mais ainda; em manifesta oposição aos interesses de seus cidadãos, porque um país, demasiado extenso em si mesmo ou por suas dependências, acaba entrando em decadência e converte sob forma livre em tirania, relaxa os princípios que devem conserva-la e recorrer por fim ao despotismo. O caráter das pequenas repúblicas é a permanência, o das grandes é vário; mas sempre se inclina ao império. Quase todas as de pequena categoria tiveram longa duração; da segunda, somente Roma se manteve alguns séculos; mas tal porque a capital era república e o resto dos seus domínios não o era, governando-se por leis e instruções diferentes”.

Cabe aqui uma observação, a monarquia das metrópoles deixou um traço profundo que se refletiria na organização política das futuras nações americanas.

Nos Estados Unidos, segundo opinião de alguns, se houvesse um príncipe disponível, seria constituída uma monarquia. Com as lutas da independência, porém, os impostos e os exércitos de George III se incumbiram de fazer com que fosse repelida qualquer idéia monárquica por parte da colônia. No entanto, Hamilton doutrinava pela instituição de um chefe de Estado, que perdurasse por tempo indeterminado, enquanto bem servisse, “for good behavior”... A idéia não vingou mas, de acordo com a opinião de Brice, ao formar a estrutura da nova nação, os políticos fizeram um decalque do sistema inglês; reduzindo-o e o aperfeiçoando. O presidente era a personificação do soberano inglês, diminuído em grande parte de

suas prerrogativas. O mandato era de quatro anos e foi prevista a recondução por outros tantos e se não houvesse o precedente de Washington, as reeleições poderiam se repetir constantemente, transformando o mandato temporário em vitalício.

Por outro lado, Adams e outros senadores tentaram aplicar ao presidente, o título de "His Majesty" ou "His Highness".

Quanto à influência do sistema monárquico, no ambiente político da América Latina, não deixa de ser uma realidade irrefutável a repontar, constantemente na etapa de formação das nacionalidades. Flores, Sucre, Monte Agudo, Riva Agüero, Garcia del Rio, Mosquera, Briceño Mendez eram por uma monarquia. Belgrano era por um sistema monárquico temperado e com Rivadavia, desejou um infante espanhol para soberano. Garcia cogitou mesmo, de um príncipe de Bragança para chefe do executivo. San Martín, empolgado por sincero nativismo, almejou entregar a chefia administrativa a um príncipe Inca. Rodriguez Peña, por sua vez, propõe um reino americano, para Carlota Joaquina, filha de Carlos IV e esposa do Príncipe Regente de Portugal, D. João.

Nem por outra maneira pode ser explicada a razão de Bolívar prever, em sua constituição, uma presidência vitalícia, o que constitui, na verdade, um trono, com outra designação. É a sombra de Napoleão projetando-se no continente americano.

O Brasil porém, conseguiu o que outros almejavam e isto porque tinha um príncipe a quem podia entregar a coroa de soberano. A tendência para a monarquia já se revelara quando a família real se transferiu para a Colônia, sob a pressão napoleônica. Ao chegar, D. João foi recebido com a aclamação de "viva o imperador", em 1808. Em 1815, o Brasil se tornou "reino unido" a Portugal. Ao partir para Portugal, em 1821, D. João aconselhou a seu filho, D. Pedro, que pusesse na cabeça a coroa antes que dela lançasse mão algum aventureiro. Diri-

gindo o movimento de independência, D. Pedro é proclamado imperador, em 1822.

Há outros fatos, também, que revelam esse impulso monárquico que orientou a idéia política de grandes vultos americanos. Em 1788, o herói negro Toussaint Louverture recusou ser rei do Haiti, sob o protetorado do soberano britânico. Em compensação, o então cônsul Bonaparte, em 1803, o puniu com o calabouço por sua honestidade política.

Rodriguez Francia, ditador vitalício do Paraguai, de 1813 a 1840, desempenhava seu cargo com o título de "el supremo". Morelos foi proclamado generalíssimo, com o tratamento de alteza, em 1813. San Martín foi generalíssimo e o grande Bolívar, "padre de la patria y terror de los tiranos" (1819).

Sucre, o valoroso general de Bolívar, foi eleito "presidente vitalício", em 1825 e foi obrigado a renunciar três anos após ter assumido o governo. Sant'Ana, em 1853, será tratado como a "alteza sereníssima".

E tudo isso sucedeu, embora fossem abolidos os privilégios hereditários. Aliás, cumpre notar, que não obstante esse fato, houve os dois Lopez, no Paraguai.

É nessa influência do sistema monárquico das metrópoles que deverá se buscar a origem dos governos republicanos que se prolongam, indefinidamente, nas repúblicas latino-americanas...

Continuando a expor seu pensamento político, Bolívar seguiu considerando que as repúblicas opõe, às monarquias, a vantagem de não serem impulsionadas à conquista de novas terras e a guerras, elementos que mantêm os tronos, sempre ávidos de riquezas e poder. Ao contrário, a república é paz e progresso, o que levou Bolívar a afirmar:

— "Por todos esses motivos, penso que os americanos, ansiosos pela paz, ciência e artes, comércio e agricultura, preferi-

ram repúblicas a reinos, parecendo-me que estes desejos se coadunam com os propósitos europeus”.

Posteriormente, passou a tecer considerações, sobre o regime federal e enunciou seu pensamento, não aprovando o sistema:

— “Não me conformo com o sistema federal entre os populares e representativos, por ser demasiado perfeito e exigir virtudes e talentos políticos muito superiores aos que possuímos. Pelo mesmo motivo recuso a monarquia mista, composta de aristocracia e democracia, que tanta fortuna e esplendor proporcionou à Inglaterra. Já que não nos é possível conseguir, entre as repúblicas e monarquias, o que há de mais perfeito e bem acabado, evitemos cair em anarquias demagógicas ou tiranias monocratas. Procuremos um meio termo, entre os extremos opostos, que nos levariam aos mesmos escolhos, à infelicidade e à desonra”.

Prevê, então, repúblicas com chefes eleitos, vitalícios mas não hereditários. Senado hereditário e, também, eleito, agindo como poder moderador, entre o poder executivo e as pretensões populares. E não só, a existência de uma Câmara, um corpo legislativo de livre eleição, sem outras restrições que as da Câmara baixa, na Inglaterra.

Traçou com espírito arguto e anteviu a política a ser seguida pelo México, pelos estados do istmo de Panamá, Venezuela e Nova Granada, Chile e Peru. Referiu-se, mesmo, ao que representariam no futuro, os canais do istmo.

Estudou, a seguir, o problema da administração de Pa-

namá, Nova Granada e Venezuela, Chile e Peru.

Advogou a associação dos estados do istmo de Panamá a Guatemala, a união de Nova Granada e Venezuela com o nome de Colômbia, em homenagem ao descobridor do continente. Estudou a situação privilegiada do Chile, prevendo existência longa para esse Estado:

— “Se alguma houver de permanecer muito tempo na América, inclino-me a crer que será a chilena”.

Quanto ao Peru, fez restrições, pois ali se aliavam dois elementos adversários de todo regime federal e liberal: o ouro e o regime escravagista. E disse, argutamente:

— “A alma dum servo raramente consegue apreciar a liberdade; enfurece-se nos tumultos ou humilha-se nas correntes”.

Concluindo a apreciação das condições políticas e das condições em que serão estruturados os regimes das futuras nações sul-americanas, escreveu:

— “De tudo o que ficou exposto, podemos deduzir as conseqüências seguintes: as províncias americanas estão lidando por se emancipar; por fim obterão êxito; algumas se constituirão de forma regular, em repúblicas federais e centrais; fundar-se-ão monarquias quase inevitavelmente nas grandes secções, e algumas serão infelizes e devorarão seus elementos quer na atual, quer nas futuras revoluções, que uma grande república evadiria”.

No trecho supra, nota-se alusão clara aos impérios do Brasil e do México.

Continuando em sua exposição, tratou da possibilidade de centralizar as administrações das nações americanas:

— “É idéia grandiosa pretender formar, de todo o Novo Mundo, uma só nação com um só vínculo que ligue as partes entre si e com o todo. Uma vez que a origem, a língua, os costumes e a religião são os mesmos, dever-se-ia ter, como conseqüência, um só governo que confederasse os vários estados que houvessem de se formar; mas não é possível porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos, caracteres dissemelhantes, dividem a América. Quão belo não seria que o istmo de Panamá fosse para nós o que o de Corinto é para os gregos. Oxalá que algum dia tenhamos a felicidade de instalar ali um congresso dos representantes das repúblicas, reinos e impérios, para tratar e discutirmos altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras três partes do mundo. Esta espécie de corporação poderá ter lugar numa época ditosa de nossa regeneração. Outra esperança não tem fundamento, e lembra a do abade St. Pierre, que concebeu o louvável delírio de reunir um congresso europeu para decidir da sorte e dos interesses da nações”.

Na última parte do pensamento ora transcrito, Bolívar idealizou a sociedade das nações, como exatamente um século depois seria planejada por Woodrow Wilson. E não só. Aí está a futura semente panamericanista, que vai unir o continente e

transformá-lo em um bloco coeso de nações.

Adiante, finalizando a exposição, a pena de Bolívar se deteve no exame de um elemento importantíssimo para a realização da estrutura político-administrativa das futuras nações: a união.

— “A união é que seguramente nos falta para completar a obra de nossa regeneração. Não obstante, nossa divisão não é de estranhar, porque tal é o distintivo das guerras civis, formadas geralmente entre partidos, de conservadores e reformadores. Os primeiros são comumente mais numerosos, porque o domínio dos costumes produz efeito de obediência às potestades estabelecidas, ao passo que os últimos são sempre menos numerosos, embora mais veementes e ilustrados. Desta maneira a massa física equilibra-se com a força moral e contenda, prolonga-se, tornando seus resultados muito incertos. Entre nós, afortunadamente, a massa seguiu a inteligência”.

(continua)

UMA VIAGEM A UM OUTRO PLANETA

Chegou a hora de passar a limpo algumas memórias, guardadas no arquivo do pensamento, estereotipadas no rascunho da mente para serem, à medida que oportunas, escritas no papel para lembrança que o futuro vai recordar.

Às vezes, eu fico pensando o mistério da nossa memória, arquivo de tantas lembranças largadas na voragem do tempo e que, de vez em quando, como a pedirem que sejam reveladas, precisam ser expostas, para não se quedarem desconhecidas, envoltas no silêncio das coisas que desaparecem sem um toque de sentimento da nossa parte.

Se possível fosse reproduzir no papel todas as imagens e todas as lembranças, insculpidas na memória das pessoas, transformado-as em livros tantos possíveis fossem, na sua imensidão, suficiente não seria o nosso mundo a armazenar o publicado!

O difícil, contudo, o quase impossível, pode-se dizer, é a tradução para a grafia das imagens retratadas, colhidas no dia-a-dia da existência. E eu que, de há tempos, resolvi expressar pela palavra escrita a imagem do que eu tenho guardado, não poderia agora que comigo trago, mais do que uma, todas as peripécias por que já passei, a reviravolta que, em poucos dias, o calabouço das minhas idéias viu revoltear numa aventura dantesca, em que as imagens da Divina Comédia se sucederam na cachimônia que Deus me dotou.

E eu fiquei matinando como arrancar do bestunto as imagens guardadas e fazê-las nítidas e compreensíveis que,

contadas tão-somente, elas não seriam o retratar do que eu houvera visto e presenciado.

Cada cabeça é uma biblioteca ambulante a carregar no seu imo as imagens colhidas no rebuliço da vida e eu quero contar agora as visões que eu guardei de viagem feita a um outro planeta, de uma viagem feita a um outro planeta!

Um dia, o meu filho, Antônio Carlos, convenceu-me ir assistir com ele a uma partida de futebol no outro lado do mundo, alertando-me que viajaríamos durante 25 a 30 horas de avião, com uma única escala depois de quatorze horas no ar!

Eu disse a ele que, estando com mais de setenta anos, talvez não me fosse conveniente tal passeio e que seria melhor que levasse, além da bagagem pessoal, alguma coisa mais interessante que não lhe proporcionasse trabalho ou preocupação, que então levasse a esposa ou as filhas; porém, a deliberação dele era a de viajar comigo e, quando percebi, ele já se apossara do meu passaporte, que tem validade até o ano 2002, providenciado e conseguido o necessário "visto", adquirido as passagens, reservado e pago hospedagem, marcado horário para uma visita ao meu médico para que ele desse o seu *nihil obstat*.

Eu só sei que quando dei por mim, estava dentro de um avião, num vôo internacional (classe executiva para maior conforto) que classifiquei de vôo interplanetário.

Sabem para onde fomos? Para o outro lado do planeta, onde quando aqui é meio-dia, lá é meia-noite, onde em relação a aqui, estamos todos andando de cabeça para baixo, fomos parar no Japão!

Eu confesso que não fiquei nada deslumbrado, fiquei foi como que assustado por me sentir, não na Terra, mas num outro planeta desconhecido, onde nem língua (falada ou escrita), nem costumes nos faziam pensar estar no nosso planeta! Até o ar de lá parecia-nos esquisito, diferente. Tirante as pessoas que viajaram conosco, tudo o mais assemelhava-se a bonecos falantes de uma linguagem estranha (quando falavam),

mais para robôs ou seres de outro inundo!

A começar que as direções dos veículos localizam-se do outro lado e estes são dirigidos na contramão e as bicicletas, montadas por seres para os quais o espírito de educação inexistente, jamais foi ensinado, trafegam sobre as calçadas e os passeios públicos e a gente que não conhecia o hábito, estava sempre em perigo de ser atropelado! Todo mundo de cara fechada (não digo feia, porque lá não existe ninguém de cara bonita!), mais para mal-humorados.

Não vi em Tóquio, Yokohama, ou outro lugar qualquer, nem um casal de braços dados, oriundos da terra do Sol Nascente, mas sempre o homem andando à frente, rápido, como a fugir de qualquer coisa, e as mulheres atrás, como a persegui-los... Pareceu-me que lá é o Érebo em que nas suas regiões tenebrosas abrigam-se as gentes feias e mal encaradas, à espera da remissão para os seus pecados!

Lucas Neto, um jornalista que fazia a cobertura da viagem, chamavam-nas de morceguinhas e aos homens, morcegos em busca de um destino.

A comida, em rações minúsculas e individualizadas, são vistas e escolhidas em um painel lá fora dos locais onde as pessoas vão comer que, para mim, não podem ser chamados de restaurantes, pois, lá dentro, quando nós assentamos para comer, um ser estranho, mais para robô do que para garçom, vem com um papelão quadrado com as fotos dos pratos que foram vistos lá fora e, nós que já escolhemos o que vamos comer, indicamos com o dedo o que queremos e o fantoche vai se embora buscar o prato (ração) escolhido. Se a gente titubeia e demora a escolher o prato o garçom vai embora e, dali a pouco, mandam-nos sair que outros estão esperando o lugar.

E o preço? Um prato de massa aqui chamada putanesca e que a gente o encontra nos restaurantes típicos italianos para fartar-se ao preço de oito a dez reais, custou-nos lá a ração individualizada, a bagatela de trinta e dois dólares cada

um! E isso nós encontramos em um restaurante que diziam "italiano", mas, feita a comida, dirigido, servido e cobrado por japoneses.

O meu filho, numa noite, saiu com outros companheiros da viagem e foram jantar em um restaurante típico japonês e quase não pôde comer por falta de talheres os mais elementares: garfo, faca, colher... Teve que usar as mãos, a exemplo do que fazem os árabes com os seus costumes. Lá no restaurante japonês, trouxeram-lhes os "nashis" (pauzinhos com os quais os da terra comem).

Nas ruas e praças, quando um japonês manifesta-se muito alegre, logo aparece um outro sisudo que o retira do meio do povo e, pode-se ter a certeza, era um bebum que, apenas por estar alegre, segundo eles, estava perturbando a boa ordem.

Fomos conhecer o trem-bala e, como sói acontecer conosco, entramos no vagão à procura dos nossos lugares (numerados e lá é tudo bem explicadinho!) conversando uns com os outros e, para nosso espanto, encontramos passageiros todos vestidos a caráter, engravatados, ternos escuros, as mulheres, nunca assentadas com os homens, no mais completo silêncio que, à nossa chegada (todos) passaram a olhar-nos com olhares reprovadores pois, é a minha impressão, faltava-nos a educação necessária a vedar-nos conversar, uns com os outros, em recinto "tão solene" que era o interior do trem-bala.

À nossa chegada, quando descemos do avião no Aeroporto de Narita pudemos ver no pátio do aeroporto, uma ave estranha, semelhante a um urubu, branca, que não se intimidava à aproximação humana e que em vôos curtos e rasantes, voava de um lado para o outro, gritando estridentemente quiá quiá e isso, também, em todos os logradouros das cidades...

Em Tóquio ficamos hospedados no 24º andar do prédio do hotel, contudo, a altura não nos impediu de sermos atormentados, durante toda a nossa estada no Japão, pelo grito macabro da ave funesta (quiá... quiá...).

Visitamos o Jardim do Imperador, um parque de rara beleza, tudo muito certinho, árvores raras muito altas, extremamente bem cuidadas, típicas da terra, templos budistas que proliferam, os pagodes preservados como marcas da cultura milenar do povo, e não faltou a nenhum destes logradouros (quiá... quiá...) o grito de mau agouro da ave simbólica da terra, e acho que sagrada para eles, como as serpentes para determinadas regiões da Índia.

Nos logradouros públicos (ruas, praças, avenidas...) as plantas são tratadas como donzelas para um conclave de beleza, aprumadinhas, podadas e escoradas e bem resguardadas de qualquer agressão (da humana nem em pensamento!).

As árvores em formação, desde o início da vida delas, escoradas, retas para não se degenerarem ao passar do tempo.

Não vi uma árvore torta ou quebrada; a limpeza é tão ressaltante que não se encontra um palito de fósforo usado jogado na rua!

A gare central, de onde partem ao que me pareceu, cinco linhas de trens comuns, vêm-se listras pintadas de várias cores, cada uma levando a uma determinada direção e os trens pintados com as cores respectivas, estão em pleno movimento, dia e noite, cruzando as diversas linhas em elevados ou minitúneis pela cidade afora...

Tóquio, olhando-a do alto (do 24º andar onde estávamos), dá-nos a impressão de um conglomerado de prédios de diversos andares, grudados uns aos outros, sem espaços livres para quintais ou jardins, mais assemelhando-se a um gigantesco cupinzal, do que propriamente a uma cidade, segundo os japoneses refeita, reformada, reconstruída, após a devastação que sofreu na Segunda Grande Guerra, pelos bombardeios inimigos.

Mas, a reconstrução, o refazimento, foram perfeitos, o que nos apresenta a cidade, assim como uma visão fantasmagórica contada em contos de fadas ou em filmes de ficção científica próprios deles japoneses.

Lá, a cidade, os monumentos, as estátuas e o próprio povo, principalmente, não se parecem com coisas deste mundo.

A impressão que a gente tem e guarda de lá é a de que não se está andando por sobre a Terra, mas, num mundo em que a ficção tomou o lugar da realidade que rendeu, cansada, o seu direito de existir.

Ao que parece, despertados do cataclismo do pesadelo atômico da Segunda Grande Guerra, os sobreviventes japoneses, estremunhados do atordoante sono causado pelo estrondar do raio destruidor sem precedente na sua história milenar, desnudos do orgulho de se entenderem no topo das visões da vida, tomaram a decisão de construir uma nova versão fantasmagórica de um mundo novo para ser visto e admirado sem os vislumbres de conquista.

Quando se anda por lá, encontram-se, contrastando o mundo da realidade, os mitos fabricados quais robôs ou seres mitológicos, movimentando-se como se vivos fossem, nas praças, nos logradouros em geral.

A natureza, então, como que de um mundo ou dimensão diferentes, violada na sua essência, vergou-se à tecnologia e à vontade dos novos deuses que a manipulam a seu bel prazer, metamorfoseando-a a criar novas formas, desnaturando-a a não se assemelhar a coisas do universo que nós conhecemos!

Nos vales, penhascos ou descampados o que se vislumbra é apenas um cenário artificial por toda a parte, que a exigüidade do território, contrastante com a profusão imensa de uma população sem limites, já todo ele violentado pela mão predatória do homem nativo que parece, numa ânsia desmedida, querer desafiar os deuses criadores das coisas, na mudança que pretendem transformar as ilhas que compõem o território da terra que lhes sobrou e que não divisa meios de ser ampliada, pois que, de todos os quadrantes, cercados pelos povos vizinhos, como ameaçados de violação a qualquer hora, encontram uma muralha imaginária a vedar-lhes o limite do ho-

rizonte. E eles, no desespero de ampliar as coisas a que a sua criatividade vai imaginando, à míngua de espaço, recriam nas coisas criadas a cada passo novas visões que as substituem com formas novas.

Não tive tempo de viajar por ela, mas, ficou-me a imagem mostrada de uma rodovia turística que liga Tóquio a Nikko, a estrada Irohazaka, que nos fins de semana não é utilizada para o trânsito normal, mas, apenas como uma via para recreio, para ser admirada pelos motoristas e transeuntes, nas suas miríficas cores de outono, constante lá, nas variegadas espécies de flores todas elas plantadas pela mão do homem na sua criatividade, no embelezamento do seu pequeno rincão pátrio.

Nas suas curvas e espirais, serpeando os morros e montanhas, descendentes de escarpas e desafiando os despenhadeiros, a Irohazaka é como um desafio a mais que a ousadia dos nipônicos oferece à vista dos que a demandam, numa afronta à própria natureza que perdeu o seu lugar a mostrar as suas belezas naturais.

Aqui, neste outro lado do mundo, encontramos os descendentes japoneses que, muito modificados, ainda são diferentes de nós, oriundos descendentes de europeus, negros e índios.

Mesmo adaptados, já pelo nascimento como pela vontade, de miscigenarem-se, ainda conservam, talvez pelo sangue, alguns hábitos que, como gens transmitidos pela hereditariedade, os caracterizam como japoneses. Seus hábitos naturais, dificilmente eles os abandonam e, por mais que se esforcem, são sempre tidos por nós como nipônicos.

Uma coisa, entretanto, não pode deixar de ser observada e levada em conta: os nossos japoneses são muito diferentes! São mais alegres e, apesar do seu sorriso amarelo, perderam a característica da cara feia própria dos nativos do Japão.

As mulheres daqui, as aqui nascidas, são muito bonitas e sociais e casam-se quase sempre com as rapazes da terra,

mesmo que os que vieram de lá não aprovem a união, recusando-se a misturarem conosco, não aprovando os casamentos dos filhos deles com os nossos filhos; abominando tais uniões ao ponto de a maioria não receber tanto os genros e noras como da família, tratando com discriminação os netos advindos de tais uniões, conservando-se isolados, arredios e sempre de cara feia, presos aos hábitos que não se modificaram, deixando para os descendentes a aproximação futura com os da terra.

Certa vez eu li num cartaz de propaganda em um coletivo uma legenda que achei interessante: era um grupo de, talvez descendentes de japoneses, moços alegres, compartilhando com outros de nacionalidades diversas e, em baixo a inscrição que “os nossos japoneses são sociais e diferentes”, como a distingui-los dos verdadeiros que, no meu conceito, são anti-sociais e, também muito diferentes dos daqui.

Aquele povo, no dia em que os homens pousarem em outros planetas, lá se sentirão sem qualquer óbice, adaptando-se às condições locais sem mais preâmbulos ou obstáculos.

Como o nosso objetivo era o de assistirmos à decisão, entre Palmeiras e Manchester, do título de campeão do Mundo, fomos ao estádio palco da peleja e nos acomodamos numa parte reservada para os brasileiros (os japoneses são muito organizados) onde não encontramos ninguém de outra nacionalidade.

O restante do estádio lotou-se de japoneses, disciplinados e ordeiros, bem vestidos, silenciosos, e uma outra pequena ala com, ao que nos pareceu, uns torcedores do Manchester.

Não será necessário dizer que a ala dos brasileiros destacava-se do restante, pela bagunça, falta de educação e de respeito e sem o mínimo princípio de ordem, o que chamava a atenção até das autoridades encarregadas da boa ordem no meio de tanta gente. Até um princípio de briga por bebedeira, com ameaça de intervenção da Polícia local, ocorreu, o que foi despertando a antipatia contra nós brasileiros.

Numa determinada hora, num painel eletrônico, apareceu uma advertência, — que só poderia ser para os brasileiros, pois, redigida em Português — alertando que as autoridades policiais estavam determinadas a retirar do estádio as pessoas de reprovável comportamento e perturbadores da boa ordem, que se tratava de um espetáculo em que a disciplina e o respeito deveriam predominar.

Impressionou-me a baixaria dos nossos conterrâneos, que chegou ao ponto de induzir toda a assistência nipônica a torcer para os ingleses e a aplaudi-los nas suas jogadas.

Quando, terminada a partida, com a vitória dos nossos adversários, saímos derrotados do estádio, quietos e silenciosos, com o “rabo entre as pernas”, segundo a expressão mineira, ainda pudemos ouvir, como que zombando da gente, não a vaia dos japoneses, mas o grito estrídulo, agourento (quíá... quiá...) do pássaro fatídico.

Em Yokohama estivemos no edifício mais alto do Japão, do alto do qual, como num ponto estratégico, avista-se como que em amplitude, olhando para todos os lados, um fac-símile do território do país, marcado por montes, vales e penhascos escalpelados de uma aridez pétrea e de uma desolação impossível de uma descrição, para quem está acostumado às paragens da nossa terra.

Embalde a gente procura com a vista perdida na distância, algo marcante que se possa arraigar na memória para trazer de lá como lembrança a ser contada, mas, apenas, não sei se verdade, já diluindo-se na paisagem mesclada nas brumas e poeira do cair melancólico da tarde de outono, a silhueta de um monte que, disseram-me, o monte Fuji, o mais alto do Império do Sol Nascente.

O meu filho Antônio Carlos, que foi portador de uma lista sem tamanho de coisas que lá pretendia comprar, mas, que precavido fizera, de antemão, uma cotação de preços aqui, nada comprou, pois os preços lá, do que é deles e se vende aqui, custa o dobro do preço que aqui se paga pelo mesmo

produto. É que subsidiam marcadamente a exportação, para competirem e dominarem os mercados no exterior e sufocar os concorrentes.

O povo de lá é um povo diferente de qualquer outro povo, inintendível, dogmático e, cada um separadamente, dá-nos a impressão de que está a fugir de si mesmo, mergulhado em insondável mistério, enigmático às preocupações da vida.

Por mais que se tente, é inútil pensar que se poderá fazer uma amizade ou até mesmo uma aproximação camarada.

Quando de um deles aproximamo-nos nota-se-lhe a intenção, desde logo, de estar distante da gente e, quando logramos qualquer contato, não se consegue, não conseguimos nenhuma resposta satisfatória.

Talvez, o fantasma da guerra que lhes devastou o território e lhes dizimou a população ainda esteja a assombrar-lhes a alma, a ponto de verem a todo ocidental como um inimigo, com aquela algidez que lhes é peculiar.

Uma coisa, entretanto, eu vi e fiquei escandalizado: numa praça em Yokohama, num pequeno percurso, uma moça japonesa, como se fosse uma alimária qualquer, puxava uma charrete em que estava encarapitado um odioso americano, com um chicote na mão, como um senhor absoluto, numa liteira puxada por uma escrava!

Dir-me-ão que seria uma atração turística e eu respondi que foi uma demonstração de baixaria em que a alma humana, vilipendiada, não deveria se submeter e, mais odioso e vil é notar que um outro animal, mais irracional ainda, era carregado como um ser superior para quem a dignidade dos outros, mais ainda por ser uma mulher, nada representava como ponto de valor.

Para mim, foi uma das cenas mais deprimentes que eu até hoje presenciei, mormente por se ter notícias que, enquanto nós no Brasil vivemos no sufoco de uma dívida externa de mais de duas centenas de bilhões de dólares e de uma dívida interna de mais de seiscentos bilhões de reais, o Japão vive

nadando numa riqueza de mais de setecentos bilhões de dólares de reservas e superávit, o que lhe proporciona o privilégio de ocupar o terceiro lugar no ranking dos países ricos em matéria de reservas monetárias e como potência industrial.

Com todo essa *handicap* é ridículo permitir que uma jovem faça as vezes de uma besta puxando uma carroça com um outro animal dentro, só para ganhar uns poucos dólares ou ienes.

Em Nova Iorque eu achei desprezível um brasileiro, num passeio em que paguei quatro dólares e oitenta centavos uma corrida de táxi, pagar trinta e cinco dólares só para ser levado numa limusine preta com um motorista uniformizado que abriu-lhe a porta na descida, quando ele foi pela esposa fotografado!

Pois é, no Japão eu tive que presenciar aquela cena ridícula e humilhante em que, por uma meia dúzia de dólares ou nem isso, uma jovem japonesa puxava uma carroça com um americano dentro.

E eu percebi uma verdade, sem contudo, poder entendê-la ou decifrá-la a contento: o povo japonês ainda pensa que está trabalhando para o reerguimento da pátria, ainda trabalha para o Japão sem pensar em si próprio, visando tão-somente a grandeza da nação e não entender que a dignidade do indivíduo deve ser considerada como um valor mais elevado. Todos, ainda, sem distinção, carregam a tristeza de terem visto ou ouvido contar da catástrofe que um dia, num passado não muito remoto, ameaçou como uma nova Atlântida, submergir-lhe as ilhas que formam o pedaço de chão onde nasceram. Que o Japão, mesmo que o queiram, jamais poderá ser um país além do que é, que o seu território, onde se acotovelam mais de cento e cinquenta milhões de habitantes, não oferecerá em tempo algum condições de vida confortável aos seus filhos.

O seu território com seguramente seiscentos mil quilômetros quadrados, formado de ilhas, muitas delas inóspitas e

vulcânicas, assoladas por terremotos e vendavais, impede-o de crescer em sentido mensural, embora a sua tecnologia o coloque, no contexto do mundo, nos lugares de maior destaque.

Tudo ali já atingiu o clímax em matéria de progresso e tecnologia industrial e cientificamente; entretanto, nem a matéria-prima que utilizam na sua indústria eles a produzem, têm-na importada de outras partes do planeta. Mesmo assim, os seus produtos inundam os mercados do mundo e até mesmo nos países mais ricos e adiantados.

Todos os seus esforços para expandir o território, nas suas guerras de conquistas, restaram-lhes frustrados e infrutíferos e até mesmo território perderam, como no caso das Ilhas Kurilas para a Rússia...

Sem qualquer saudade empreendemos a nossa viagem de regresso ao Brasil, deixando lá atrás a terra do Sol Nascente.

Chegamos ao Aeroporto de Narita com quase três horas antecipadas para, com tempo, preparar o embarque, com a expedição das bagagens e conferência de vistos em passaportes e passagens de volta, volta a ser realizada pela mesma empresa de aviação coreana em que fomos.

Enquanto o Antonio Carlos providenciava os vistos dos passaportes, passagens e o embarque das bagagens, eu fiquei zanzando pelo saguão de espera apreciando as vitrines de produtos expostos à venda.

Consegui uma cadeira em que me assentei para, mais descansadamente, aguardar o instante do embarque.

Nesse ínterim chegou onde eu estava um dos nossos companheiros de viagem, acompanhado da mãezinha de oitenta anos, e arranjou-lhe uma cadeira para que ela descansasse e aguardasse como eu a hora do embarque.

Conversei muito tempo com ela, que a demora foi assaz grande, até que embarcássemos para o regresso.

À nossa frente, do outro lado, numa loja um brinquedo chamou-me a atenção: movido a pilhas, um macaquinho batia

um tamborzinho como se fosse um baterista integrante de uma orquestra, como se estivesse em plena execução, numa apresentação artística.

Dona Judite, a senhora idosa que estava ao meu lado e que parecia estar deveras abatida, que me havia dito que, durante a nossa permanência no Japão, pouco ou quase nada conseguira comer, que por isso, estava mal-alimentada, quase desnutrida, falou sobre uma netinha dela de dois anos. Disse-me que a única coisa que comprara no Japão fora um macaquinho daqueles e que estava ansiosa para chegar à casa dela para ver a alegria da netinha com o presente.

Chegou, finalmente, o momento do embarque e, da janela do avião, eu ainda pude avistar, esvoaçando no pátio lá embaixo, a ave de mau agouro que parecia estar gritando (quíá... quiá) sem que a gente a escutasse, pois onde estávamos não havia abertura para o lado de fora.

Depois do embarque não vi mais Dona Judite, que estava viajando na classe turística localizada na parte inferior da aeronave.

Quatorze horas no ar e descemos em Los Angeles, onde nos detivemos por oito horas enquanto preparavam o avião, abastecendo-o com tudo o necessário para o restante da viagem até o Aeroporto de Guarulhos.

No intervalo de espera em Los Angeles foi-nos permitido um *tour* pela cidade até Hollywood, quando notamos a falta de Dona Judite e do filho, chegando-nos, entretanto, a notícia que ela sofrera, no desembarque, um desfalecimento, e que fora levada a um hospital para ser socorrida.

Durante o passeio, pelo telefone celular da guia que estava conosco no ônibus, fomos avisados que ela falecera e, como homenagem à memória dela, respeitamos um minuto de silêncio.

Tive vontade de conclamar os presentes a uma prece coletiva naquela reverência, entretanto, preferi, sozinho, ir buscar lá no fundo da alma, o meu próprio sentimento, na lem-

brança guardada desde milhares de quilômetros deixados para trás, nessa trajetória de volta.

Guardo a sensação de haver sido eu o último estranho a conversar com ela, na nossa parada no Aeroporto de Narita, enquanto nossos filhos providenciavam-nos a documentação para a volta.

Senti um nó na garganta ao lembrar do seu sorriso ao dizer-me que a única lembrança que trazia era um daqueles macaquinhos bateristas, para a netinha de dois aninhos, que não via a hora de chegar em casa para se deleitar com a alegria da criança ao receber o presente!

É um grande mistério a alma da gente na avaliação das coisas *en passant* da vida nas viradas da terra.

As nossas decepções e as nossas alegrias não se assentam tão-somente nas grandes coisas que revolteiam ao nosso redor, mas, grande parte das vezes, nas minúsculas partículas da poeira das nossas reminiscências.

Quantas vezes uma pequena coisa, até sem valor, traz-nos a verdadeira alegria e nos marcam o instante, o momento maior de uma caminhada sem limites e, para aquela vovozinha octogenária, a sensação maior não teria sido as lembranças de uma viagem fantástica às paragens do outro lado do mundo, mas o sorriso angelical da netinha de dois anos quando visse num brinquedo simples, a figura momística, imitando um baterista, malhando um tambor de brinquedo.

Esta alegria, entretanto, ela não teve tempo de vê-la realizada, sufocada que foi pela lúgubre serenata da deusa das trevas que a despertou, arrebatou para um destino de outra dimensão.

Ela não pôde assistir a um sorriso apenas do anjo dos seus sonhos, que era o único prêmio esperançado para o ultimato de uma revoada, de milhares e milhares de quilômetros, ao outro lado do Planeta Terra, aos confins de um país estranho já colocado, talvez, num plano de uma outra dimensão.

Ao registrar estas impressões que eu retive na memória,

guardados das observações colhidas naquela viagem, pretendi tão-somente deixar ao conhecimento dos meus o sentimento que a alma brasileira consegue inscrever na tela imaginária do seu íntimo, para não permanecer obscuros aqueles rasgões que o relâmpago, que foram uns poucos dias, mostrou à nossa curiosidade.

Não pretendam insinuar que eu não houvera gostado daquela viagem ao Japão, pois, eu responderei que, deveras proveitosa, ela foi-me muito gratificante que, de todas as demais que fiz pelos confins da terra, fora ela a mais proveitosa que nela eu pude sentir e apreciar a realidade do sentimento de um povo que, vivendo uma forma para nós antagônica, pareceu-nos no cumprimento tão apenas de um objetivo, que podemos chamar de destino predito, quiçá, na distância do tempo.

Para eles, não se lhes importa nem mesmo a felicidade pessoal que caminham silentes em busca de um desiderato que nem sabem qual seja, que os progressos alcançados não lhes bastam jamais, na recriação do seu mundo novo, assentasse num pomo estereotipado no horizonte da vida e o horizonte por eles perseguido afasta-se cada vez mais à medida em que rumo a ele caminham.

É bem possível que essa ânsia incontida de atingirem a perfeição na consecução das coisas, seja o produto tão-somente de uma angústia que trazem arraigada no peito, de terem visto fugirem-lhes as ilusões de uma grandeza que pensavam o ômega atingível, e que se desfez qual bolha de sabão no putrefação atômica de Nagasaki e Hiroshima ou que sentem inatingível, por não possuírem um território grandioso, onde a imaginação possa ter largas na busca e composição de coisas novas.

Talvez, quando sonhantes, eles vagueiam por plagas sem limites, vislumbrando um território amplo onde possam, na criação de miríades de novas imagens, fazer deste nosso planeta um outro muito melhor em que a inteligência do ho-

mem, na derrubada de todos os obstáculos, esteja mais próxima de Deus ou, quem sabe mesmo, à procura de uma justificação para a sua hipocondria, eles não sonham com uma hecatombe em que, qual nova Atlântida, o seu País pequeno, em causa da insondável vaidade e orgulho mórbido que os animam, venha a se afundar como um barco à deriva, nas águas da imensidão do Pacífico.

Somente assim poder-se-á encontrar um paralelo a decifrar na sisudez e melancolia daquele povo, oculto dentro de si mesmo, como a buscar na alma escondida a razão do seu próprio viver as coisas incompreendidas.

Até agora eu não consegui decifrar se uma viagem ao Japão constitui-se numa aventura, num sonho quimérico ou num pesadelo em que sucedem-se imagens de monstros e de deuses exóticos ou, ainda, a um mundo mirífico que, quando se acorda, por largo tempo, procura-se entender o que se encontra em volta, o que foi visto e que se deixou atrás.

O que, porém, é certo, é que lá é a ante-sala de um outro planeta!

ISABEL BORAZANIAN

LAMPEJO

No sopro de uma canção
Saio pra vida que é dança
Abrindo meu coração
Resgato m'alma criança

Claro se faz o meu dia
Em luzes de arribação
Viajo na fantasia
Me visto de Alazão

Acalentando m'alma criança
Em luzes de arribação
Alimento com eterna esperança
Os desejos do meu coração

XUÁ-LUZ

A luz
Branca
Conduz
Devo
Emergir
Fluir
Girar
Habitar
Incitar
Jasmins
Lírios
Margaridas
Na vida
Onde
Pássaros
Querem
Reinar
Seremos
Todos
Única
Vida
Xuá
Zinziluar

ENERGIA

Viajar nas alegorias que habitam o não-concreto
Flutuar e saber que a verdade rodopia
Os sonhos giram...
Suave vida
Suave volta
Suave ida...
Flutuar gostosamente sem sair do lugar
Tudo é energia que vibra constante
E faz o mundo girar
Suave ida
Suave volta
Suave vida.

MENINO BRASILEIRO

Menino brasileiro
Perdido na praça
Deitado no banco
Rompendo ilusão
Sem eira nem beira
Sem base sem condição
Quem são os bandidos?
Quem é o ladrão?

DUALIDADE

O ritmo do meu coração
Pulsa tangível
O querer do meu coração
Pulsa intangível
No visível invisível mistério da vida
Vibra o real que não se vê
Num sopro divino as vidas se estabelecem
Se estabelecem e passam a ser.

FAZ TEMPO

Faz tempo que o tempo me espera...
Jogo os sonhos para o espaço
Eles se espalham procurando a lucidez
Na liberdade aparente
Minha mente viaja soberba
No imaginário latente
Passeiam minhas emoções...
Pelas portas escancaradas do meu cérebro
Rebato a incerteza
A solidez planeia
E encontro a certeza
Que a vida é muito mais do que a lógica pode perceber

“Cada ser tem seu próprio ritmo.
A harmonia de um grande conjunto
começa a se perder quando o desrespeito prevalece.”

MAGIA

Não é sonho
Não é utopia
É a magia do bem querer
Que adentra meus poros
Revira minha pele
Me aquece inteira
Me lança pra viver

VOU

Vou galgar as montanhas do pensamento
Subir correntezas, vencer rebeldias
Vou aliviar a depressão
Tomar goles de coragem
E banhar-me de amor...

DECISÃO

As pálpebras precisas definiram os sentimentos e na longa e curta expressão os sonhos e desejos se fizeram estampados. Um torpor invadiu todo seu corpo, era o peso do momento, a queda da estabilidade que soprava para o alto todos os seus sonhos. Era chegada a hora da definição, seu corpo e sua alma sentiam, o momento se aproximava, não dava mais para fugir ou simular.

E neste turbilhão de sensações, uma borboleta veio sobrevoando em sua volta e pousou sobre um álbum de fotos da família que estava esquecido no canto da sala. Todo este movimento despertou sua atenção, pois na semana anterior ele havia conversado com um amigo que lhe dissera que o Universo manda-nos sinais, só basta estarmos atentos para percebê-los.

Vendo a borboleta pousar, permitiu dar atenção para o seu lado intuitivo, abriu o álbum e deparou com ele menino. Suspirou e as lembranças tomaram conta do seu ser.

O cheiro, o som, o sabor, o tato...

Voltou a ser menino, correndo nas campinas, era o gosto gostoso de apenas ser, gargalhadas espontâneas, os tombos, a grama, as árvores, as flores, o orvalho, os pássaros, as borboletas, a terra, a chuva e o sol.

Todas as sensações vinham tão rápidas abraçando seu íntimo, fazendo-o sentir uma saudade feliz.

Estava vivendo momentos mágicos de recordações, quando o telefone tocou, fechou o álbum rapidamente, seu coração batia descompassadamente, sua boca estava seca, era chegada a hora, suspirou e cada segundo passou a ser uma eternidade.

— Alô! Sim, é ele.... O quê? Verdade! Graças a Deus. Obrigado.

O choro descia involuntariamente de sua face, era o alí-

vio de poder saber-se curado e voltar a ter sonhos.

Rodopiou pela casa, pulou, subiu no sofá, gritou, esperneou.

Sua vida daquele momento em diante ganhou outro significado, ele percebeu que “ser” era muito mais importante...

AFLIÇÃO

Romper barreiras
invisíveis do sufoco
que torto
vem como um soco
na boca de meu estômago
acelerando meu coração.

CONSEQUÊNCIAS

O horizonte resplandece
A imagem aparece
Averigua sensações
No canto soberbo
O ser pensante
Caminha galante
Nos pensamentos
Na imaginação
Garbosa a folia
Rasgou o tormento
Do ser que doente
Se punha a chorar
No campo mais perto
Um riso liberto
Rasgou as montanhas
Pro rio passar.

RASGANDO RAZÃO

Queria ser um pássaro
Ter braços voadores
levez no flutuar.
Gostaria de ser mãe Lua,
iluminar a rua
e silenciosamente, permanecer,
ficar, olhar...
Olhar, olhando o silêncio
que vive a noite
um silêncio, silenciosamente
silencioso
ocultando razões
que se encontram perdidas
E se são realmente razões,
sabe-se lá
o porquê das razões...

ESCAPATÓRIA

Não se trata de absurdo
Se o absurdo, quando absurdo
abre as portas do equilíbrio
extrapolando a insegurança
trazendo alívio pra dor
alinhando a cabeça
aquecendo o coração
Então...
Giro em torno da insegurança
Dou um salto de criança
E me imagino no céu

REALIDADE

No palco da vida
a rotina é vestida
pela justiça arquivada...
pelos desejos cobertos...
pela naturalidade violentada...
E tudo se torna real
e toma forma
pela estupidez do correr
sem saber para onde
do querer acontecer
sem saber o porquê
do estar sem ser
e do ficar sem permanecer.
No palco da vida
a rotina é vestida
pela justiça arquivada...
pelos desejos cobertos...
pela naturalidade violentada...

ABSORÇÃO

A força divina
se faz presente no universo
O verdadeiro sentido da vida
vive camuflado em receitas
de falsas boas maneiras
de falsos progressos
de supostas riquezas e cortesias
Mas, a esperança é que:
a semente verdadeira do viver
não secou e nem sequer morreu
Ela apenas dorme
procurando um despertar.

DEVORADORAS DE SONHOS

Escrever era com ela mesmo. Desde a infância, Beloca, menina prodígio, assim referida pelos pais num exagerado roubo de orgulho, manifestara pendor pelas letras. Ainda guria, mal largada a chupeta, rabiscava historinhas ao alcance do seu intelecto.

Quando já na ála cre convivência estudantil do segundo grau, assumia a direção dos grêmios de recreação e cultura. Fundava, chamando para si a responsabilidade redacional, jornaizinhos de modestas duas páginas, em formato de tablôide, com distribuição gratuita para a estudantada. Mais patusada de mancebos que aprumo cultural. Findas as aulas, nada de gazetear com as coleguinhas da escola. Enfunava-se na biblioteca do pai, de um ecletismo impressionante, bom advogado que era, onde até os volumes de narrativas fantasmagóricas tinham vez. Recusava ir às festas só para dedicar-se a escrever. A princípio, entusiasmada pelas obras de Drummond, Bandeira, Cecília Meireles e Quintana, com escapadelas pelas elegias de Pablo Neruda, entusiasmou-se pela poesia. Coisa de mocinha deslumbrada pelas belezas da vida. Mas, essa admiração pelos vates não encontrava a devida correspondência no que buscava produzir. Tentava, mas não conseguia, adequar-se a rimas e métricas. Inúteis os esforços dispendidos para uma alçada triunfal no seio dos poetas. Chegou a rabiscar alguns sonetos, com versos imperfeitos, é verdade, espécie de acalanto para a sua alma mal desperta e eternamente insatisfeita. Achou-os pífios. Com uma metrificacão man-

quitó que não conseguia harmonizar, por mais que se esforçasse. Leu-os e releu-os até a exaustão. Num derradeiro gesto de enfado reduziu-os, com fúria, a pedaços, atirando-os no cesto dos papéis inúteis. Aprovada num vestibular para um curso de letras, deu-se conta de que o seu forte era o conto. Cresceu nela o aprimoramento por esse gênero literário. E passou a produzi-lo num frenético encadeamento que lhe consumia as longas noites de inspiração e insônia. Como resultado dessa predileção exacerbada, encasquetou que devia produzir um livro, compilação do que de melhor saíra do teclado da máquina de escrever que preferenciava ao computador. Obra concluída, assuntou o pai sobre a possibilidade de custear a impressão. A resposta veio desalentadora:

— Filha, é pesado demais para o meu bolso.

Procurou várias editoras. Todas refugaram, frustrando o grande sonho de Beloca. Mas, ela era dessas criaturas que não se deixavam vencer por nonadas. Com freqüente habitualidade, compulsava o seu trabalho num misto de altivez e certeza de que um dia, distante que fosse, os seus contos esplenderiam nas livrarias. E com os louvores de renomados críticos literários.

Corrigia o que lhe parecia desarmonioso. Eliminava o excesso de adjetivação. Evitava cacofonias. Ajustava os acentos. Regularizava o posicionamento das vírgulas. Até alcançar a redação perficiente exigida pelo aprumo estilístico. Ao término de cada leitura, um sorriso largo e espontâneo iluminava-lhe o rosto, em sinal de aprovação. E como a desejada impressão do livro não prosperasse, sem mais nada fazer nem mexer, deixou-o de lado, num aparente conformismo. Mas, muito bem guardado, como preciosidade do mais fino labor, numa caixinha de madeira ensamblada nas extremidades por cantoneiras prateadas, presente que a avó lhe dera, pouco antes de morrer. Tudo muito bem chaveado. A partir desse momento, decepcionada, Beloca mergulhou para valer num mercado de trabalho totalmente diferente, embora ligado à sua

mania de escrever. Já que lhe negavam o ingresso no rol dos escritores, dedicou-se ao aprumo redacional dos petítórios e arrazoados que o pai limitava-se a debuxar. Se o pai era um profundo conhecedor das leis e andava atualizadíssimo com a jurisprudência, era Beloca quem abrilhantava com a indispensável sutileza literária, as peças áridas saídas da pena do renomado advogado. Isso porque, para escrever, o genitor era de uma deficiência criativa que destoava dos seus conhecimentos jurídicos. Embora mergulhada nesse eficiente labor, algo sussurrava nos ouvidos de Beloca que não deixasse esmorecer a esperança de, mesmo que em remoto dia, ver os seus contos brilharem nas montras dos livreiros. Eis que, certa manhã, radiosa de sol e bonança, envereda pelo escritório do pai o dono de uma conceituada livraria que mantinha séria pendência com uma editora, por inadimplência contratual. Perpassou os olhares curiosos pela redação que o advogado apenas delineara. Encantou-se com os retoques apropriados e escoreitos que Beloca inserira, tornando primorosa e agradável de se ler, a redação.

— Menina, como você escreve bem, ponderou.

Beloca, tocada pela varinha mágica da vaidade, numa cambulhada de enaltecimento próprio e pecado, aventurou:

— Pois saiba o senhor que eu tenho um livro de contos prontinho para ser impresso. Ninguém quis editá-lo, até agora, por mais que insistisse.

Abemolando a voz, o livreiro, num acariciar determinante, retrucou:

— Menina, (aprazia ao velhote chamar aquela jovem, na plenitude da sua exuberância física, de menina) traga-o para que eu o aprecie. Talvez o coloquemos na praça. Será a oportunidade sem igual de você tornar-se uma literata de reconhecidos méritos. O coração de Beloca disparou. Embora o inesperado daquela solicitação lhe conferisse um tranqüilidade exterior, por dentro ameaçava rebentar como águas escaçoantes a borrifarem frescor e beleza. Saiu mais cedo do

escritório do pai em louca disparada para casa. Foi direto à caixinha por ela, há meses, relegada ao esquecimento. Escritório onde o seu decantado livro aguardava a chance de vir a lume. Com avidez, arrancou-a da gaveta da escrivaninha.

Sentiu-a mais leve.

Abriu-a.

Um grito lancinante ecoou pela sala.

Seus olhos mal podiam acreditar no que viam.

As traças haviam devorado, por inteiro, o seu livro.

Esvaía-se de uma vez por todas, a realidade despontada na promessa que o livreiro lhe fizera. Dos olhos esbugalhados pelo desespero, lágrimas, mais de raiva do que de pesar, mergulharam na caixinha agora sem o seu precioso guardado que as lepidopteras insaciáveis haviam abocanhado. A partir de então, Beloca, desiludida, nunca mais escreveu coisa que prestasse.

Aos amantes da boa literatura foi negado o deguste dos contos de Beloca. Mas, as traças, fartaram-se deles.

MARIA MISSIONÁRIA

Passos lentos e cansados, um casal chegava à Belém. Ela, jovem e linda como jamais se vira igual nas plagas da Galiléia, ele, com a barba e cabelos em branqueamento. A mulher, sem que um queixume lhe aflorasse aos lábios, já em trabalho de parto. Maria de Nazaré, esse o nome dela e José, o dele. Por imposição divina e imune de culpa original desde a concepção, Maria de Nazaré, sem que as dores do parto sentisse e com a manutenção da sua virgindade, foi recolhida para dar à luz a Criança enviada para redimir a humanidade de todas as suas fraquezas e pusilanimidades. No único tugúrio que a indiferença da avara criatura lhe destinara: tosca cocheira desprezada até pelos que a possuíam, tão imprestável era.

Nascimento que, pelo seu significado histórico na condução dos povos, estava predestinado a superar e a vencer todos os escolhos de uma santa peregrinação, colocados pela farisaica turba nos seus caminhos. Porque essa, a saga dos movimentos redentores. Cheia de imprevistos, obstáculos e tentações. Vencê-los é injunção que se inflige às almas generosas, estóicas e voltadas para o sacrifício.

Uma única alma caridosa, talvez impelida por mãos providenciais, condoída da sorte do pobre casal, exausto da longa estrada percorrida, franqueou-lhe a mansarda que só animais abrigava. Foi aí, isolada e desassistida, que Maria de Nazaré deu ao mundo um belo Menino, acomodado num monte de feno, em feia manjedoura.

Tocada por um instinto maternal, depois da certeza de que o seu Filho querido, seguro estava pela proteção de José e aquecido pelo bafagem de pachorrenta vaquinha e o modorrar de um tarraco burrico, alegre e mais vivaz do que costumam ser os recém-nascidos, tomou uma decisão inabalável. Decisão que parecia emanar da estrela anunciadora da presença de Jesus. Os raios nascentes projetavam-se pelas frinchas da ve-

lha cocheira, derramando um esplendor sobre a manjedoura, leito primeiro do Salvador dos homens.

Impulsionada pela ubiqüidade que só aos santos e justos é conferida, agradou a Maria de Nazaré conhecer a sorte das crianças do universo vindas à luz no instante coincidente com a sua angelical delivrance.

Com a permanência da sua assistência física junto ao Filho, desgarrou-se espiritualmente da manjedoura, onde Jesus repousava, para dar início à sua romaria.

Uma indagação verrumava-lhe o santíssimo pensamento:

— Haveria, como o seu Menino, crianças desnudas e sem proteção, que não a divina, pelo resto do mundo conhecido?

E, levada por essa pia curiosidade, pôs-se a caminho da dura empreitada. Atravessou horizontes turvos e chuvosos. Em terras ensolaradas, sentiu o suor correr-lhe pelas faces afogueadas. Recebeu em cheio as bâtegas de neve quando os pés, endurecidos de tanto pisarem em placas de gelo, entorpeciam-se. Não dava para compreender como ainda capacitavam-se para novos e cansativos andares. Percorreu desertos e geleiras. A cada situação que enfrentava, a cada criança maltratada, a cada impiedade, não só dos da plebe mas também dos governantes, os seus olhos em lágrimas marejavam. Cada desencanto, cada tragédia, cada despautério praticado e vivido por míseras criaturas, eram punhaladas desferidas em seu coração de uma imaculabilidade celestial.

O desmazelo e o abandono em que ia encontrando os recém-vindos ao mundo, ao invés de desanimá-la, davam-lhe alento para prosseguir na jornada que se impusera. Acalentada sempre pelo fervor compassivo direcionado ao próximo.

Entrou em taperas, algumas até destelhadas. Adentrou casas favorecidas pelo calor emanado de lenhosos e odorifi-

cados troncos colhidos de favor na fartura de prósperas herdades. E, assim, foi marcando a sua presença benfazeja. A cada visita finda, a sua alma angustiava-se de preocupações e dores.

Às criancinhas que a tremer via, cobria com as mantas do céu despencadas, vindas de mãos anônimas por não visíveis. Seriam os anjos do Senhor, os mensageiros dessa generosidade?

Aquietava as que choravam por faltar-lhe o calor das mães, nos campos ocupadas na ceifa do trigo.

Às que de fome padeciam, por exauridos os seios maternos, aleitava.

Entrava, assistia e saía, sem que ninguém a pressentisse. Era estafante e penosa, bem o sabia, a missão a ser cumprida.

Atônitas, de regresso aos seus lares, as mães não atinavam com aquelas súbitas transformações. Quem enrouparalhes os filhos? Quem os aquietara da choradeira intérmina? Quem lhes saciara a fome?

Terminada a tarefa benfeitosa, Maria de Nazaré foi possuída por um estranho chamamento: há quanto tempo ficara distante do seu querido Jesus? Mais que depressa tratou de retornar para desvelar-se em afagos para com o Filho Amado.

A estranha e solene estrela, agora não mais isolada porque brilhava no contexto estelar, parecia empurrá-la para junto do seu Bebê. Queria recuperar o tempo gasto na proteção aos desvalidos que, sem o seu amparo, por certo morreriam. E nessa pressa, não andava, levitava. Os pés descalços desconheciam os acúleos das duras veredas. Sentiam-se lépidos, aliviados, sem canseiras, embora penoso o retorno. E, assim, foi-se aproximando de Belém. A manhã brumosa teimava em não permitir a passagem dos primeiros raios do sol, impedindo-lhe pressentir a proximidade da cocheira que lhe servira de maternidade. Que, de penumbrosa e fria que era, aos pouquinhos projetava-se como um foco de luz faiscante e reconfortante.

O mísero estábulo ganhava proporções de suntuosidade palaciana. Mas, sem cortesãos nem áulicos entretidos em pompas mundanas.

Maria de Nazaré, obumbrada pela súbita metamorfose, estacou na entrada da cavalaria. Ao lado do casto José, o carpinteiro respeitoso que a providência divina lhe dera por marido, três cabeças coroadas, oriundas de diversas regiões da terra através de ínvios desertos, aureolados por rútilas coroas, símbolos da fragilidade do poder temporal, ajoelhados junto à manjedoura, mãos postas em sinal de adoração, depositavam aos pés do seu Menino, cofres contendo ouro e essências aromáticas. O forte odor deixado pelos animais, após longos anos de utilização da velha estrebaria, desaparecera para dar lugar ao olente cheiro de incenso. Era o reconhecimento à realeza do enviado de Deus Pai que chegara para governar, pelos séculos infindos, por mais que os medíocres e os covardes, receosos de perderem os seus bens terrenos, porfiassem por matá-lo.

Como contrastavam os mantos dos soberanos, ajaezados de pedras preciosas e as suas nobres posturas, com a nudez de Jesus, bracinhos levantados, como que a conclamar a humanidade a um congraçamento pacífico e humilde, sorrindo, numa abertura de amor para os que lhe prestavam vassalagem.

Pareceu estranho a Maria de Nazaré que os reis da terra não eram todos brancos. Suas cútis iam da alvura da neve à negridão do azeviche. O que a levou a compreender que todos nascemos irmãos, num embalar de cânticos de fraternidade e igualdade, pouco importando a cor de cada um e a fortuna que carregam em seus alforjes. Pois não estavam, sem discriminação, ao lado de seu rebento amado, em confraternização espiritual, um modesto carpinteiro e governantes de alta estirpe, numa convivência jamais vista, com animais domésticos, numa prestativa oferta de vida mansa e solidária? Numa eflorescência suave, os olhos do Menino-Deus expeliam eflúvios benemerentes a ensinar que os preconceitos raciais e de fortu-

na constituem injustiças degradantes, quando não amenizadas pelos dons da compreensão, da adesão, da solidariedade e da caridade. Porta aberta para que a humana gente exercitar possa as qualidades anímicas que lhe moram no coração, não com a frugalidade dos manirrotos, mas com a oferta dos generosos que não se esquivam em dar o necessário, para aliviar sofrimentos e suprir precisões.

O impulso reverente que levava os Reis Magos a prostrarem-se em adoração a Jesus, não teria sido o mesmo que fez Maria de Nazaré, por alguns minutos, vestir, curar e aleitar as criancinhas pobres?

Qual a força mágica que catapultara, a um só tempo, Maria de Nazaré a abandonar o seu Menino para socorrer todas as demais crianças do universo no exato momento em que os Magos deixavam os seus impérios para adorarem a Jesus? Que milagre de permutação era esse que, séculos depois, renasceria no franzino franciscano da Úmbria, Francisco de Assis, numa demonstração amorável de companheirismo, no assistir na fé, os excluídos e até bandidos que, com a persuasão de mansas palavras, incorporaram-se ao seio da cristandade, com o seu generoso — é dando que se recebe?

Numa insondabilidade que não é dado ao homem alcançar, por constituir desígnio divino, Maria de Nazaré, ao dar-se aos filhos pobres de todas as mulheres do mundo, naquele momento de sublime irradiação de amor, recebia, como retorno, a doação dos Reis Magos na reverência ao Menino-Deus.

Porque é na reciprocidade do bem querer que reside a verdadeira felicidade.

QUEM TEM "AQUILO" TEM MEDO

— "Sô prefeito tomo cu cimunero cheio. Num temo mais onde interrá os difunto. E óia que a nega Firmina tá prá isticá os gambito."

Era o Clarindo, coveiro da pequenina cidade de Campo das Rosas que se apresentava ao Dr. Diógenes, médico, que para o lugarejo de apenas cinco mil almas, era tudo e tudo fazia: parteiro, hábil em pequenas cirurgias que realizava no seu consultório porque o burgo hospital não tinha; conselheiro, chefe político que, no interregno de um seu mandato e o de um fiel amigo por ele indicado, porque reeleição é coisa de agora, ocupava o cargo de prefeito, quadriênio sim quadriênio não. Marasmático procedimento que o povo admitia por falta de gente mais capacitada para o exercício do cargo. Mesmo porque o Dr. Diógenes, no entender daquela paupérrima chusma de lavradores, era um enviado de Deus para proteger aquela gente que mal vivia do pouco que a terra dava.

Era uma pergunta que se faziam os que haviam conseguido ultrapassar a linha do curso primário: como o Dr. Diógenes, moço que primava pela elegância, bem apessoado, sorriso sempre aberto para todos os camporrosenses, fora parar naqueles confins de mundo e, pior do que tudo, fixara-se para sempre num lugar sem qualquer atrativo, de gente obtusa e de um viver que beirava à miséria? E mais, o de acomodar-se a um deixa ficar sem reações para a busca de um centro com mais conforto e maior expansão profissional. Mistério.

Solteiro por convicção, nunca fora visto em intimidades com qualquer moçoila da localidade. De vez em quando, para dar vasas a um discreto cabritismo que se apossa de todo homem sexualmente válido, preparava a mala e viajava para onde nunca se ficou sabendo. E retomava, após uma semana de ausência, lépido e feliz da vida, para o modorrar de Campo das Rosas.

Parecia gostar do que fazia e, por um vaidosismo incontável, adorava pastorear o triste viver daquele punhado de excluídos dos benefícios da civilização. Pouco ganho, é verdade, mas sentia-se em paz consigo mesmo no ambiente que o destino lhe reservara para o cumprimento de uma missão, mais apostolado do que o simples exercício da medicina. Quando algum morador enfermava gravemente, removia-o em seu próprio automóvel, que não era lá nenhum primor, tão velho estava, para uma cidade onde encontrar pudesse uma assistência adequada. Sóbrio, se aceitava, uma vez cá outra lá, meter-se em bebericagens, acedia por cavalheirismo, jamais excedendo-se, para bater em retirada após a troca de algumas palavras, ao término do tilintar do primeiro brinde.

Podia estar cheio o cemitério, como informava o Clarindo, mas, na sua fleugma impressionante, o Dr. Diógenes nunca se assoberbava com os problemas do sonolento lugarejo que administrava com satisfação e empenho, já que para todas as dificuldades encontrava uma solução simplista, porém compatível.

— Está bem, Clarindo, para resolver esse negócio do cemitério, você vai providenciando a exumação...

— Cuma, Dotô? Indagou o Clarindo em busca de um esclarecimento para aquele negócio de exumação.

— Você vai desenterrando os defuntos (Ah! bom, tartamudeou o carapinha invocado com aquele palavreado difícil do doutor) que não têm jazigos perpétuos. E meta os ossos na capelinha que depois daremos um jeito neles.

E lá se foi o coveiro, coçando os pichains, com os primeiros cabelos brancos despontando, a espinha descambada de tanto encurvar-se no manejo das ferramentas para abrir covas e despejar terra sobre os corpos dos que partiam para sempre.

Sabia como ninguém despachar-se das ordens recebidas. No silêncio da casa dos mortos, onde "ninguém fazia má prus otros", como costumava dizer, só se ouvia o surdo bater do

enxada na remoção da terra que cobria os ataúdes e o paliar manso da ferramenta sobre os primeiros ossos que apareciam, num gesto supersticioso de respeito, para não danificá-los. Afora isso, apenas o piar angustiado de um ou outro anubranco, esvoaçando em busca do frescor de uma árvore onde abrigar-se das causticantes tardes de verão, prenúncio de chuvas torrenciais. Quando o enxidão não encontrava a tampa do caixão, batendo diretamente nos ossos sem qualquer proteção, Clarindo fazia uma pausa, apoiava-se na parte superior da ferramenta, para resmungar:

— Coitado, este veio na padiola. A família num tinha dinheiro pra compra um caixão.

E nesse devanear consumiu a semana inteira a sacar os ossos das tumbas, limpá-los e removê-los para a capelinha, conforme determinação do Dr. Diógenes. Numa reverência aos mortos e para resguardo dos direitos dos parentes que quisessem meter os esqueletos em caixinhas de cimento para depositá-los no ossário, engravado no muro confinador da parte posterior do campo santo, enfileirava, devidamente separadas, as ossadas no frio piso de tijolos, etiquetando cada montículo com o respectivo nome do falecido, numa letra que mais parecia o rastejar de um inseto com as patas besuntadas de tinta do que sinais gráficos saídos de mãos humanas.

Foi o bastante para despertar a vilota da sua habitual pasmeira. Todos os habitantes da cidade tinham, pelo menos, um ente querido sepultado em cova não contemplada pela perpetuidade. Tantas foram as exumações que Clarindo já não tinha mais espaço para depositar o despropósito de caveiras, tíbias, fêmures, costelas e perônios, arrancados das tumbas destinadas a abrir vagas para futuros ocupantes.

Era hábito dos camporrosenses, aos sábados, uma vez encerradas as fainas agrícolas, depois de banhos reconfortantes e emborcados os sopões de legumes com feijão, o forte da alimentação daquela modesta gente, abancarem-se nas mesinhas dos dois únicos bares da cidade, para divertirem-se em

animadas disputas de truco e dominó, com a consumação obrigatória de cachaça, cervejas e petisqueiras, para a cobertura dos gatos com a cessão do baralho ensebado e das pedras já puídas do dominó.

Como não podia deixar de acontecer, vem a propósito o assunto do dia que andava de boca em boca: a exumação dos corpos dos infelizes cujas famílias não tiveram a ventura de dar-lhes sepultamento condigno, em jazigo perpétuo. Uns persignavam-se numa sentida homenagem aos mortos. Outros contavam histórias a respeito dos que haviam partido para a Eternidade. Histórias escabrosas umas, divertidas outras, conforme a figura do falecido lembrado. Mas, todos fixados indistintamente numa só preocupação: não estaria, o Clarindo, misturando os ossos? Se não houvesse uma separação consentânea, como é que podiam ser reivindicados para uma destinação piedosa que lhes resguardasse a memória? Como é que vai se saber quem é quem?

Eis que surge na conversa o Jerônimo, mulato entojado e fanfarrão, conhecido pelas suas aventuras deslavadas, que a gosto narrava, figurando ele sempre como a figura destacada: que fizera isto e aquilo; que batera neste e naquele; que os que tinham medo de defunto não passavam de uns poltrões, pobres ignorantes que não sabiam que, depois de morta uma pessoa, tudo estava acabado, e que esse negócio de céu e inferno não passava de conversa de padeco. Com ele não tinha disso não. E bota lorota nisso.

Até que um grupo congregou-se para dar uma lição no insolente. E cotizou-se para uma aposta provocadora:

— Você teria coragem de ir, nesta escuridão, ao cemitério, entrar na capelinha e de lá trazer uma caveira para mostrar pra gente?

— Se tenho, retrucou o jactancioso.

Depositados os valores das apostas nas mãos do dono do boteco, lá se foi o Jerônimo, numa demonstração de coragem, rumo ao cemitério.

— Não é que o cafuzo vai trazer a caveira? Quem vai suportá-lo depois?

Esse temor de dar mais força ao cabotinismo do Jerônimo, fez um dos presentes alvitrar:

— Vamos agir depressa. Um de nós se antecipa à sua chegada na capelinha, coloca-se do lado de fora num ponto que não permita ser visto e na hora em que o Jerônimo meter a mão numa das caveiras, passa-lhe um susto daqueles. Aí ele desiste da empreitada e fica desmoralizado para sempre. O medo o inibiria de ganhar a aposta. Difícil foi escalar quem se prestasse para essa tarefa. A maioria, apresentando as mais pueris excusas, caiu fora. Contudo, era preciso conter a chibança do Jerônimo. Partiu o escolhido, um homem acostumado com os mortos porque era o zelador da padiola guardada na sacristia da igreja matriz, utilizada para levar os sem recursos para a sepultura e, uma vez atirados os despojos na cova, era devolvida para uma futura serventia. E o restante dos interessados no desfecho da aposta, ficou ansioso aguardando no bar.

Foi nesse ambiente de expectativa que o Jerônimo, resabiado, mirando para todos os lados, olhos esgazeados e o coração aos pulos, foi-se achegando à capelinha, guardiã dos despojos nela depositados pelo dedicado Clarindo.

Cautelosamente, puxou a corrente que, sem cadeado, fechava o portãozinho de ferro que se abriu num gemer de gonzos. E penetrou na capelinha. Estava escuro. Abaixou-se. Tremia mais que um maleitoso. No exato momento em que as suas mãos aprestavam-se para empalmar uma caveira, ouviu uma voz soturna recriminar:

— Larga que essa é minha.

Era a fala do emissário dos apostadores que ficara do lado de fora. Jerônimo estremeceu. O corpo todo se lhe relaxou. Um violento jacto de urina, fruto de uma inesperada incontinência, inundou-lhe as calças. Nem se deu conta do escaldadiço que lhe amornava as coxas. Empertigou-se, tatean-

do as paredes, para bem posicionar-se na pequenina capela cheirando a mofo.

— Diacho, não vou passar por poltrão, pela primeira vez na minha vida, resmungou.

Refeito do susto, tornou a flexionar as pernas que já não tinham a firmeza de sempre. Quando aproximava a mão de outra caveira, eis que, de novo, ressurgiu a lúgubre voz:

— Larga que essa me pertence.

Em espasmos que ora lhe retesavam a musculatura, ora punham-no tremendo como se fosse um chorão açoitado pelo vento, voltou à posição vertical. Já estava disposto a desistir do desafio, quando o orgulho do macho ferido chamou-o às falas. Abruptamente, tomado por um sentimento de eterno vencedor de todas as tretas em que costumeiramente se metia, fechou os olhos e, abaixando-se numa derradeira tentativa, apanhou a caveira que lhe caiu nas mãos, no exato momento em que a voz que vinha de fora, agora mais soturna, reclamava:

— Larga que essa tem dono.

E o Jerônimo escafedendo-se numa carreira alucinada, com a caveira sob um dos braços, sem olhar para trás, gritava:

— Seja lá de quem for que vá pros quintos dos infernos.

Suando a bom suar, os cabelos ainda arrepiados pelo susto que levara, não perdeu a panca quando, chegado ao bar, fez a entrega da caveira aos que o haviam desafiado, apostando no seu fracasso:

— Passem os cobres para cá e tomem essa caveira de merda que não mete medo em ninguém.

A glória do gabola durou pouco. Olhando para as calças do Jerônimo, cobertas de urina que formava um círculo enorme e amarelado na altura da genitália, os frequentadores do bar, às gargalhadas, apontavam para o vão das suas pernas aos gritos:

— O Jerônimo mijou nas calças de medo. O Jerônimo é um mijão. — Clamor que ganhou as ruazinhas que mais pare-

ciam becos, do pequenino lugarejo.

Ferido na sua fama de valentão e carregado de vergonha, desapareceu ele de uma vez por todas, para sossego da sossegada gente de Campo das Rosas.

Debruçado na janela da sua casa que dava para a rua, o impassível Dr. Diógenes, vendo o álaçre bando passar, desmanchou-se num gozo incontido:

— Até que enfim deram um jeitinho de livrar a cidade do pilantra do Jerônimo.

Voltou sorrindo para o interior da velha casa, numa prelibação de vitória pessoal, com aquele escamotear do desordeiro. E num palavreado chulo, coisa rara naquele homem de posturas fidalgas, balbuciou:

— Esse não enche mais o saco.

JONNY HERMINIO DE MELO DOIN

In memoriam do poeta e acadêmico

MINHA IRMÃ ÁRVORE

Árvore bela, tua sombra amiga
é um exemplo de amor e de ternura:
— socorre e anima o estranho que a procura
cheio de fome, exausto de fadiga.

Esse gesto de dar em ti se apura
e é raro aquele que ao partir bendiga.
Quem te golpeia a ver se assim lobriga
um algo estranho de resina impura

também envolves num secreto abraço,
matas-lhe com teu fruto a sede e a fome
e alivias seu mórbido cansaço.

Que sublime lição a árvore encerra!
Froncosa e boa, esplêndida e sem nome
— é a própria imagem de Jesus na Terra.

AMIZADE

Quero-te muito mas não sei se te amo.
Pobre de mim se acaso te perdesse!
O amor — paixão é como flor no ramo:
cai assim que não mais haja interesse.

Dentro em meu íntimo és um gaturamo
de voz suavíssima e repleta desse
cantar mavioso pelo qual me inflamo,
como se o bosque alegre em mim vivesse.

A amizade é o constante amor, querida:
quando é sincera vai além da morte
alimentando os festivais da vida.

Ela aprofunda pela eternidade,
com seu carisma cada vez mais forte
— os alicerces da felicidade.

LAERTE ROMUALDO DE SOUZA

O HISTORIADOR JOÃO RANALI Conto Biográfico

PRIMEIRAS PALAVRAS

O título poderia ser outro, que, por certo, manteria as qualidades especiais do biografando. Particularmente, para mim seria o Janjão da nossa Academia Guarulhense de Letras. Mas, igualmente, poderia ser o Janjão da nossa rua; o Janjão que, por felicidade, fez parte da nossa vida. Quantos títulos poderíamos construir com a palavra Janjão e todos traduziriam a beleza do caráter, o enlevo poético, a riqueza cultural e a sensibilidade de um amigo, palinuro e tutor que todos desejamos encontrar. Poderia ser, também, *O jornalista João Ranali*, *O poeta João Ranali*, *O filósofo João Ranali*, *O sociólogo João Ranali*. O título, no momento, é o que menos importa.

Não houve, creio, alguém que mais o provocasse do que eu... Conhecedor de sua vocação de esbravejador, sentia-me feliz em incitá-lo para as explosões periódicas. Certo, por outro lado, que essas explosões eram todas maquinadas pelo bom humor, característica sempre presente no biografando. Mas é certo, também, que ele, como bom brasicalabrês, aproveitava as oportunidades para desabafar. Mas tudo se conduz dentro de uma celebração de amizade e carinho.

Em todas as vezes que se encontrava com minha mulher, ele insistia para que ela deixasse o baixinho (o baixinho sou eu). Afirmava não saber como ela aturava sujeito tão chato. Mas todo o seu argumento se resumia na vontade extrema de

comunicar-se com quem ele estima. Tenho certeza que eu e minha mulher, dentre outras pessoas, fazemos parte do seu pequeno grande mundo.

Uma das minhas afirmações caricatas para aborrecê-lo é afirmar que, só não me casei com a Virgínia, para não tê-lo como sogro. A Virgínia é mulher de valor ímpar; culta, inteligente, formosa, mas tenho certeza que não haveria de querer-me por marido. Mas eu preciso inventar qualquer coisa para ofender o Janjão, porque ele não poupa munição para atingir-me. A grande maioria dos homens encontra seu ídolo na figura do pai; graças a Deus não sou diferente. Amo o meu pai, quando vivo e hoje já falecido, com muita ternura e devoção. Mas não me sentiria traído se filho fosse do Janjão.

O título pode causar espécie. Porque *O historiador João Ranali*? Ele é historiador, poeta, jornalista, contista, filósofo e sociólogo, isto num resumo grosseiro do homem culto. Mas é como historiador que o biografando se revela e homenageia, com galhardia destacada e muito amor, a sua eternamente amada Guarulhos.

Para construir uma biografia de João Ranali, por certo incompleta e preñe de falhas, deve-se lembrar do grande amigo e político de Guarulhos, Dr. Mário Antoneli, com quem o biografando dividiu, por muitas vezes, o trabalho por nossa cidade. Mário Antoneli traz ao nosso conhecimento uma passagem de candura; afirma que João Ranali, nascido no Brasil, retornou para Itália onde passou parte de sua infância. Trouxe, de lá, a carga italiânica de sua linguagem. Na escola, o biografando inquietou-se, terminando por ser chamado à atenção pela Mestra. Defendendo-se, afirmou que o companheiro havia surrupiado a bolacha; a Mestra advertiu que aquela não era hora de alimentar-se. Mas o biografando referia-se à borracha.

Estas primeiras palavras têm que terminar com um gesto que aumenta a admiração do biógrafo. Certa feita, o biógrafo, irascível particularmente, se desentendeu com o delegado de

polícia local, que a cautela impõe a omissão do nome. A autoridade ofendida procurava a desforra. Esta veio nos primeiros tempos da revolução de 1964. O delegado, cumprindo ordens, mandou que um investigador fosse até ao sindicato em que o biógrafo prestava serviços jurídicos. O biógrafo, como bom arruaceiro como diz o biografando, para prestar as informações solicitadas exigiu que o delegado mandasse o pedido por escrito e explicando a finalidade. Era o que o delegado esperava; imediatamente, informou ao Departamento de Ordem Política e Social que o biógrafo era comunista; na época, essa afirmação poderia tornar-se uma tragédia. Foi o biografando que, confirmando a vocação de arruaceiro do biógrafo, garantiu que não se tratava de nenhum comunista.

DADOS PESSOAIS

De Guatapará, região de Ribeirão Preto, nos idos de minha infância e juventude, descortinava as luzes de Rincão, Estado de São Paulo. Aí nasceu João Ranali, no dia 13 de maio de 1913, onde cumpriu o então curso primário. Filho de José Ranali e dona Assunta Mancini Ranali.

O existente curso secundário cumpriu no Ginásio São Luiz, de Jaboticabal. Já relevando os dotes especiais para inquietar as massas, foi orador oficial do Grêmio Estudantil Joaquim Nabuco.

Diplomou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo — as Arcadas do Largo de São Francisco, na cidade de São Paulo. Presente na política acadêmica, fez parte do diretório do Partido Constitucionalista, do qual foi o orador oficial. Ainda estudante foi estagiário do Primeiro Promotor Público da Capital.

Bacharel, foi nomeado, em 1938, para exercer o cargo de delegado de polícia em Guarulhos, onde permaneceu até maio de 1945. A pedido do prefeito da época, escreveu a pri-

meira história de Guarulhos. Integrando-se de corpo e alma às coisas de Guarulhos, concorreu para a construção de sua Santa Casa de Misericórdia.

Inveterado pelos movimentos culturais, foi um dos incentivadores para a criação da Biblioteca Pública de Guarulhos, hoje Biblioteca Monteiro Lobato.

Em sua carreira policial, foi delegado nas comarcas de Santa Isabel, Bocaina, Capão Bonito, São Caetano do Sul, Santo André, São Joaquim da Barra, Atibaia, Cruzeiro e Mogi das Cruzes. Promovido para a Capital, fez parte do Plantão Efetivo da Central de Polícia — o único, na época. Foi delegado distrital da Saúde, Jabaquara, Bom Retiro e Macuco. Como delegado de classe especial, comandou as delegacias de Furtos de Automóveis, Contravenções Penais e Ordem Social. Chefiou o Gabinete do Secretário da Segurança Pública e assessorou o Governador do Estado em assuntos de sua especialização.

Dirigiu a Penitenciária do Estado de São Paulo. Foi diretor do Instituto de Polícia Técnica.

Aposentando-se na carreira policial, retornou a Guarulhos para exercer o cargo de Secretário Geral da Prefeitura e de Secretário Geral de sua Câmara. Foi assessor parlamentar e jurídico, em Guarulhos, em várias legislaturas. Dirigiu o Departamento Jurídico da Prefeitura de Itaquaquecetuba. É portador dos diplomas de especialização em Medicina Legal, Filosofia do Direito, Higiene Mental, Direito Penal, Direito Processual Penal e da Associação Brasileira de Escritores. É membro da National Geography Society, de Colúmbia (USA). Foi membro do Museu Histórico da cidade de Guarulhos e presidente dos Conselhos de Cultura e de Arquitetura e Arqueologia. Foi, ainda, presidente da primeira comissão processante da Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo. Constam, do seu currículo, os diplomas expedidos pela Prefeitura e Câmara Municipal de Guarulhos, de reconhecimento público pelas conferências proferidas quando das co-

memorações do 1º Centenário da Emancipação Política, do 1º Certame Cultural de Poesias, da Campanha do Desarmamento Infantil, das comemorações de 50º aniversário da Revolução Constitucionalista de 1932, de Honra ao Mérito pela sua militância na Imprensa. Foi distinguido com os diplomas de Membro Honorário do Ministério da Aeronáutica, de Amigo da Força Aérea Brasileira, do II Congresso Brasileiro de Medicina Militar, do Centro Acadêmico João Mendes Júnior da Faculdade Mackenzie, do Centro de Estudos do Serviço de Saúde da Força Pública de São Paulo e Medalha José Bonifácio. Foi editorialista da rede jornalística que incorpora a *Folha Metropolitana* e o *Metrô News*, para os quais escreveu mais de 6.000 editoriais, crônicas e artigos históricos — de cuja atividade se procurou extrair, de forma grosseira, as filigranas de seu pensamento que, somadas as obtidas de suas obras, fazem parte deste modesto trabalho — bem como presidente, por dez anos, dessa instituição.

São obras de sua autoria: *Guarulhos, História e Estatística* (1945); *Florões de Uma Velhice* (poesias), *Vida Nossa e dos Outros* (crônicas); *Cronologia Guarulhense* (2 volumes) e *A Ficção Veste a História* (contos).

Faz parte da academia de Ciências, Letras e Artes dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo e da Academia Guarulhense de Letras, de que foi o segundo presidente. Laureado com o Troféu Guarú — setor arte — e de melhor editorialista da imprensa guarulhense, por duas entidades: Tribuna de Guarulhos e Prefeitura de Guarulhos.

É cidadão guarulhense por concessão unânime da Câmara Municipal de Guarulhos.

Chefe de família extremoso e estreme, encontrou e todos os dias encontra, no carinho de sua companheira Virgínia de Amorim Ranali — a mãe —, a força para participar do maior romance em que se destacam seus filhos José Edmundo — médico —, Virgínia, filha — arquiteta —, seus netos Fábio, Alexandre, Taís, Gisele, Rafael e Tatiana e bisnetos Vic-

tor e Camila. O amor que rege essa convivência alcança, entre outros da família, os sogros Edmundo Cesar Amorim e Margarida Almeida Amorim.

ACONTECIMENTOS INSÓLITOS

1 — Certamente outro biógrafo fizesse com maior brilho o relato da vida cultural e humana de João Ranali. Em meu favor, não pela facilidade da palavra e nem pelo brilho do raciocínio, mas pela sensibilidade de amigo reconhecido, vigora a presunção de quem quer atingir o objetivo com rara felicidade. Dentre as primeiras pessoas de meu relacionamento em Guarulhos se destaca o biografando. Envolvido na política local e empenhado na eleição do ex-prefeito Mário Antoneli, tornei-me amigo de João Ranali. Sempre nos estimamos; a diferença de idade talvez tenha intensificado a estima recíproca. No período de uma chocante caça às bruxas, que se registrou no após-1964, que registrei no início desta biografia, vem confirmado esse impulso amigo e leal.

2 — Esta vem do Professor Noronha. O biografando é e sempre foi um grande orador. Tem facilidade para construir as mais belas figuras de retórica, entremeando-as com a natural vocação para demonstrar o escorreito. Em um evento em praça pública, um dos ocupantes do palanque oficial era o biografando, encarregado, na oportunidade, para falar em nome das autoridades presentes. Após a alocução, um grande amigo, inteligente mas modesto em cultura, de nome Frade — o saudoso Frade —, foi abraçar o biografando e, numa explosão de alegria disse — expressão censurada. Com galhardia, o biografando retrucou: Frade, vindo de você é um elogio, porque você é um grande amigo.

3 — É um bom descendente de italiano. Palavras e expressões abusadas são continuamente usadas — desculpando-nos pelo eco. Gabriel Silva é um dos amigos que se encarre-

gam de melhorar o nosso dia, quando resolve visitar-nos. Esse amigo necessitou de uma apresentação do biografando para uma autoridade policial. O biografando escolheu palavras chulas para referir-se à essa autoridade. O Gabriel, discreto e bem educado, apresentou-se ao destinatário. Este deixou o Gabriel encabulado, ao perguntar-lhe qual foi o tratamento que Ranali lhe deu. Desconversando, a autoridade afirmou: sei do que ele me chamou.

4 — Mas a irreverência e a língua ferina, moldadas nos mais rígidos padrões de amizade e lealdade, são constantes na vida do biografando. Tendo-se oportunidade de estar próximo do mesmo, já se sente esse clima agradável e descontraído. Para os que pertencem à Academia Guarulhense de Letras, não causa estranheza esse comportamento. São atitudes e palavras espontâneas, salpicadas de bom humor e inequívoca cultura.

5 — Ocorria um evento com a participação, dentre outros, da Câmara Municipal e a Prefeitura locais. Um vereador, humilde e pouco letrado, fica incumbido de discursar. Tira um calhamaço do bolso e espalha palavras sublimes, de rara beleza literária, coroada com as mais sensibilizantes figuras, trazendo evidente aula de moral. Tudo estaria bem, não fossem as primeiras palavras do edil. Ao empunhar os escritos, afirmou: agora vou ler o discurso que o Dr. João Ranali escreveu para mim.

6 — O bate-papo com o biografando é sempre redentor e traz, em seu bojo, informações sérias sobre o passado de Guarulhos. Algumas, por conveniência de resguardar nomes e famílias, são impublicáveis. Mas fica-se sabendo, nessa interação ocasional, histórias de um recém-nascido retirado de um poço; produto de relacionamento de um representante do sexo masculino de família de bem — e tradicional de Guarulhos — com empregada doméstica que servia nessa casa. Vão por aí filigranas dos deslizos humanos, cujo descortinamento ao público causaria traumas inusitados. Mas esse é o João Ranali,

pesquisador detalhista e meticoloso, com miríades de “causos”, na fala de João Guimarães Rosa, para contar-nos.

A PROPÓSITO DE UM DEPOIMENTO

O Dr. João Ranali tem sido um exemplo para toda a Guarulhos. Data da década de 40 minhas primeiras lembranças sobre a sua figura.

É o seguinte: certa feita, ao apreender meu estilingue, causou-me a sua figura, a primeira vista, uma certa antipatia, que coube ao tempo mostrar-me que aquele fato era, isto sim, um ato de civilidade e ali estava um dos primeiros homens a ensinar-me sobre a preservação da fauna, o respeito por outrem e que as crianças não deviam portar instrumentos que pudessem causar dano. A respeito desse fato, inclusive, na qualidade de presidente da 57ª Subseção da Seção Paulista da Ordem dos Advogados do Brasil, escrevi-lhe uma carta, a qual dizia:

Guarulhos, 12 de julho de 1983.

Sr. Tomador de Estilingues.

A Guarulhos é grande, porém maiores são os Guarulhenses. Guarulhenses, entendo eu, são todos os que amam esta terra. Uma das maiores glórias minhas, foi ter perdido meu patrimônio material. Menino, calça curta, a Autoridade Policial apreendeu meu estilingue. Supus ter sofrido uma perda material irreparável. Entretanto, com o tempo aprendi que sem o bem material, apreendido legalmente pelo Delegado de Polícia, não havia diminuído meu patrimônio; havia, isto sim, profundo ensinamento — QUANTO DE BOM.

Com todos os advogados de Guarulhos, e em especial com o Presidente da Associação dos Advogados de Guarulhos, este que instante algum me deixa, lutando pelo novo

Fórum, o Heitorzinho (poderia ter escrito Dr. Heitor Maurício de Oliveira Filho, não estivesse escrevendo ao Tomador de Estilingues, meu, do Heitorzinho e de tantos outros que aprenderam com o João Ranali, que o Homem, a Autoridade Policial, estava nos ensinando a colher louros para Guarulhos), obtivemos do de Carlos o terreno. Tive a felicidade de ler o editorial “A nossa futura Casa da Justiça”; obrigado Dr. João; por favor, continue a ensinar as crianças a se despojarem dos seus estilingues.

Tom

E o depoimento continua. Mas Dr. João sempre foi assim, sabendo mostrar e ensinar, seja no seu campo de atividade profissional, seja como homem e amante de Guarulhos; afinal, ele é um Guarulhense, como escrevi antes; e Guarulhenses são todos os que amam esta terra. E Dr. João nos dá a todo instante lições de amor à terra e nos ensina. Foi na mesma década de 40 que outro fato marcou a minha mente.

Dr. João Ranali, com os meios que aquela época permitia, e até conseguindo mais do que os meios disponíveis, idealizou e realizou o primeiro documentário cinematográfico sobre Guarulhos, mostrando a nossa cidade e seu início do que viria a ser, no futuro, o seu hoje pungente parque industrial. Munido de uma câmara e de um veículo, que, creio, tratava-se de uma *buick*, aquela câmara fixou para o cinema o município, seus prédios de destaque na cidade (e que eram em um número muito reduzido), e indústrias, que, naquele tempo, começavam a florescer — dentre elas: a indústria de calçados do Saraceni, que fornecia calçados para a então Força Pública do Estado de São Paulo, hoje a Polícia Militar; a Dental Suprema — que fabricava, para a época, o que havia de mais avançado em cadeiras e gabinetes dentários; a Fiação e Tecelagem Carbonell, fábrica de tecidos que naquela época fabricava um brim que muito se assemelhava aos “jeans” da atualidade; a Cerâmica São José, do Paulo Faccini, fabricante de

telhas tipo francesa, que, para a época, era uma novidade, um avanço; a Biscoito Barão, da família Thomaz, fabricante de uma delícia de sequilho, um biscoito que era muito apreciado em Guarulhos e na Capital.

A narração era do Dr. João, com um fundo musical, cuja música não sei o título, mas que é inesquecível para mim, já decorrido mais de meio século; a sua musicalidade e beleza produzia um efeito agradável e um desenvolvimento seqüencial do documentário.

Falar desses fatos, para a tecnologia dos dias atuais, é algo sem o menor significado no aspecto da idéia, da divulgação e das indústrias, diante da tecnologia e do nosso portentoso pólo industrial, mas é deveras importante constatar-se que era uma época em que os meios tecnológicos e de divulgação eram acanhados e era o início do parque industrial; um acontecimento ímpar, a primeira divulgação da Guarulhos, foi o que agora é chamado "marketing", que só homens de visão como ele poderiam criar no início daquela década e ainda, mesmo, por várias décadas seguintes; não havia nem notícia dessa espécie de divulgação, mas ele planejou e pôs em prática.

O Dr. João lançou pioneiramente a base da hoje potente Guarulhos; contou, já naquela empreitada, com a companhia de seu amigo inseparável, o Dr. Mário Antoneli, e ambos fizeram, desde então e em todas as oportunidades que tiveram, por amar esta terra, lutar pelo seu desenvolvimento.

O POETA

A poesia vem diretamente da alma. Não é um soneto, embora tenha o contorno dessa poesia. São trovas despreocupadas. Rimas que escapam a dicionários especializados. Afirma que não se preocupa com os ictos e com as sílabas poéticas, porque nunca se deu ao trabalho de realizar uma poesia dentro dos parâmetros técnicos. Realmente são rimas que se

derramam, sem registrar as sílabas fortes das segunda, quarta e décima, da sexta e décima, da terceira e sétima das trovas e outros cortes mais. Segundo o grande vate guarulhense Castello Hansen, tudo o que vem da alma é poesia; e é assim a poesia do Ranali. Não é fácil escolher entre as muitas de autoria do biografando.

O POLÍTICO

Guarulhos, por certo, só teve a perder por não ter contado com João Ranali ou como vereador ou como prefeito. Após aposentar-se na carreira de delegado de polícia, o biografando fincou raízes em Guarulhos e passou a participar de todas as grandes decisões políticas. Orientou a campanha e a administração de Fioravanti Iervolino. Foi o mentor e conselheiro do seu irmão Mário Antoneli, quando prefeito de Guarulhos. Serviu, no jurídico, a Câmara Municipal de Guarulhos; o seu trabalho tem como fonte a profunda tendência cultural, paladiado com atitudes que o recomendam para o sempre, acerca de seu caráter. Demasiadamente exigente com todos, inclusive amigos próximos, parentes e consigo mesmo, sempre usou a autoridade com o carinho paternal.

Avalia, em seu longo trabalho cultural, a mentira da guinada à esquerda de que estivemos ameaçados. Procura indicar a órbita correta para uma vida política sadia. Excomunga as distorções existentes; aponta os exageros da política egoísta em todos os cargos públicos. Canta a glória dos que se tornaram verdadeiros modelos de probidade e de amor à pátria. Venera os grandes mortos da nossa aldeia Guarulhos, destacando-lhes as virtudes que devem servir de pilastra moral para a juventude.

O SOCIÓLOGO

Uma incursão por seus editoriais, de passagem, traz as filigranas do olho de sociólogo e de chefe de família.

Particularmente, quando fala sobre os turistas pelas terras nordestinas: encantados com as paisagens nordestinas, onde tudo respira liberdade, chegam, gozam a vida, deixando, ao retorno ao que eles chamam de civilização, meninas embuchadas, cujo destino, mais tarde, é a prostituição infantil. Nessa fala indica a responsabilidade de quem devia velar e faz ouvidos de mercador — 5ª feira, 29-10-98. Pois bem; esse homem, que devia ser banido da vida funcional do país, acabou merecendo uma promoção pela canalhice praticada, exercendo, hoje, uma representação no exterior. O nosso caboclo está cansando de saber que o fogo se faz com gravetos — 6ª feira, 30-10-98. Coroam-se essas andanças culturais do sociólogo preocupado, com o editorial *Que homens teremos amanhã* — 4ª feira, 14-10-98. A data serviu apenas para mostrar o crescimento dessa chaga social que só a piedade pública pode curar, porque esperar do governo que tem a obrigação constitucional de resolver o problema, e bem, é bom tirar o cavalinho da chuva.

Com um chorriho de coisas mais preciosas que se vão seqüenciando, este pequeno espaço biográfico não permite trazer todos os momentos de preocupação e beleza da alma desse que também é sociólogo por vocação e por dedicação.

O FILÓSOFO

Poder-se-ia construir um dicionário filosófico com os alinhavos preciosos do biografando. A eternização dos provisórios, que parece conduzir a uma situação aporética; que o mal é viver em situação provisória, com força definitiva. E fala na ergoterapia como o meio mais eficaz para combater a ociosi-

dade prejudicial.

Cuida da educação como a pedra de toque para impor o respeito. Ação atabalhoada como incentivo à arbitrariedade.

Repetição de erros não implica na erradicação de reeleições. Aqui, o político explica, de forma profunda, que o medo político não se encontra na presença do mesmo homem, mas no tipo de homem que se escolheu.

Não é difícil continuar encontrando sinônimos e antônimos filosóficos em todos os seus trabalhos. Aliás, os mesmos são pródigos em exemplos de cultura, educação e coragem.

Reconhecemos no biografando o filósofo perfeito, uma vez que é a missão desse cultor a terapia que deve levar ao seu semelhante a palavra que esclareça não só a realidade do mundo exterior, mas, acima de tudo, a realidade do mundo interior. Os deveres que cada um tem com a humanidade e consigo próprio. O biografando coloca a reflexão filosófica a serviço do homem e de Deus, ensinando a cada um como distinguir o seu destino, a serviço da ética e da estética. Para ele, o agir correto e a descrição completa e exata das vivências humanas devem ter prioridade sobre os demais problemas.

O JORNALISTA

Do jornalista é quase impossível falar. Se não vamos chegar, sequer, à linha mediana, o silêncio é o melhor lenitivo.

Analisar as miríades de filigrânicos editoriais não é empresa difícil; é impossível. Uma pequena amostra foi registrada no filósofo e no sociólogo.

Só nos resta dizer: parabéns, jornalista.

ELEIÇÕES

Rosinha, professora primária, residia numa pequena cidade do interior e exercia sua profissão na zona rural, nos sítios distantes, nas fazendas, percorrendo caminhos, estradas e picadas difíceis de vencer. Jovem, baixinha tipo *mignon*, moreninha de sorriso franco e agradável de se ver e de fácil convivência, rodava com seu jipe 4 x 4 pelas veredas poeirentas ou lamacentas do sertão, um veículo que enfrentava qualquer parada, dizia. Ia e vinha todos os dias, não se abatendo perante as intempéries, distâncias ou caminhos ruins, e era aguardada por todos com muito carinho. A sua chegada provocava um alarido das crianças e um sorriso fugaz de acolhimento das mães. Dir-se-ia que a cada dia o seu aparecimento era uma festa. Querida por todos, espargia alegria no rosto dos adultos e nos olhos da garotada. Pudera, era boa de coração e nunca negava prestar um favor: carregava alunos, dava caronas às mães quando precisavam ir à cidade, trazia compras e remédios para os sitiante e seu jipe não raro servia de ambulância.

Um aspecto curioso é que, em função do seu trabalho e das escolas rurais não abrigarem, geralmente, professores efetivos, a cada ano cabia a ela nova escolha e quase sempre a mudança da sede de exercício, razão por que passava de um sítio ou uma fazenda para outro ou outra, provocando com isso o espraiamento de contatos, a ampliação do rol de amigos e conhecidos e alargando os horizontes do seu próprio conhecimento.

Por tudo isso e porque as condições amistosas dos seus relacionamentos eram semelhantes na região urbana, algum amigo (?) açulou-a a se candidatar à vereança da cidade. Aceitou. E foi aceita, com alegria e satisfação, principalmente pelos moradores do campo.

A sua campanha foi, entretanto, árdua e penosa por causa do seu noviciado na política, apesar do seu vasto conhecimento da população e da boa receptividade do seu nome como candidata.

A cidade pequenina é, no entanto, o principal centro urbano do maior município do Estado em superfície territorial, município esse não muito famoso porque abriga muita área devoluta, com atividades predominantemente ligadas à pecuária e à agricultura. Foi prazeroso o trabalho da professorinha, percorrer uma a uma as fazendas e um a um os sítios das vizinhanças, pedindo apoio à sua candidatura. Mas, foi com alegria que, após longas jornadas, era recebida com carinho e respeito e exultava a cada palavra empenhada pelos “patriarcas” dando-lhe o apoio desejado. O seu jipe ficou famoso mais ainda e já era conhecido até pelo ronco, não tendo falhado em momento algum da campanha. Em todos os lugares Rosinha, Dona Rosinha, a Professora Rosinha recebia maciço apoio e o luzido da vitória se anunciava, tanto que à boca-pequena já se espalhava como favas contadas. Aquele era o seu reduto e a vontade popular voltava-se favoravelmente para a sua pretensão.

Por outro lado — e sempre há um outro lado —, o Ciço, caboclo avermelhado, que, por seu trabalho no maior armazém da cidade, ameahara larga amizade com os conterrâneos, quer por sua amabilidade e presteza, pois era “pau-para-toda-obra”, quer por ser sempre muito simpático no trato com os semelhantes, ora também candidato à reeleição, via a vaca ir para o brejo. Sempre se elegera com alguma facilidade por igualmente gozar da benquerença do povo. Agora, dada a projeção fantástica da candidata oposta, que, também não era

mais do que adversária, pois não era a inimiga a quem pudesse ir à luta e combater nos moldes sujos da política, com a agudez das depreciações pessoais, físicas ou morais. Isto posto, foi à luta com as armas que tinha. Amigo de muitos e padrinho de uma infinidade de crianças, aquele padrinho de tantos do sertão, muito comum de ser até pelo seu mandato de vereador.

Assim, Ciço percorreu o mesmo caminho de D. Rosinha, só que o fazia sempre após a passagem desta pelas vendas rurais. Ia, era recebido como amigo, com o mesmo carinho, entrava nas casas, convidado a sentar-se, sentava, puxando quase de imediato um toco de fumo de rolo que, geralmente, repartia com o anfitrião, aceitava o fumegante cafezinho trazido pela patroa e, conversa vai, conversa vem, dizia afinal: “É, compadre, vamos ter eleição este ano... Eu não vim antes porque tinha certeza do seu voto. Aliás eu conto com ele”. O que ouvia de volta tornou-se rotina: “Compadre Ciço, nós sempre votamos em você, mas desta vez vamos votar na D. Rosinha. Ela merece. Não é que você não mereça também, mas você já está nisso há muitos anos e, com seu conhecimento na cidade... dá para os dois”. Replicando, Ciço dizia: “Compadre, a D. Rosinha é candidata preferida de todos os sítiantes. Em todo sítio que passo, todo mundo vai votar nela. Afinal é uma excelente pessoa e merece todo o apoio. Já está eleita! Não há dúvida. Já está eleita! Mas, vejam, compadres (referindo-se ao casal), eu já perdi mesmo e não vejo como pedir, mas vou pedir, pois não quero chegar ao dia da apuração e constatar que sé eu votei em mim mesmo e — com a cara triste —, já imaginou compadre, um único voto. Vai ficar feio para mim. Por isso, amigos, como sei que não vai fazer falta para a Professora Rosinha, peço a vocês que votem em mim. Não fará diferença para ela, que, como eu já disse, já ganhou. Vejam, eu passei nos sítios Três Porteiras, Irapé, Aguado, Dois Irmãos e até na fazenda Sino de Ouro, do compadre Sebastião. Conversei com a turma dos Almeida, o pessoal

do Chicão e do compadre Felício e vão todos votar na D. Rosinha. Tem dó, compadre... Não deixe eu passar esse vexame”.

Assim, Ciço, com essa ladainha, passou fazenda por fazenda, sítio por sítio, semeando uma autocomiseração, sabendo de antemão que, naquelas paragens, palavra empenhada não permite outra resposta que não o silêncio, pois nem à boca-miúda é possível alardear mudança de voto.

A festa da candidatura eleita foi na casa do Ciço.

O APELIDO

O rapaz humilde e bondoso, criado na roça, sob a forte pressão das obrigações rurais na luta pela vida, pela subsistência mesmo, não era dado a vazões de conversa sem no entanto ser impertinente. Escapou do campo, daquela vida rotineira da fazenda, alojando-se na casa de parentes na pequena cidade interiorana e, abraçando a oportunidade que se lhe surgiu estudou o ginásio e o colegial, capacitando-se desta maneira a concorrer a uma vaga de Oficial de Justiça, vaga essa que o Poder Judiciário estava fadado a preencher para exercício naquela mesma região. Era a sopa no mel.

Vencido o obstáculo, aquele garoto matuto de algum tempo atrás deu lugar ao jovem funcionário da Justiça, função essa que passou a desempenhar bem, por ser aplicado no serviço e distinto no trato com os semelhantes. Cumpria suas obrigações na cidade e fora dela, pois, constantemente, era impelido a viajar para municípios vizinhos a fim de localizar e intimar pessoas com as contrafés, cópias dos mandados expedidos pelo juizado.

De repente na cidade corre a notícia de que em outra cidade não muito longe dali, um centro urbano bem maior, instalaram-se algumas faculdades e entre elas a de Direito, cujas provas vestibulares ocorreriam ainda naquele ano, bastando que os candidatos, cumpridas as exigências legais, fizessem suas inscrições. Ao mesmo tempo, o moço foi convidado a concorrer à vereança do município.

Ingressou na Faculdade e foi eleito vereador. A partir daí, mudaram suas maneiras de ser: peito estufado, andar ereto, todo cheio de si, apumado como um pavão, distribuindo “bonjour” pra todo mundo, achando-se o mais importante dos mortais.

Durante uma sessão da Câmara, na votação de um projeto de lei que envolvia tributos, um assunto que era de inte-

resse de alguns mas que desagradava outros tantos ou a maioria, o neófito saiu-se com esta: "Não importa, em sendo interesse da cidade, a quem vai aborrecer. 'Dura lec... lec... lec'."

Deste mal entendido, desta latinice, surgiu o apelido: Leque-leque, que ele ostenta até hoje.

Moral da história: Não é preciso nem ser o sociólogo nem o presidente para exhibir falsa erudição e entrar no besteirol.

GUTALAX, O TELEVISOR E O DELEGADO

Há perto de uma dezena e meia de anos, um grande amigo meu adquiriu, numa cidade do litoral, um terreno com uma edícula construída nos fundos, num recanto ermo e sossegado.

Não passava de uma humilde construção, uma verdadeira tapera, e por ser o primeiro empreendimento imobiliário do companheiro, tornou-se desde logo motivo de muita alegria para ele e a família, e para mim e meus filhos.

Mas não há bem que sempre dure... Alguns percalços foram ocorrendo. À cada descida para a orla, a cada visita ao local, uma surpresa desagradável: a casinha houvera sido arrombada e alguns objetos, furtados. Das bebidas ali deixadas só os vasilhames vazios sobravam. Assim, uma cama, colchões, apetrechos de cozinha foram desaparecendo, de tal ordem que, encontrar a casa aberta, luzes acesas, roupas de cama, colchões pelo chão, grades de ferro retorcidas, já não se constituía surpresa. Houve oportunidade em que a casinha fora tomada de assalto simplesmente para mostrar-nos quem mandava lá ou meramente para beber, fumar e dormir.

Inúmeras vezes compareceu à delegacia de polícia local a fim de lavrar o "B.O.", coisa que nunca nada adiantou, porquanto nenhuma providência efetiva fora tomada. Nada de investigações, nada de visitas ao bairro e, mesmo os elementos suspeitos da região eram incomodados. Prisão de algum mau elemento, nem pensar.

Num certo dia, ao chegar, segundo relatou-me, encontrou a porta da casinha aberta, porta essa que dava acesso direto à cozinha, percebendo de imediato a ausência de um fogão, de dois que tinha. Justamente o mais novo, de acendimento automático. Um fato chamou-lhe a atenção provocando a agudez dos sentidos: na sua estada anterior, o caseiro de um

vizinho que com ele fizera amizade e que vivia ali no bate-papo, cantara-lhe na doação de um deles. Diante da negativa, pois, no litoral, quem tem um não tem nenhum, aparentemente conformou-se.

Bem, o fogão sumira, alguns colchões espalhados pelo quarto e pela sala, garrafas de marafo (cana) esvaziadas, pontas de cigarros pelo chão e ele sem ter a quem recorrer. Foi nesse instante, como que acometido por um estalo de Vieira, pôs-se a maquinar, a bolar algo, uma idéia qualquer, para retribuir aos pilantras, não na mesma moeda por ser isso impossível, mas uma desforra que lhe desse a sensação ao menos de um empate.

Assim nasceu a idéia inspirada num acontecimento passado com outro amigo nosso, quando a sua esposa tentava matá-lo de tanto evacuar ou simplesmente fazê-lo parar de beber, adicionando *Gutalax* em sua caninha, o seu aperitivo diário. Ele quase virou do avesso. Mas, isto é outra história, que fica para outra oportunidade. O amigo, conforme relatou-me, não era apreciador de aguardente de rótulo, como *51, Velho Barreiro, 3 Fazendas* e outras, porquanto consumia as de alambique, de garrafão, que ele mesmo ia buscar, o que não impedia de ter sempre, trazidas por outras pessoa, litros e garrafas das mencionadas marcas na cozinha da edícula, já que tinham também seus apreciadores. E, como resultante das invasões sofridas e a constatação de que a cachaça ali deixada era avidamente consumida pelos sacanas, e a recordação do forte purgativo de nome *Gutalax*, incolor, inodoro e sem sabor, propiciou em duas oportunidades a preparação de dois litros de pinga das de rótulo, retirando-lhes o selo com cuidado e meio copo do líquido, adicionando em seu lugar o conteúdo de meio vidro do purgante. Trabalho feito com seringa hipodérmica zero bala, isto é, novíssima e com o cuidado que reposição dos selos que eram preservados ao lado.

Sucesso! No primeiro retorno, para não perder o costume, a casinha fora invadida. Era a rotineira visita. Desta vez

quase nada sumira porque muito pouco havia para roubar. Mas... era a vez de um delicioso mas... A cachaça fora todinha consumida. Os malandros enxugaram os dois cascos e, infelizmente, não deixaram rastros por, certamente, terem se retirado às pressas.

Na segunda vez, após a carinhosa preparação dos litros, voltou para o planalto e retornou à orla somente uns dez dias depois. Sucesso absoluto! O estrago estava evidente. Defecaram no mundo! Até tampa da privada foi arrebatada e o mau cheiro localizado não permitia dúvidas.

O episódio foi motivo de muita risada, brincadeiras, gozações e chacotas quando avistávamos algum elemento suspeito. “Olha, esse aí é um dos que devem ter se lambuzado”.

Foi durante uma churrascada, numa roda de amigos, ao tomar conhecimento do fato, outro vizinho que compartilhava do grupo, após muito se divertir, pôs-se a relatar um caso que acontecera com ele. A sua casa de praia, situada não muito longe das nossas — à essa altura eu também já comprara uma — era, igualmente, embora não tão à miúdo, alvo dos gatunos. Numa ocasião, furtaram-lhe pratos, talheres, roupas de cama e um televisor.

Muito *p. da vida*, foi à delegacia de polícia fazer o B.O. e requerer, das autoridades, providências quanto ao fato e que se desse uma busca em um bairro próximo, onde encontravam-se elementos suspeitos. Foi quando sentiu na pele que nós da capital, lá embaixo, somos considerados turistas e que turista é pra isso mesmo. Deixar lá o dinheiro na exploração comercial e ser roubado.

Na delegacia, fui recebido por um atendente:

— O que o senhor deseja?

— Quero falar com o delegado.

— Sinto muito, o doutor saiu!

— Saiu? Não é o seu horário de trabalho?

— É, mas ele precisou sair e, hoje, acho que não volta

mais.

— E amanhã?

— Amanhã, talvez... Se ele não tiver que levar a esposa ao médico.

— Há alguém que possa me atender?

— O escrivão, fulano de tal, pode fazê-lo.

Levado à presença do escrivão, após os cumprimentos de praxe, disse:

— Eu vim dar uma queixa sobre uma invasão domiciliar e furto.

— Ah! O senhor que fazer um boletim de ocorrência.

— Isso mesmo, um B.O. e pedir providências para que haja policiamento no bairro e investigação quanto ao que vem acontecendo.

— Sente-se, por favor.

Papel colocado na máquina de escrever, identificação do queixoso, endereço e esclarecimentos sobre o caso. Após listar os objetos furtados, disse o funcionário policial:

— Olha, temos aqui um quarto cheio de aparelhagens e objetos recuperados. O senhor quer dar uma espiada? Quem sabe o senhor poderá encontrar alguma coisa, inclusive o seu TV.

— Claro, vamos lá.

Encaminhamo-nos para um cômodo localizado aos fundos do prédio e ali deparei-me com um amontoado de tranqueiras e até alguns televisores. Mas o meu não estava naquelas pilhas.

— Sabe — disse o escrivão —, hoje um caminhão a nosso serviço saiu para buscar um monte de produtos de furtos que foram recuperados. Por que o senhor não dá uma passadinha aqui amanhã para verificar se o seu aparelho foi encontrado e já aproveita para falar com o doutor delegado?

— Tudo bem, voltarei amanhã.

Retornado ao meu recanto, segurando uma cópia

do inútil B.O., desanimado, cogitei de não comparecer no dia seguinte, porém, estava muito bronqueado, razão por que não resistindo ao apelo do sentimento de ira e voltei à delegacia.

— Bom dia! — Disse ao recepcionista.

— Bom dia! — Respondeu ele.

— Eu quero falar com o delegado. Ele está?

— Ah! O senhor é quem esteve aqui ontem. Está sim! Vou comunicar ao seu assistente — o mesmo escrivão do dia anterior —, e ele o levará à sala do doutor.

Aproximando-se o escrivão cumprimentou-me e foi logo dizendo:

— Venha comigo. — E fomos à sala de despejo, mas o meu aparelho de TV não estava lá. Retornamos e dirigimo-nos ao gabinete da autoridade maior, que, aparentemente estudava um processo qualquer. O servidor, após leve batida na porta, entrou na sala e dirigindo-se ao delegado foi logo explicando:

— Doutor....., este cidadão quer falar consigo a respeito de furtos que vem ocorrendo no bairro..... e, principalmente sobre o desaparecimento de um aparelho de TV de sua propriedade.

— Pois não. Aproxime-se e sente-se. Já o atendo.

Ao dirigir-me à mesa do delegado surpreendi a ambos com a exclamação em voz alta:

— Olhem! Olhem! Olhem o meu televisor ali! — Acomodado numa mesinha de canto, lá estava o bicho. — É ele mesmo, eu tenho certeza.

O delegado arregalou os olhos, enquanto o escrivão empalidecia, levantou-se e foi logo retrucando:

— Não é possível. Essa peça pertence à delegacia, pois, nos foi presenteada por um investigador. Como é que o senhor diz que é o seu? Como é que o senhor prova que é? O que é que é isso! Onde já se viu!

— Porque eu o conheço muito bem. É esse aí.

— Existem muitos aparelhos semelhantes e até mesmo iguais — replicou o delegado.

— Sim, é possível, mas esse é o meu e se o senhor quiser tirar a dúvida, olhe atrás do aparelho e lá encontrará, gravado, entalhado na madeira, o nome de minha filha.

— E como é que se chama sua filha?

— Margarida... Margarida é o nome dela.

Dito e feito. O exame da parte posterior da peça, revelou, entalhado na madeira o nome Margarida.

Sem se dar por vencido redargüiu o delegado:

— Margaridas há muitas. Isso não prova que o televisor seja seu. — E sem dar tempo para qualquer reflexão de minha parte, ajuntou enfaticamente: — O senhor quer saber de uma coisa, para acabar com qualquer dúvida que possa existir, traga-me a nota fiscal referente à compra do televisor.

— Não acredito, doutor! Não é possível o que estou ouvindo.

— É assim que tem que ser. O senhor tem de provar que o aparelho é seu e para isso só exibindo a N.F.

Sem mais palavras, pois as que eu tinha para dizer naquele momento provavelmente provocariam a minha detenção por desacato à autoridade, decaído, desenhado, voltei para casa a fim de procurar a tal nota fiscal de compra. Em casa, revirando minha papelada, passei a procurar o documento e, por ser um tanto metódico e ordeiro, não tardei a encontrá-lo, o que me impeliu a retornar à delegacia no dia seguinte.

Ao chegar, passei pelo recepcionista e fui direto à saleta do escrivão e fui logo dizendo:

— Eis aqui a nota fiscal, o documento comprobatório da aquisição do televisor. Vamos lá falar com o delegado.

— Não vai dar — disse o funcionário —, pois o doutor não se encontra no plantão e mesmo que estivesse não ia adiantar nada! A delegacia foi invadida por ladrões nesta madrugada e entre outras coisas levaram o televisor que o senhor disse que era seu.

Que fazer? É assim que funciona, opa, que não funciona a proteção policial aos contribuintes, não sendo, situações como essa, privilégio da orla litorânea.

Terminado o relato, após alguns comentários irônicos, por falta de outra coisa para fazer, fomos tomar mais uma. E viva o Brasil!

OS COPOS

A cidadezinha de Campos Verdes, situada no interior do Estado de São Paulo, há pouco mais ou pouco menos de 400 quilômetros da capital, com seus 4 a 5 mil habitantes, na década de 50, era de difícil acesso, já que as rodovias principais não passavam por lá e sim pelas cercanias das cidades maiores das vizinhanças.

A população da cidade vivia aquela vidinha do interior, com movimentação interna acentuada, mas sem muita atividade externa, só saindo em casos de negócios ou necessidade absoluta. Agropecuária dominava os campos, campos esses extensos e que adquiriam uma tonalidade verde na época das chuvas que era mantida por muito tempo, mesmo na estiagem. Daí o nome da cidade. O comércio interno era relativamente bem movimentado, dadas as dificuldades de contatos exteriores, mas os produtos agrícolas e de origem da criação de gado vez por outra encontravam compradores até mesmo em São Paulo. Assim, quando alguém vinha para a capital, trazendo produtos da região, fatalmente retornava com produtos da urbe, presentes, tecidos, aparelhos elétricos e novidades que poderiam causar furor no pessoal.

O Neco, caboclo velho, já nos seus mais de sessenta, forte, robusto e sempre muito alegre e comunicativo, que se dava com todos naquele lugar onde todo mundo conhece todo mundo, onde manter segredos nem pensar, tinha um caminhão.

O caminhão: digno representante da década de 20, fins dela, muito provavelmente 1927, *Ford* ao que parece e bem usado, com a carroceria meio inclinada para um lado, que pegava na partida, no tranco ou na manivela, mas pegava; aquele câmbio seco que gemia e gritava nas mãos de quem não soubesse engrenar a marcha, aquele que obedecia bem a quem soubesse guardar o tempo necessário para a embreagem

e a conseqüente cambiada; com as molas barulhentas e secas que, nas estradas e caminhos de terra, proporcionavam homéricos solavancos. Era o orgulho do seu dono, pois embora desgastado, agüentava o tranco e o “trampo”.

Na cidade, Neco, com o seu caminhão, executava serviços de entrega de mercadorias diversas em domicílio e da cachaça que ele produzia em um alambique do qual era proprietário pelos botequins e fregueses amigos da cidade e dos sítios e fazendas da zona rural. O Neco era nome de peso na cidade, pois volta e meia era requisitado para transportar mercadorias locais para o grande centro urbano — São Paulo, e o caminhão — não era qualquer um que podia ter um caminhão — representava um trunfo na vida do velho. Não havia transporte fácil para a capital e essas mercadorias, cereais, de um modo geral, tinham que chegar ao mercado central com uma certa urgência.

A viagem pela Raposo Tavares era terrível, porquanto, àquela época, além de ser estrada mal asfaltada, com trechos de terra bruta, era também estrada de um só leito, isto é, com uma só pista para duas direções. O tempo gasto no percurso variava de acordo com as condições de trânsito enfrentadas, com uma média de 12 horas, por aí.

A oportunidade chegara. Um produtor local negociara uma enorme quantidade de mercadorias com um negociante da zona cerealista e no mercado municipal de São Paulo. O Caminhão preparado e carregado, lá veio o velho empreendendo aquela árdua viagem, rumo à cidade grande.

Descarregado o caminhão dos produtos que já estavam sendo esperados, tomou um lanche num dos botecos das imediações do mercado e quando já se preparava para retornar deparou-se com um vendedor ambulante, mascate, também conhecido hoje como camelô, que exibia, com alegria e perícia, uns copos que, vira-e-mexe, caíam no chão cimentado da calçada e não quebravam.

Impressionado com o fato, Neco aproximou-se para ver

melhor... e viu! Realmente os danados eram inquebráveis. Estava perplexo. Imediatamente passou a deleitar-se: “eis aí a novidade. Nem terei de procurar mais.” Achevou-se ao “marreteiro”, pediu para ver e apalpar os copos e, num gesto repentino, atirou um ao chão. O copo pulou no passeio e não quebrou. O efeito foi o desejado e um sorriso de satisfação inundou-lhe as faces. Segundo o relato de um filho que o acompanhava na empreitada, teria resmungado: “Vou comprar uma caixa desses copos de vidro inquebráveis e quero ver se aqueles filhos-da-mãe lá em casa vão conseguir quebrar um copo.”

Adquiridas as peças, que já estavam embaladas numa caixa de papelão, encetou a viagem de volta para a sua querida Campos Verdes. Ao se aproximar de casa fez-se anunciar com buzinas do caminhão e assim ao atingir o portão, desceu rapidamente e, avistando Cidinha, sua mulher, gritou: “Cidinha, Cidinha, veja isto! Pega!...” E arremessou o pacote de copos em sua direção. A esposa surpreendida por aquele gesto tão repentino e inesperado... Não segurou! Com um barulho diferente porém conhecido de vidro ao quebrar-se, lá se foram os copos “inquebráveis”. Não sobrou um só inteiro para remédio. O desolado Neco, balbuciando algumas palavras provavelmente não-publicáveis, teve ainda que embrulhar tudo em bastantes folhas de jornal, a fim de não ferir as mãos do coletor de lixo.

VANDA FAGUNDES QUEIROZ

Acadêmica Correspondente

MEU CAJADO

Os passos embaralho
nas curvas da jornada
tão dura
Vou trôpega sonâmbula
Há escarpas na escalada
escura

Não sei se a noite veio
se é dia
A luz é esgazeada
Sou sombra
nas curvas do caminho

A boca é cavernosa
da vida
Não quero diluir-me
no caos

Apanho o meu cajado
meu verso
tenteio o meu fanal
Poesia

INTEMPÉRIE

Já noto
descambando para a neve
a cor do meu cabelo
Era dourado
como algumas coisas brilhantes e sonoras

Diante do espelho
já desconheço
a roupagem nova do meu rosto antigo

A enxada do tempo
fez sulcos
na terra fatigada

Plantei tanta semente
nas covas
nem sei se cultivei

Sou planta desfolhada
que temo
a tempestade
e a neve
que vai cair sem fim

RESENHA DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS ANO 2000

Fevereiro:

Reunião: 1.

Centésima nonagésima quarta.

Acadêmicos presentes: 11.

Presença da Academia através representação:

- Curso de Treinamento de Guias de Turismo Receptivo (PMG).
- Painel — OAB — Importância do Inquérito Policial.
- Folguedo “Brincando na rua” (PMG).

Assuntos tratados:

- *1ª Revista da Academia*: Considerada com ótimo aspecto formal e com senões gráficos.
- Desistência da poetisa Aurora Romão de participar como membro do Sodalício, por não tomar posse em tempo hábil.
- Recebimento do livro *Rimas e Rumos* do Ac. José Alves do Carmo.
- Recebimento da *Revista* da Fac. de Direito de Guarulhos.
- Preleção sobre o trabalho de João Guimarães Rosa.
- Formação de chapas concorrentes para a eleição da nova diretoria.

Março:

Reuniões: 2.

Primeira reunião: Centésima nonagésima quinta (especial).

Acadêmicos presentes: 9.

Assuntos: Apresentação das chapas concorrentes e eleição imediata da nova diretoria. Atendidas as disposições estatutárias e não havendo mais do que uma chapa concorrente, realizou-se a eleição cujo resultado unânime determinou a seguinte composição diretora, formada pelos Acadêmicos: Presidente — Flávio Giovanni Trombetti; Vice-presidente — Milton Luiz Ziller; Secretário Geral: Alfredo Ibrahim Khouri; 1º Secretário: Isabel Borazanian; 2º Secretário: Armando Attílio Colacioppo Sobrinho; Tesoureiro Geral: Laerte Romualdo de Souza; 1º Tesoureiro: Clarimundo de Oliveira Aguiar; 2º Tesoureiro: Espedito Pinheiro de Souza; Conselho Fiscal: Bismael Batista de Moraes, José Alves do Carmo e Aristides Castelo Hansen. Foi designada a data de 26 de abril do corrente para a posse da nova diretoria, declarada eleita pelo senhor Presidente.

Segunda reunião: Centésima nonagésima sexta reunião.

Acadêmicos presentes: 9.

Correspondência:

• Comissão julgadora do Certame Cultural de Poesia (PMG).

• Banespa — renovação de cartões e taxas especiais.

• Festejos carnavalescos.

Presença da Academia, por representação:

• 2ª Conferência dos Escrivães de Polícia do Espírito Santo.

• Festejos carnavalescos.

• Orçamento participativo de Guarulhos.

• Extensão da rede de esgotos — B. Pimentas.

• Dia Internacional da Mulher.

• Brincando na Rua.

• Loja Maçônica Livres Pensadores nº 160 — assunto: Discriminação da Mulher.

• Emancipação Política de Guarulhos (PMG).

• Concurso de poesia da Infraero de Guarulhos. Participação no julgamento.

• Primeiros trâmites para constar verba orçamentária para a Academia, na Prefeitura.

• Festejos dos 500 anos de Guarulhos.

Livros:

• Recebimento do livro do poeta César Magalhães Borges.

• Exemplar da *Revista* da Academia de Ciências, Letras e Artes dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo.

Cursos:

• Instituídos na Academia cursos sobre Escolas Literárias, a serem ministrados na sede, em V. Galvão.

Abril:

Reuniões: 2.

Primeira reunião: Centésima nonagésima sétima.

Acadêmicos presentes: 12.

Visitantes: Um jornalista e uma aluna de curso da Academia.

Assunto central: solenidade de posse da nova diretoria eleita, com a participação artística de menores, alunos de conservatório musical local, encenação de poemas por companheiros acadêmicos, finalizando com as palavras do Presidente que sai, João Ranali e a do Presidente que assume, Flávio Cleto Giovanni Trombetti. Aquele, enaltecendo a figura do recém-eleito e este, agradecendo a confiança nele depositada e o compromisso de não alterar o esquema de trabalho.

Segunda reunião: Centésima nonagésima oitava.

Acadêmicos presentes: 12.

Eventos com a participação de Membros Acadê-

micos:

- Exposição de desenhos de crianças, com representantes: do Ministério da Educação, da Unicef, da Unesco, da Prefeitura Municipal, da Câmara Municipal, das Secretarias Municipais, da Associação Comercial e Industrial de Guarulhos, da Associação dos Artistas Plásticos de Guarulhos, de escolas e crianças do Município.

- Exposição de trabalhos, no Bosque Maia, de pintura e escultura, de artistas plásticos guarulhenses, com a inauguração de estátua do índio, culminado com um recital em que participaram Acadêmicos da AGL.

- Apresentação de crianças índias no ritual de dança "Memória Viva Guarani", grupo que se apresentará na Europa.

- Exposição dos índios Xavantes.
- Festejos dos 500 anos — inclusive preleções.
- Homenagem ao novo presidente da Academia, lembrado por ter sido um dos melhores professores da Faculdade de Direito de Guarulhos.

Outros assuntos:

- Entrega do material para a próxima *Revista*.
- Requisição dos disquetes do material retido pela editora da *Revista*.
- Convite para o sarau do dia três de maio, Biblioteca Monteiro Lobato.

- Homenagem especial às menores poetisa e cantora pela participação na posse da nova diretoria da AGL.

- Cursos na sede, de Literatura e Versificação, História de Portugal e do Brasil e Filosofia: intensificar promoção.

- Assinatura por parte de todos os colegas do convite recebido pelo novo Presidente a ser guardado como lembrança.

- Elaboração do edital abrindo inscrições para duas vagas, a ser publicado na imprensa local.

Maio:

Reunião: 1.

Centésima nonagésima nona.

Acadêmicos presentes: 8.

Assuntos e participação em eventos:

- Publicação na imprensa local do edital de abertura de inscrições para duas cadeiras vagas.

- Concurso de poesia da Infraero — premiação dos melhores trabalhos.

- Exposição da Artista Camile.

- Ciclo de palestras na Academia (5^{as} feiras) — Ofícios expedidos.

- Participação na Comissão Organizadora dos festejos dos 500 anos do Brasil.

- XVI Bienal Internacional do Livro — lançamento de livros do Ac. Clarimundo de Oliveira Aguiar.

- Intercâmbio Cultural — Associação dos Magistrados.

- Solenidade de instalação da Biblioteca Braille, junto da Biblioteca Municipal Monteiro Lobato.

- Censura ao governo estadual pela pretensão de extinguir as turmas especiais (excepcionais).

- Material para a próxima *Revista*.

- Leitura de poemas do poeta Chico.

Junho:

Reunião: 1.

Ducentésima.

Acadêmicos presentes: 8.

Assuntos e participações em eventos:

- Ofícios — convite da PMG para a exposição de Filatelia do Correio, do evento "Brincando na rua", reabertura do Hospital e Maternidade de Guarulhos e Exposição de Dese-

nho, Imigração Japonesa e outros eventos.

- Material de publicação do edital de inscrição, para curso de Filosofia, Literatura e Versificação e História do Brasil e de Portugal, a ser ministrado na Academia para alunos do segundo grau.

- Desagravo de companheiro, por tratamento não compatível a um representante da Academia, por parte de um Secretário de Governo Municipal.

- Enfermidade do Sr. Presidente da Academia — razão das representações.

- Ofício ao Sr. Prefeito Municipal sobre o assunto desagravo.

- Biblioteca Braille — inauguração com pouco interesse da Municipalidade.

- Exposição Histórico Cultural — PMG. Exemplos de livros de acadêmicos, poemas, relação dos acadêmicos e patronos das cadeiras, breve relatório sobre a Academia, dados biográficos de acadêmicos.

- Material para a *Revista*.

- Pedido de inclusão no orçamento Municipal de recurso para a Academia.

- Ofício à Associação dos Magistrados Brasileiros sobre o envio de exemplares de cartilhas sobre cidadania, para nossos estudantes.

- Reforma de móveis da Academia realizados por companheiros acadêmicos.

- Apreciação sobre o baixo nível dos estudantes contemporâneos, com debates.

Julho: Não houve reunião.

Agosto:

Reunião: 1

Ducentésima-primeira.

Acadêmicos presentes: 8.

Assuntos e participações em eventos:

- Recebimento, pelos acadêmicos, de exemplares da Segunda Revista da Faculdade de Direito de Guarulhos. Agradecimentos.

- Constituição de comissão para a apreciação dos trabalhos de um candidato inscrito para uma das vagas na Academia e apresentação de relatório até o final de outubro vindouro.

- Declarada vaga a cadeira cuja patrona é Cecília Meireles, oficiando-se a candidata à vaga, em função da sua não tomada de posse.

- Leitura de material da Academia Paulistana de História, referente a prêmio conferido ao Ac. Clarimundo de Oliveira Aguiar, pelo ensaio *Os Templários*.

- Postos em discussão os termos do contrato para a edição da 2ª *Revista da Academia*.

- Simpósio Jurídico sobre Segurança Pública e Direitos Individuais, na Associação dos Delegados de Polícia, em São Paulo, com representante da AGL.

- Declamação da poesia “É tarde! Muito tarde!” Do Acad. Adolfo Vasconcelos Noronha, com cópias distribuídas aos presentes.

- Informações da Secretaria Municipal da Cultura sobre a verba no valor de cinco mil reais em favor da Academia. Aguardar entrada no orçamento.

- Tesouraria — informações sobre a arrecadação interna pelas mensalidades e aplicações bancárias

- Amostra de Arte no 8º Distrito Naval de São Paulo — Presença de representante da AGL e artistas guarulhenses.

- Mostra de Arte Técnica e Estilo, no Hotel Deville, com representante da AGL.

- Solenidade, na Vila Olímpia (SP), com trabalho da artista Jane Duboc. Idem.

- Convite de aluno para participação em debate políti-

co, no Parque Cecap. Por não haver participação dos ouvintes, deixou de ter interesse.

- Trabalhos de artista — Convite. Proposição de outorga de certificado de honra ao mérito a pessoas que participam de trabalhos comunitários, por ocasião do lançamento da próxima *Revista da AGL*. Comissão formada para elaborar regulamento. Certificados também a artistas guarulhenses.

- Ofício ao Sr. Prefeito Municipal para confirmação do que fora tratado com a Sec. da Cultura, sobre recurso orçamentário.

- Exame de volumosa correspondência recebida.

Setembro:

Reuniões: 2.

Primeira reunião: Ducentésima segunda (especial)

Acadêmicos presentes: 9.

Assuntos: Eleição da nova diretoria — A eleição passada realizada em março (centésima nonagésima quinta) foi tornada sem efeito por não aceitação do Cartório de Registro para registrá-la à vista da extemporaneidade da realização.

Para o mandato de 1º de outubro de 2000 a 30 de setembro de 2001, foi eleita a chapa concorrente única, assim constituída Presidente: Flávio Cleto Giovanni Trombetti; Vice-presidente: Milton Luiz Ziller; Secretário geral: Alfredo Ibrahim Khouri; Primeiro secretário: Isabel Borazanian; Segundo secretário: Armando Attilio Colacioppo Sobrinho; Tesoureiro geral: Laerte Romualdo de Souza; Primeiro tesoureiro: Clarimundo de Oliveira Aguiar; Segundo tesoureiro: Espedito Pinheiro Souza; Conselho Fiscal: Bismael Batista de Moraes, José Alves do Carmo e Aristides Castelo Hansen — todos acadêmicos. Atendidas as disposições estatutárias, realizou-se o pleito e eleita a chapa concorrente única, ficando ratificados os atos de posse.

Segunda reunião: Ducentésima terceira

Acadêmicos presentes: 8.

- Correspondência recebida e assuntos diversos: inaugurações diversas da PMG (EMEFs, exposição artes do Colégio Progresso, semana do idoso, casa das pessoas deficientes, geração de trabalho e renda, quadras esportivas, praças, estátuas, concurso de poesia do C. Progresso, leilão de arte, certames e festivais de artes e Jornal Correio das Artes de Paraíba.

- Recebimento do livro *Segurança Pública e Direitos Individuais*, com exposição explicativa.

- Condepol Brasil, Rondônia — com exemplar de revista e participação de acadêmico e exemplar sobre a reforma do C. de Processo Penal.

- Atividades da Tesouraria.

- Concessão de títulos da Academia.

- Resenha das atividades dos acadêmicos na contracapa ou últimas páginas da Revista da Academia.

- Jantar de confraternização — Hotel Deville — “Arte em Noite de Gala”.

- Recebimento de obras do poeta José Antonio, com leitura de trechos.

- Aprovação do candidato César Magalhães Borges para integrar o Sodalício.

- Comissão para a preparação da solenidade de posse e da 2ª Revista.

- Declamação de poemas de Cornélio Pires e Bastos Tigre.

Outubro:

Reunião: 1.

Ducentésima quarta

Acadêmicos presentes: 9.

Correspondência e assuntos diversos:

- Jogos, inaugurações, mostras e exposições.
- Exemplar do Correio das Artes de João Pessoa, Paraíba.
- Recortes de jornais sobre folclore e histórias de mesa de bar.
- Livro incentivado o hábito da leitura (Liv. Bartolomeu).
- Convite — cursos da USP/Fundac.
- Revista Brasília.
- Exemplar do livro *Segurança Pública e Direitos Individuais*.
- Reserva da Câmara Municipal para a solenidade de posse de novo Acadêmico, entrega de certificados a participantes de cursos da Academia e lançamento da *Revista do ano 2000*.
- Ofícios: ao poeta Paulo Conserva, agradecendo material, ao eleito vereador Gasparino José Romão Filho, à família do Prof. Roberto Plínio Colaccioppo (Movimentos Culturais).
 - Regulamento para concessão de títulos honoríficos.
 - Programação para dezembro: cerimônia de posse do novo acad. Cesar Magalhães Borges; estabelecido o rodízio dos oradores acadêmicos.
 - Limitação em 10 folhas para cada acadêmico, na *Revista*.
 - Declamação de poemas.

Novembro:

Reuniões: 2.

Primeira reunião: Ducentésima quinta.

Acadêmicos presentes: 7.

Assuntos:

- Relançamento de obra do Acad. Aristides Castelo Hansen.
- Cursos de extensão cultural da Academia.

- Oração sobre as atividades acadêmicas.

Segunda reunião: Ducentésima sexta.

Acadêmicos presentes: 9.

Assuntos e correspondência recebida:

- Acróstico do poeta Orlando Del Gílio Gili — homenageando o Acad. Castelo Hansen.
- Da PMG, sobre: Casa de Acolhimento de Guarulhos, Sexagésimo aniversário da Biblioteca Monteiro Lobato, leilão de artes, Concurso de Alimentação Alternativa, aniversário da Cidade (440 anos), passeio ciclístico, Boletim Oficial e ofício para diversos eventos.
 - Instituto Histórico e Geográfico. — escrevendo Brasília.
 - Correspondência expedida: ao vereador Gasparino José Romão Filho, ao Secretário de Educação.
 - Ordem do Mérito Cultural Carlos Gomes — lãureas ao Acad. Clarimundo de Oliveira Aguiar.
 - Escola Roberto Plínio Colaccioppo.
 - Continuidade dos cursos ministrados pelos acadêmicos.
 - Posse do novo diretor da Fac. de Direto de Guarulhos, Dr. Paulo José da Costa Júnior, em fevereiro p. f.; — da Academia Paulista de Letras. Expedição de ofício, com cópia da ata em tela.
 - Nominação dos autores de quaisquer propostas.
 - Concurso de poesia do Colégio Cons. Crispiniano.
 - Representação da Academia no lançamento de livros no auditório da Univ. de Guarulhos.
 - Ofício à PMG protestando quanto à não inclusão da Academia nos festejos do aniversário da cidade.
 - Aprovação do programa na solenidade de dezembro vindouro.
 - Representação da Academia em movimentos culturais.

- Tesouraria — Prestação de contas gerais e sobre a publicação da *Revista*.

- Desinteresse da Prefeitura pela solenidade.
- Candidato em potencial para uma cadeira na Academia.

- Votos de felicidade à neta do Acad. Espedito Pinheiro de Souza.

Dezembro:

Reuniões: 2.

Primeira reunião: Ducentésima sétima.

Acadêmicos presentes: 11

Assunto: Solenidade, no plenário da Câmara Municipal, para a posse do Acad. Cesar Magalhães Borges e lançamento da 2ª *Revista* do Sodalício e entrega de certificados.

- Presenças: Dr. Fábio Bernardes Trombetti, presidente da 57ª Subseção da OAB, vereador Gasparino José Romão Filho, alunos do Conservatório Musical de Arte e cento e oito convidados.

- Posse do novo acadêmico, com mensagem de apresentação, diplomação e agradecimentos do diplomado.

- Números musicais e declamatórios.

- Entrega de certificados artista plásticos e do Curso de Extensão Cultural aos formandos.

- Lançamento da 2ª *Revista da Academia*.

Segunda reunião — Ducentésima oitava.

Assunto: Jantar de confraternização. Local: Bosque Maia;

Acadêmicos presentes: 11.

- Presença das secretárias administrativas, esposas e filhos de acadêmicos

- Não se falou em trabalho.

DIRETORIA 2001/2001 ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Na 215ª reunião foi eleita e empossada na 217ª a diretoria que regerá o Sodalício, de 27 de setembro de 2001 a 26 de setembro de 2002, assim constituída:

Presidente: acadêmico Adolfo Vasconcelos Noronha;

Vice-Presidente: acadêmico Bismael Batista de Moraes;

Secretário Geral: acadêmico Milton Luiz Ziller;

1º Secretário: acadêmico Clarimundo de Oliveira Aguiar;

Tesoureiro Geral: acadêmico Alfredo Ibrahim Khouri;

1º Tesoureiro: acadêmica Isabel Borazanian;

2º Tesoureiro: Armando Collacioppo Sobrinho;

Conselho Fiscal: João Ranali, Flávio Cleto Giovanni Trombetti e Laerte Romualdo de Souza.

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS
Rua Francisco Gonzaga de Vasconcelos, 42
Vila Galvão - Guarulhos - SP
Cep: 07074 - 040



Impressão e Acabamento:
Scortecci Gráfica
Telefax: (11) 3815-1177
grafica@scortecci.com.br

Não há ego que não se regozije ante o mister de apresentar a edição de um livro e é assim que me sinto rejubilar pela recomendação deste, como se fora o derradeiro ato de uma peça em que o amor triunfa.

O caráter apolítico da obra não impede a manifestação das idéias e dos ideais de cada um dos escrevinhadores, nem tolhe a liberdade de pensamento e expressão, pois é dessa diversidade que provém o encanto de se envolver com personalidades diferentes e mesmo divergentes, variedade de estilos e amplitude de assuntos.

Eis, pois, a Revista número 3 da Academia Guarulhense de Letras, a primeira lançada no século XXI que, creio, irá enriquecer o pódio cultural desta urbe.

Acd. Milton Luiz Ziller